



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**SANDRA BRITO FREITAS DE SANTANA**

**REPRESENTAÇÕES DE CASAIS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA  
GRAVIDEZ**

**SALVADOR  
2006**

SANDRA BRITO FREITAS DE SANTANA

**REPRESENTAÇÕES DE CASAIS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA  
GRAVIDEZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de mestra, área de concentração, Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher.

Orientadora:

Profª Drª Normélia Maria Freire Diniz

SALVADOR

2006

SANDRA BRITO FREITAS DE SANTANA

REPRESENTAÇÕES DE CASAIS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA GRAVIDEZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de mestra, área de concentração Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher.

Aprovada em 20 de Junho de 2005.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Souza Santos – UFPE  
1<sup>a</sup>. Examinadora

---

Prof. Dr. Álvaro Pereira  
2<sup>o</sup>. Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regina Lúcia Mendonça Lopes  
Suplente

## DEDICATÓRIA

Aos meus tios, Rubem e Amélia, que estiveram presentes em todos os momentos da minha vida, sempre me apoiando, incentivando e demonstrando todo amor e carinho.

Ao meu esposo Sérgio e a minha filha Larissa, por compartilharem comigo este momento tão especial em minha vida e por serem as pessoas a quem mais amo no mundo.

## AGRADECIMENTOS

Para ser feliz é preciso sonhar, transpor os obstáculos, ter fé, esperança e acima de tudo Amor.

Muitas pessoas contribuíram para concretização deste estudo, a elas agradeço:

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por estar sempre comigo em todos os momentos desta trajetória;

À Profª Drª Normélia Maria Freire Diniz, pela orientação, dedicação, compreensão durante todo este percurso. Agradeço a Deus por ter colocado no meu caminho uma pessoa tão especial quanto você. Sinto-me gratificada por tudo que consegui avançar enquanto pessoa e profissional tendo seu exemplo para me conduzir;

À Profª Drª Maria de Fátima Santos, pela disponibilidade em participar da banca examinadora;

À Profª Drª Regina Lúcia Mendonça Lopes, pelas sugestões valorosas que contribuíram bastante para a qualidade do estudo;

Ao Prof. Dr. Álvaro Pereira, pela disponibilidade par colaborar com os aspectos da masculinidade;

À Profª Drª Enilda Rosendo do Nascimento, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUFBA, por sua atenção e apoio;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUFBA, pelas contribuições valiosas a minha trajetória acadêmica e profissional;

Às colegas do mestrado pela convivência, carinho e amizade, especialmente: Amália, Adriana, Aldacy e Rita;

À bolsista do PIBIC, Daniela Santos, pela ajuda na realização do grupo de gestantes;

As secretárias da Pós-Graduação (Edivaldina, Alzira e Cláudia) pela disponibilidade, carinho e paciência;

À Paula Berinson, por seu trabalho de revisão da língua portuguesa;

À minha família, que mesmo estando ausente fisicamente, se fizeram presentes pelo carinho e apoio constantes durante esta difícil jornada;

Ao meu filho, Igor, ao meu pai, Edvaldo, e ao meu tio, Pedrinho, que embora não estejam mais neste plano físico, suas presenças são eternas na minha vida;

Ao meu cunhado, Roberto, pela disponibilidade, pelo auxílio na área de informática e outros;

Ao Coletivo de Mulheres do Calafate – CMC, por ter possibilitado a concretização deste estudo no seu espaço e ter colaborado na minha aproximação com os sujeitos da pesquisa. Em especial às coordenadoras ( Rosenilda e Marta);

Às gestantes e seus companheiros, que participaram desta pesquisa, por compartilharem suas vivências familiares, possibilitando a realização deste estudo;

À instituição de fomento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que apoiou financeiramente a pesquisa com a concessão da bolsa;

A todos os nomes que não foram aqui citados, mas que fazem parte da minha vida e a quem quero muito bem.

## RESUMO

A violência doméstica é um problema social de grande dimensão que afeta toda a sociedade, atingindo, de forma continuada e crescente, especialmente a mulher. No espaço doméstico, por um processo de domínio e poder estabelecido pelas regras sociais, agressores com laços consangüíneos ou de parentesco perpetuam a violência contra a mulher. A violência durante a gravidez traz efeitos destrutivos na saúde física, mental e reprodutiva da mulher, além de conseqüências para a saúde do conceito. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e que tem como referencial teórico-metodológico as Representações Sociais, tem como objeto as representações de casais sobre a violência na gravidez e como objetivo analisar as representações de casais sobre a temática referida. O estudo foi realizado na comunidade do Calafate, localizada no bairro de San Martin, na cidade de Salvador, Bahia. Os sujeitos foram compreendidos por dez gestantes em situação de violência doméstica e sete companheiros nesta comunidade. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se os registros do grupo de gestante e entrevista semi-estruturada, agendada conforme a disponibilidade dos sujeitos. Os dados foram organizados a partir da Análise de Conteúdo, especificamente a Análise Temática, nos seguintes temas eixos: Representação do ser homem e do ser mulher, Relação familiar, Relação conjugal e gravidez. Entre os principais resultados observou-se que as representações dos entrevistados estão ancoradas nos valores, cultura que foram apreendidos e internalizados no locus familiar definindo a identidade de gênero de cada um. A vivência familiar marcada pela violência na infância e na adolescência foi reproduzida em seus lares, com os companheiros, filhos e outros, evidenciando que a violência é intergeracional. No que se refere à vivência de violência durante a gravidez, embora esta fase seja considerada um momento de “crise” no ciclo vital feminino, onde a mulher encontra-se mais susceptível, é também um momento crítico para o desencadeamento da violência nas relações familiares e conjugais favorecendo o adoecimento da mulher e do conceito.

Palavras-chave: violência doméstica; gravidez; relações de gênero; representações sociais.

## ABSTRACT

Domestic violence is a social problem of big dimension that occurs a growing and continued way, and affects the whole society, specially women. In a process of domain and power established by social rules, aggressors with blood or relationship ties perpetuate violence against women in domestic space. Violence during pregnancy period brings destructive effects in women physical, mental and reproductive health, beyond the consequences to the health of the new-born. The approach of this research is qualitative and the Social Representations are the theoretical-methodologic reference. Its object are couple representations about domestic violence in pregnancy and its objective is to analyse these couple representations about the theme mentioned above. The study took part in Calafate community, located in San Martin neighborhood, in Salvador city, Bahia. The subjects were ten pregnant women in a situation of violence at home and seven partners this community. The technique to collect data was the use of the registrations of the pregnant groups and the semi-structured interview, and the meetings were arranged according to subjects disponibilities. The data were organized from Analyses of Contents, specifically the Thematic Analyses in the following themes: Representations of being a man and of being a woman, Familiar relationship, Marriage relation and Pregnancy. Among the main outcomes we observed that the representations made by the interviewed are related to the values, culture which they internalized or were involved in, and in familiar locus, all these items defining the gender identity of each person. The familiar experience affected by violence in childhood and in adolescence was reproduced in their homes, with their partners, childs and other people, showing up that violence is intergerational. Referring to the violence experience in pregnancy, although this phase is considered a moment of "crisis" in the feminine vital cycle in which women are more sensitive, it is a critic moment to trigger violence in familiar and marriage relations, favouring illness in women and new-borns.

Keywords: domestic violence; pregnancy; gender relations; social representations.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CONTEXTUALIZANDO À TEMÁTICA.....	16
2.1 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	16
2.2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E GRAVIDEZ.....	25
3. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	37
4. TRAJETÓRIA METOLÓGICA.....	42
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	42
4.2 CAMPO DE ESTUDO.....	43
4.3 APROXIMAÇÃO COM OS SUJEITOS DO ESTUDO.....	46
4.4 COLETA DE DADOS.....	47
4.5 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	48
4.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	49
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	54
TEMA 1: REPRESENTAÇÃO DO SER HOMEM E DO SER MULHER.....	54
TEMA 2: REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO FAMILIAR.....	67

TEMA 3: REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO CONJUGAL E GRAVIDEZ.....	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
7. REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICES.....	105
APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista.....	106
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.....	107
APÊNDICE C – Entrevistas.....	108
ANEXOS.....	173
ANEXO A – Ofício de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa...	174
ANEXO B – Autorização do Coletivo de Mulheres do Calafate (CMC).....	175

## 1. INTRODUÇÃO

A violência doméstica, perpetrada no espaço privado, atinge não apenas as mulheres, mas também crianças e idosos e talvez seja, entre as várias manifestações de desigualdades existentes, a mais cruel. São muitas as formas que a violência doméstica assume, podendo ir desde os maus tratos, que deixam marcas no corpo de sua vítima e podem culminar com a sua morte, até as mais sutis, como as torturas psíquicas diárias, que aterrorizam e minam a auto-estima.

A vivência de violência é um fator que causa impacto na qualidade de vida de quem a experimenta. Nas grávidas, no entanto, esta situação se agrava. Isto porque a gestante encontra-se em uma fase em que está mais vulnerável. A violência sofrida pelas mulheres inclui, também, a dificuldade de cuidarem da própria saúde, e, durante a gravidez, do bebê.

Alguns estudos apontam a gravidez como fator de risco para a violência doméstica, enquanto outros atribuem à gravidez um fator de proteção. Embora estes não sejam dados conclusivos, a violência doméstica na gravidez pode ter início depois da gestação ou alterar o padrão quanto à frequência e à gravidade neste período (MENEZES et al., 2003).

Menezes et al. (2003) asseveram que os estudos que apontam para a gravidez como fator de risco assinalam que as consequências da violência sofrida neste período podem variar: de queixas ginecológicas e da esfera sexual a seqüelas obstétricas diversas como atraso em iniciar o pré-natal ou omissão, abortamento e natimortalidade, baixo peso ao nascer, trabalho de parto prematuro e perdas fetais. Também podem estar presentes sintomas tais como dor pélvica crônica, cefaléia, doença espástica dos cólons, depressão, tentativa de suicídio, síndrome de estresse pós-traumático, ansiedade e uso de drogas.

Dessa forma, segundo Menezes et al. (2003), as gestantes submetidas à violência doméstica podem ser vítimas de homicídio. Na verdade, o trauma é causa importante de morte

materna em diversos países, 36 a 63% destas mortes sendo representadas por homicídio, a maioria dos quais praticados pelos parceiros íntimos.

Meu interesse pela temática violência foi despertado durante o curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica, em 1997, quando participei do Grupo de Estudos sobre a Saúde da Mulher – GEM<sup>1</sup>, que, então, iniciava o projeto integrado “A Mulher sob o signo da Violência Doméstica e Institucional, nos Serviços de Saúde”<sup>2</sup>, da Rede Feminista Norte/Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher - REDOR<sup>3</sup>.

Por esse período, desenvolvi o trabalho intitulado “Percepção das mulheres sobre a violência doméstica nos processos de parto e abortamento”<sup>4</sup>, que teve como objeto de estudo a percepção das mulheres sobre a violência doméstica nos processos de parto e abortamento e como objetivos analisar a percepção das mulheres sobre a violência doméstica e identificar os efeitos da violência doméstica para a saúde das mulheres. O resultado mostrou que a violência doméstica está presente nas relações de gênero existentes na nossa sociedade como forma de dominação masculina e subordinação feminina, e que a maioria das mulheres não percebe esta violência, chegando a achar naturais os atos de violência cometidos contra elas. Essa naturalização tem origem em nossa sociedade, caracterizada pela construção do modelo patriarcal, que representa homens e mulheres de forma diferente: as mulheres são percebidas como sendo inferiores, devendo, por essa razão, estar submissas aos homens, os atos violentos passando, pois, a fazer parte do cotidiano das mulheres como forma “natural”. Também inferimos que estas situações repercutem na saúde delas, exprimindo-se através de sinais e

---

<sup>1</sup> Criado em 1988 e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, é responsável pelas atividades de pesquisa, ensino e extensão na área de saúde da mulher da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Realiza discussões relativas à saúde da mulher e tem sido responsável pela elaboração de projetos que têm culminado em dissertações de mestrado, evidenciando os problemas que acometem a saúde da mulher.

<sup>2</sup> Teve como coordenadora a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz, foi desenvolvida em três capitais do Nordeste (Salvador, Recife e Aracaju), com o intuito não só de abordar as repercussões da violência para a saúde da mulher, como também de retratar como se dá a assistência no serviço de saúde à mulher em situação de violência.

<sup>3</sup> Fundada na década de 90, tem entre os seus objetivos congregar núcleos de estudo e pesquisa da região Norte e Nordeste, a fim de viabilizar propostas de trabalho sobre a temática mulher e relações de gênero.

sintomas como mal-estar, anorexia, cefaléia, depressão, ansiedade, perturbações do sono, transtornos alimentares, fobias, dificuldades sexuais, baixa auto-estima, hematomas e cicatrizes.

Meu interesse em desenvolver este trabalho sobre violência doméstica na gravidez está relacionado ao fato acima mencionado e também porque nos últimos cinco anos, atuando como enfermeira, na área de saúde da mulher, especificamente no atendimento às mulheres grávidas, pude perceber esta problemática vivenciada pelas mulheres por mim atendidas. Através dos diálogos com as mesmas tive contato com essa realidade tão cruel no cotidiano das relações familiares e as repercussões dessas agressões para a sua saúde física e mental. Escutar mulheres grávidas vítimas de violência e valorizar a subjetividade (um gesto, um olhar diferente) expressado por elas, aumentou meu interesse por essa temática, motivando-me a aprofundar meus estudos e a refletir sobre esse fenômeno.

O ingresso no Mestrado em Enfermagem veio coroar este desejo e a necessidade de aprofundamento nos estudos da linha de pesquisa “Mulher, Saúde e Violência”<sup>5</sup>. À opção por estudar mulheres no período gravídico se deve ao fato de haver trabalhado mais com essa população, nos serviços de pré-natal e centro obstétrico, por me sentir incomodada ao ouvir por parte delas os relatos de violência e perceber o sofrimento psíquico trazidos por essa dinâmica violenta, nas relações familiares e conjugais e por fim, por se constituir num grupo importante dentro do tema, devido à maior vulnerabilidade da mulher nesta fase.

A idéia que norteou esse estudo partiu do pressuposto de que a violência doméstica é um fenômeno relacional, que se dá na vivência das pessoas no espaço privado e que repercute na saúde da mulher e do bebê, justificando, assim, o problema de pesquisa: Quais as

---

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica do Programa de Pós-Graduação da EEUFBA, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz que teve como autoras Sandra Brito Freitas e Tânia Christiane Ferreira Bispo.

<sup>5</sup> Criada em 1988 sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz, tem como ementa: estudar a violência física, sexual, emocional e por atos destrutivos contra a mulher, considerando tal fenômeno social como problema de saúde pública. Analisa a violência de gênero, enfocando as modalidades de violência intrafamiliar, doméstica e conjugal, relacionando-as às questões de saúde. Discute a violência institucional por omissão e por comissão, bem como as repercussões para a saúde da mulher.

representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez? Deste modo, o presente trabalho tem como objeto as representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez e como objetivo geral analisar as representações de casais sobre a temática referida.

Este trabalho apresenta a seguinte estruturação:

No capítulo I, faço a contextualização da temática violência, enfocando: o fenômeno da violência doméstica e a violência doméstica e a gravidez; no capítulo II, discorro sobre o referencial teórico do estudo, a Teoria das Representações Sociais; no capítulo III, trago a trajetória metodológica da pesquisa: como o tipo de estudo, o campo, a aproximação com os sujeitos do estudo, descrição dos sujeitos participantes do estudo, a técnica de coleta e análise dos dados; no capítulo IV, apresento e discuto as representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez, revelada através dos registros do grupo de gestantes e da entrevista semi-estruturada; no capítulo V, fazemos inferências sobre os pontos relevantes tratados no estudo, buscando oferecer subsídios para refletir-se à assistência de enfermagem, especialmente, às grávidas.

---

## 2. CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

### 2.1 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência como um fenômeno social, historicamente construído, apresenta-se de forma diferente dependendo de cada cultura e época. A vida em sociedade sempre foi violenta e não se pode considerar a violência como um fenômeno alheio às relações sociais ou como um problema da nossa atualidade.

Desde os tempos imemoráveis, existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social. Hoje é praticamente unânime, por exemplo, a idéia de que a violência não faz parte da natureza humana e que esta não tem raízes biológicas. Trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade (MINAYO, 1994, p.10).

Este fenômeno, para a referida autora, é de tal forma complexo que exige uma abordagem multidisciplinar, devendo ser ao mesmo tempo social, epidemiológico e psicológico, sem esquecer os aspectos biológicos.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), em seu documento sobre a referida temática (1995), declara que a violência, pelo números de vítimas e a magnitude de seqüelas emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública. A morbidade por violência é difícil de ser mensurada, seja pela escassez de dados, seja pela imprecisão das informações, seja pela pouca visibilidade que têm determinados tipos de agravos, ou ainda pela multiplicidade de fatores que envolvem os atos violentos (MINAYO; SOUZA, 1997).

Corroborando com as autoras citadas, Agudelo (1990, p.1) diz que “a violência afeta a saúde por que ela representa um risco maior para a realização do processo vital humano: ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca morte como realidade própria ou como possibilidade próxima”.

Teles e Melo (2002, p.15) ressaltam que a violência é empregada pelas pessoas, no mais das vezes, para significar “o uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada de ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta”.

A violência é um fenômeno cada vez mais visível em todos os âmbitos da vida humana. A violência doméstica, em todas as suas manifestações, é desprezível porque deixa marcas para toda a vida. É um problema social de grande dimensão que afeta toda a sociedade, atingindo, de forma continuada, especialmente mulheres, crianças e idosos.

A violência doméstica tem sido chamada de violência familiar, por ser o agressor um membro da família. Em termos mais gerais refere-se ao abuso físico, sexual ou emocional que se pratica contra mulheres, crianças e idosos (as). Mas a violência doméstica pode ocorrer entre namorados, noivos ou conhecidos (SAFFIOTI, 1994; ARRAZOLA, 1999; SCHRAIBER e D’OLIVEIRA, 1999).

Assim, a violência pode ser compreendida como uma forma de restringir a liberdade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, reprimindo e ofendendo física ou moralmente.

Segundo Chauí (1995), violência é uma relação de poder com fins de dominação, exploração e opressão.

A conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior [...] a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1995, p. 23).

A violência doméstica é definida pela Organização das Nações Unidas – ONU (1998, p.1), como "qualquer ação cometida por familiares ou pessoas que vivem na mesma casa e que leve um indivíduo à morte, dano e/ou sofrimento físico, sexual e o/ou psicológico".

A violência no âmbito doméstico é uma das violações mais praticadas e menos reconhecidas no mundo, abrange pessoas que vivem sobre o mesmo teto, mas não necessariamente vinculadas por parentesco (SAFFIOTI, 1995).

A violência contra a mulher é mais fortemente trazida à tona pelo movimento feminista, que denuncia o quanto o lar é perigoso para as mulheres, pois elas são as mais atingidas pela violência no espaço privado. Apesar de todas as mulheres correrem o risco de sofrer violência em suas vidas, a dimensão deste fenômeno está relacionada com o seu status social, grupo étnico-racial e condição física.

A perspectiva feminista insiste no fato de que em nossa sociedade sexista e patriarcal as mulheres são as vítimas preferenciais da violência conjugal e que os homens são os seus autores. Criticam as teorias que enfatizam as mulheres como sedutoras e provocantes e reafirmam a opressão de sexo relacionando-as com as de classe e raça. Essa perspectiva critica as análises centradas sobre a vitimização das mulheres e sobre a patologia do comportamento masculino, reforçando o patriarcado como eixo explicativo de todas as formas de subordinação do gênero feminino (QUEIROZ, 2004).

Neste sentido, é fundamental compreender a violência doméstica sob a perspectiva de gênero, uma vez que os elementos culturais e psicológicos permitem que as mulheres se coloquem em papéis subjugados aos dos homens e, ao mesmo tempo, legitimem a suposta superioridade destes, reforçando, dessa forma, o fenômeno da violência.

Este tipo de violência está de tal forma arraigado na cultura humana que se dá de forma cíclica, como um processo regular e com etapas bem definidas. A socióloga norte-americana Walker, em 1979, descobriu que a violência doméstica apresenta um ciclo em forma de

espiral, constituído por três fases ou etapas: 1) fase de formação de tensão; 2) fase de explosão ou incidente de espancamento grave e 3) fase de "lua de mel". Esta teoria aponta para a dependência emocional da mulher que se mantém presa a uma fatalidade que a obriga a passar sempre pelas mesmas experiências. O abuso destrói a auto-estima das mulheres deixando-as mais expostas a problemas mentais, inclusive depressão, estresse pós-traumático, tendência ao suicídio e consumo abusivo de álcool e drogas.

Na primeira fase do ciclo, ocorrem pequenos, mas freqüentes, incidentes de violência. É mais fácil a mulher negar a sua raiva, atribuindo cada incidente a uma situação externa, acreditando que tem algum controle sobre o agressor. A mulher não consegue restaurar o equilíbrio na relação, ficando cada vez menos capaz de se defender. Qualquer situação externa pode atrapalhar o equilíbrio e a tensão entre os dois torna-se intolerável.<sup>6</sup>

A segunda fase é mais breve que a anterior e a seguinte, caracterizando-se pela incontrolável descarga de tensão acumulada na primeira fase e pela falta de previsibilidade e controle. Dá início às agressões e a antecipação do que possa ocorrer leva ao estresse, a mulher torna-se ansiosa, deprimida e queixa-se de sintomas psicossomáticos. Seus sentimentos, nessa fase, são de terror, raiva, ansiedade, sensação de que é inútil tentar escapar.<sup>7</sup>

Na terceira fase do ciclo o agressor sabe que seu comportamento foi inadequado e demasiadamente agressivo, e tenta fazer as pazes. O agressor a trata carinhosamente, pede perdão e promete que os episódios de violência não mais ocorrerão. Entretanto antes que elas se dêem conta, as tensões recomeçam.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Tradução por Karen Mary Giffin (1994).

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Idem.

Na grávida, devido a maior vulnerabilidade que a mulher se encontra, a gravidade e magnitude são extremamente danosos, repercutindo de forma negativa na saúde da mesma e do bebê.

Anna Maria Daskal apud Torres (2004, p. 3) enumera uma grande lista de condições que fazem as mulheres adoecerem, todas resultando, em maior ou menor medida, da discriminação de gênero, entre as quais talvez a mais importante seja "participar de uma situação permanente de conflito sem que esta seja reconhecida como tal".

Para González e Blanes (2000)<sup>9</sup> a violência conjugal tem suas raízes em três elementos fundamentais: a construção social de gênero, a legitimação social do uso da violência e, por último, a dupla moral transmitida pelo social. Neste nível, as motivações pessoais podem ser consideradas secundárias frente à determinação coletiva a partir do papel que exercem os valores e padrões culturais preestabelecidos.

Tomando por base Scott (1991), definimos gênero como um elemento constitutivo das relações baseadas nas diferenças que distinguem os sexos, ou nas diferenças percebidas entre os sexos. Dessa forma, o conceito de gênero encontra-se imbricado nos conceitos de identidade sexual e no de relação entre os sexos.

A construção da identidade é influenciada pelos valores, crenças, tradições e costumes que são constituintes e constituídos em determinado contexto sociocultural e temporal, podendo ser modificada ou mesmo modelada pelas relações sociais assim como podendo modificar essas relações. Nesse contexto, ela é introjetada nas meninas e nos meninos desde muito cedo, em diversos âmbitos de suas personalidades e do seu ser social, nas dicotomias associadas com a divisão homem-mulher.

Na escola, as primeiras concepções acerca do papel da mulher apreendidas no âmbito familiar são freqüentemente reforçadas, enquanto se processa a aquisição de outros

comportamentos e atitudes facilmente conduzidos por regras e normas. A mulher é, por isso, mais afeita às ciências humanas, às letras e às artes. Nos meninos, são encorajadas a liderança, a criatividade, a praticidade e a ousadia, qualidades presentes em dirigentes de empresas, construtores, pesquisadores, etc. (FAGUNDES, 1999).

É necessário o uso de estratégias adequadas para que essas dimensões sejam mantidas. Isso quer dizer que a identidade será consolidada à medida que o sujeito perceber a importância que ele representa para si próprio, para o grupo e para os acontecimentos em que se insere, bem como para o grupo de pessoas com as quais conviverá.

Badinter (1993) mostra que, longe de ser natural, o trânsito do menino para a condição de adulto masculino é uma operação cultural especialmente problemática construída sobre a negação. Apesar de gerado pela mulher, o homem passa a ser digno deste nome quando corta as pontes que o ligam ao feminino, ou seja, quando aceita mutilar aspectos essenciais de sua herança e de sua humanidade.

Saffioti (1987) corrobora esta afirmação ao enfatizar que o preço pago pelo homem para dominar a mulher extravasa em muito o terreno econômico. Para agir como o macho representado na ideologia dominante o homem deve aceitar, ainda que inconscientemente, sua própria castração.

A autora diz ainda que o macho é considerado o provedor das necessidades da família. A sociedade patriarcal reforça, ao longo da história, os papéis impostos para os homens, induzindo relações violentas entre os sexos, e indica que a prática da violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização. Não é ela que é responsável pelos padrões e limites sociais que determinam que os homens tenham comportamentos agressivos e as mulheres, dóceis e submissos. A sociedade trata de criar e preservar estereótipos que reforçam a idéia de que o sexo masculino tem o poder de controlar os desejos, as opiniões e a liberdade de ir e vir das mulheres.

---

<sup>9</sup> Tradução livre de minha autoria.

Na maioria dos casos, o indivíduo agressivo teve uma infância marcada por situações de agressividade. Grande parte desses homens veio de lares onde imperava o “exercício de autoridade”. Pais que constantemente brigavam física ou verbalmente diante da criança. Pais que usavam de “ameaças” constantes para conseguir da criança um comportamento desejado.

Soares (1999) reafirma que os homens violentos estão apegados a visões estereotipadas sobre papéis de gênero, vivendo ansiosamente a necessidade de demonstrar sua masculinidade.

Para seguir o modelo de homem dado pela sociedade patriarcal, os homens reproduzem papéis que lhes são atribuídos, e constroem sua identidade pautada em relações desiguais entre os gêneros.

No que diz respeito às mulheres, a identidade vem sendo conformada, ao longo dos tempos, à concepção que se tem do papel que a mulher deve assumir em dado momento específico.

Saffioti (1987) diz que, historicamente, a mulher vem sendo submetida a um processo de castração, que impede o seu desenvolvimento. A mulher tem como herança a culpa pelo pecado original e, portanto, precisa se redimir, através de sua concordância com a superioridade masculina. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho.

Geralmente, a mulher está associada a valores considerados negativos, tais como emoção, fragilidade, resignação. Estas características são apresentadas como inerentes à mulher, isto é, são valores que a mulher traz em si desde que nasce.

Os traços de personalidade de homens e mulheres são adquiridos ao longo do processo de socialização. A mulher, via de regra, acaba por internalizar a ideologia machista, que considera o homem como sendo superior à mulher. É que ela acredita que é “incapaz de usar a razão, se conforma com tudo, é insegura etc...”.

Gebara (2000) sustenta que a maternidade era vista como a única forma de realização pessoal e, quando havia a necessidade de a mulher trabalhar fora de casa, esta só o fazia se a ocupação não trouxesse prejuízo aos seus papéis de esposa/mãe/dona de casa.

Entretanto, apesar de todas as tentativas de moldar a mulher aos desejos da sociedade patriarcal, algumas mulheres se opunham a essa “identidade deturpada”, que queriam imputar-lhes. Badinter (1993), em seu livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, confirma esse fato.

Essas mulheres foram discriminadas pela sociedade, inclusive por outras mulheres, mas não desistiram e prosseguiram na luta clamando por igualdade entre os sexos. Desconstruir valores, crenças, idéias errôneas de papéis estereotipados que a sociedade patriarcal consagrou e reforçou ao longo da história significa lutar contra a intimidação da mulher pelo homem, que desempenha o papel de seu agressor, seu dominador e seu disciplinador.

Felizmente, a construção da identidade é um processo dinâmico, que continuamente sofre transformações, mediante a socialização dos indivíduos, por conseguinte, diferentes discursos, representações e práticas vão sendo articulados, fato que contribui para a formação do sujeito como ator de sua própria história.

O Fundo das Nações Unidas para a Mulher – UNIFEM (1999) traz um estudo realizado na América Latina e Caribe, de 25% a 50% das mulheres são vítimas de violência doméstica; 33% sofrem abuso sexual entre os 16 e 49 anos; e pelo menos 45% delas são objeto de ameaças, insultos e destruição de bens pessoais. Em algum momento de suas vidas, metade das latino-americanas é vítima de alguma violência.

Nos Estados Unidos, pesquisas indicam que 20% das mulheres sofrem durante a vida pelo menos um tipo de agressão física infligida pelo parceiro. Anualmente, entre 3 e 4 milhões de mulheres são agredidas em suas casas por pessoas de sua convivência íntima. No

Brasil, um terço das internações em unidades de emergência é consequência da violência doméstica e os crimes mais denunciados foram lesões corporais (26,2%) e ameaças (16,4%) (BARSTED, 1990).

Estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1999), constatou que 63% das vítimas de agressões físicas ocorridas no espaço doméstico eram mulheres. É interessante notar que o grau de escolaridade não tem relação direta com a violência e os motivos alegados para não se buscar ajuda foram: 61% consideraram que se trata de um assunto particular; 6,7% tiveram vergonha e 32% alegaram outras razões, como: não acharam necessário ou avaliaram que não seriam reconhecidas como vítimas.

A Fundação Perseu Abramo (2001), traz dados sobre a gravidade da violência contra as mulheres no Brasil, 33% já sofreram violência doméstica alguma vez; 11% já foram espancadas; 8% sofreram ameaças com armas de fogo e 4% apanharam por mais de dez anos ou ao longo de toda a vida conjugal.

Segundo estimativas do Banco Mundial, uma mulher tem maior probabilidade de ser espancada, violada ou assassinada pelo parceiro atual ou anterior que por um estranho (HEISE, 1994).

Em estudo realizado sobre a temática violência conjugal com mulheres do programa de planejamento familiar de uma maternidade pública de Salvador, observou-se que 80,25% das entrevistadas disseram ser o cônjuge o autor da violência por elas sofrida (COUTO et al., 1999). Este dado confirma o encontrado em estudo efetuado com homens, onde o índice de violência conjugal foi de 80% (GOMES e DINIZ, 2000).

Em Salvador, estudo realizado por Diniz et al., (2001) em um serviço de emergência mostrou um índice de 87,3% de violência doméstica, dos quais 70,8% se deram na relação conjugal: em 34% dos casos o agressor fora o marido/companheiro; em 26% ex-maridos/ex-companheiros; em 5,9% namorados/noivos e em 4,9% ex-namorados.

Outro estudo realizado em Londrina , no Paraná, mostrou que, no ano de 1999, 76% dos atendimentos realizados em Delegacias de Proteção à Mulher foram casos de violência sofrida por mulheres no espaço doméstico, sendo os agressores maridos ou companheiros. Esses dados demonstram o alto índice das situações de violência contra a mulher relacionada a pessoas íntimas, das quais se espera exatamente o oposto, confiança, segurança, amor e prazer (COELHO, 2000).

Os rastros da violência praticada contra a mulher são mais difíceis de identificar: a maior parte das agressões não mata, “a cada quatro minutos, uma mulher é agredida em seu próprio lar por uma pessoa com quem mantém relação de afeto” (CASA DE CULTURA DA MULHER NEGRA, 2001).

Existe uma condenação oficial da violência contra a mulher, mas, na prática, vigora a culpabilização da vítima e a heroificação do agressor. Sem contar que milhares de mulheres não denunciam a violência sofrida, pela vergonha ou pelo medo. Romper com o relacionamento violento é difícil porque implica romper com o modelo de vida, com a esperança de mudança, ou com a fantasia que minimiza as perdas atuais, fazendo o rompimento projetar-se como perda insuportável. Por esses motivos, a maioria dos agentes agressores não são denunciados, nem sofrem punições.

## 2.2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E GRAVIDEZ

Busca-se, no período de gestação, oferecer à mulher condições agradáveis, ambientes harmônicos, paz e tranquilidade para que esta possa conceber sua gestação de maneira positiva, pois a gravidez é um período especial devido às mudanças pelas quais a mulher passa. Infelizmente, milhões delas, tanto no Brasil como no mundo, sofrem violência por parte da família.

Gualda (1998, p. 36), por exemplo, afirma que

(...) o ato de dar à luz não é simplesmente um ato fisiológico, mas um evento definido e desenvolvido num contexto sócio-cultural. O parto é um fenômeno social porque redefine a identidade da mulher e afeta não só a relação dos pais, mas também de outros grupos com os quais mantêm contato e dos quais fazem parte. É considerado um evento cultural, pois ocorre num contexto definido que tem seu modo de organizar e moldar esta crise biológica. Nele estão incluídas as crenças, os valores, as práticas, os cuidados e o seu significado.

Durante aproximadamente 40 semanas a mulher leva consigo um novo ser e com este compartilha momentos e sentimentos diversos, entre os quais o medo e a ansiedade. Rezende (1998, p.278), a esse respeito, afirma que “o medo seria a consequência de três fatores: a) sugestão; b) desconhecimento da morfologia e da função dos órgãos genitais e dos fenômenos da parturição (ignorância); c) falta de amparo psicológico durante o parto (solidão)”.

Nos reportamos a Gualda (1988, p.35) quando afirma que

Gestação, parto e puerpério são exemplos de processos fisiológicos atribuídos de significado na especificidade de cada cultura, que designam formas apropriadas de sentir e de se comportar socialmente. De todos eles, talvez o parto, seja o mais importante por culminar todo o processo. Do ponto de vista fisiológico, pela brevidade do seu transcurso, pela súbita transformação que causa ao organismo materno, por ocasionar e propiciar manifestações de intercorrências desenvolvidas ao longo do período pré-concepcional, pré-natal ou no seu transcorrer. Do ponto de vista cultural, por se constituir numa crise de ciclo vital envolta em rituais, por simbolizar as maneiras como as mulheres vivenciam essa experiência individual e coletivamente e por ter propiciado freqüentes confrontos entre concepções populares e concepções profissionais (...).

Maldonado (1982) confirma isso quando diz que a maternidade é um momento existencial extremamente importante no ciclo vital feminino, que pode dar à mulher a oportunidade de atingir novos níveis de integração e desenvolvimento da personalidade.

A gravidez é, portanto, um evento social que integra a vivência reprodutiva de homens e mulheres. Este é um processo singular, uma experiência especial no universo da mulher e de seu parceiro, que envolve também suas famílias e a comunidade.

No ciclo vital da mulher, segundo Maldonado (1982), há três períodos críticos de transição, que constituem verdadeiras fases de ampliação da personalidade e que possuem múltiplos pontos em comum : a adolescência, a gravidez e o climatério. Estes são períodos de transição biologicamente gerados por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de

equilíbrio instável, devido às grandes perspectivas de mudanças envolvidas nos aspectos de papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos e mudanças de identidade.

Ainda de acordo com a autora, a gravidez implica a perspectiva de grandes mudanças, quais sejam, interpessoais, intrapsíquicas e outras. Envolve perdas e ganhos, caracterizando-se, por si só, como um período de crise. Destaca, ainda, que, entre outras alterações, a mulher expressa emocionalmente uma maior sensibilidade, ficando mais irritada e vulnerável a certos estímulos externos que antes não a afetavam com tanta intensidade.

Maldonado (1985) citando Caplan (1963), define crise

[...] como um período temporário de desorganização do funcionamento de um sistema aberto, precipitado por circunstâncias que transitoriamente ultrapassam as capacidades do sistema para adaptar-se interna e externamente. Uma crise pode ser precipitada por mudanças internas (crises normais do desenvolvimento, doenças ou traumas) ou externas (perda ou ameaça de perda de uma fonte de segurança e satisfação; acúmulo de tensões que ameaçam romper o equilíbrio funcional dos mecanismos adaptativos do ego). Por estar num estado temporário de equilíbrio instável, em busca de novas soluções, a pessoa em crise fica mais vulnerável e acessível à ajuda.

Esta autora reforça que a gravidez possui várias características de uma situação de crise que faz parte do processo normal do desenvolvimento. Envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões: em primeiro lugar, verifica-se, como na puberdade, mudança de identidade e uma nova definição de papéis – a mulher passa a se olhar e a ser olhada de forma diferente.

Evidentemente, o mesmo processo de mudança de identidade e de papel se verifica no marido e também a paternidade deve ser considerada como uma situação crítica no desenvolvimento emocional do homem. Muitas vezes, também esta nova definição de papéis traz à tona antigos conflitos de relacionamento: a mulher ou o homem podem querer ser melhores do que os próprios pais, ou se sentem incapazes de competir com eles, ou encaram o bebê como um irmão mais novo, rivalizando pelo afeto do pai ou da mãe, etc.

A complexidade das mudanças provocadas pela vinda do bebê não se restringem apenas às variáveis psicológicas e bioquímicas: os fatores socioeconômicos também são fundamentais.

Alguns autores, como Chertok (1966) e Soifer (1971), citados por Maldonado (1982), consideram a gravidez como uma experiência essencialmente regressiva tanto em aspectos negativos (ansiedade e sintomas) quanto em seus aspectos positivos (bem-estar e proteção), que indicam uma identificação básica da grávida com o feto.

É importante, sobretudo, enfatizar que o nascimento de um filho é uma experiência familiar. Portanto, para se atingir o objetivo de oferecer uma assistência pré-natal mais global, é necessário pensar não apenas em termos de “mulher grávida”, mas sim de “família grávida”. Logo, a gravidez é uma experiência que pertence a uma família como um todo. Infelizmente, o modelo de assistência a saúde, prestado às gestantes, não valoriza a sensibilidade, o integral, o único e singular, trazido pelas mesmas e suas famílias, focalizando, apenas, a competência técnica.

Pouco a pouco, a violência doméstica na gravidez está sendo considerada como uma das ameaças mais sérias à saúde da mulher e do seu conceito. As mulheres grávidas vítimas de violência constituem um importante grupo dentro da temática violência contra a mulher. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças nos Estados Unidos (1998), define a violência durante a gravidez como “a violência ou ameaça de violência física, sexual ou psicológica/emocional ocasionada na mulher grávida”.

No que tange à mulher grávida, esta é mais susceptível à vivência de violência. A investigação de violência na realização do pré-natal não faz parte do protocolo de muitas instituições que prestam este serviço à população feminina. E via de regra, as conseqüências disso são gravíssimas para a gestante e o feto.

Pesquisa realizada pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (EUA) mostrou que a probabilidade de uma mulher grávida ser agredida é de 60,6% a mais do que uma mulher não grávida. Mostra também que a violência como fator de complicação na gravidez ocorre com mais frequência que a hipertensão, o diabetes ou qualquer outra complicação séria.

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (1998) traz ainda que a razão mais comumente relacionada com o alto risco de violência doméstica durante a gravidez é o aumento do estresse do marido ou companheiro com relação ao parto iminente. Este estresse se manifesta no homem como uma frustração que dirige contra a mulher e a criança.

Para Porto (1998), o período gestacional intensifica conflitos em relacionamentos conjugais, sendo que várias razões suscitam violência neste período, tais como, por exemplo, a recusa da gestante em manter relações sexuais e/ou a aversão ao corpo da grávida pode levar o homem a se desinteressar de sua companheira buscando relacionamentos extraconjugais; carência da mulher por não encontrar eco por parte do companheiro; a dependência física do companheiro, manifesta por ciúmes do filho que irá nascer e questões referentes à dúvida sobre a paternidade.

Muitas mulheres espancadas afirmam ter recebido socos ou chutes no ventre enquanto estavam grávidas (Grossi, 1996). As agressões podem levar a um parto prematuro ou ao aborto, além de poder causar deformidades no feto. Grande parte das mulheres espancadas afirma ter sofrido violência durante o período da gravidez. Conclui-se, portanto, que a violência doméstica compromete diretamente a saúde reprodutiva feminina no que se refere ao processo de gravidez e aborto (DINIZ et al., 1999).

As adolescentes grávidas, particularmente entre os 13 e os 17 anos, correm grande risco de sofrer violência por parte dos seus companheiros. Existem esforços crescentes para incluir o tema da gravidez na adolescência e a violência nos programas regulares de educação sexual,

assim como também existe uma falta de atenção significativa para as causas que originam esta violência.

Pesquisas realizadas no Brasil e no exterior têm demonstrado a gravidade desta situação (HEISE, 1994; DINIZ et al., 1999; ELLSBERG, 2000; FERNANDES, 2001; DINIZ e MONTEIRO, 2002 ; COUTO, 2003; MENEZES, 2003;).

Heise ( 1994 ) afirma que a prevalência de violência na gestação tende a ser ainda maior que os índices de prevalência encontrados para a violência física e sexual em populações não grávidas. Em cidades dos Estados Unidos, uma entre cada seis mulheres grávidas já foi vítima de violência. Isto fez com que alguns autores postulassem que a gravidez poderia constituir um risco a mais para a violência.

Diniz et al., (1999) enfatizam que nenhuma violência, pode-se dizer, é mais grave do que aquela praticada durante a gravidez e nem por isso ocorre com menor frequência. Em estudo realizado em maternidades públicas de grande porte em Salvador, Aracaju e Recife, temos 34%, 43% e 35% respectivamente das mulheres agredidas fisicamente durante a gravidez, o que revela um percentual que não pode deixar de ser contemplado como problema de saúde para a mulher e seu conceito.

Ellsberg (2000)<sup>10</sup> mostra, em um estudo descritivo sobre as características da violência na gravidez em León, na Nicarágua, que a agressão física ocorre em 52% dos casos.

Fernandes (2001), em estudo realizado em uma maternidade pública da cidade de Salvador, demonstra que os resultados apontam 50,34% das gestantes tendo afirmado haver sofrido algum tipo de violência.

Em estudo quantitativo realizado na Comunidade do Calafate, Diniz e Monteiro (2002) constataram que das mulheres que sofreram violência na gestação (20%), 83,33% tiveram ameaça de aborto em consequência da violência sofrida no período gestacional.

---

<sup>10</sup> Tradução livre de minha autoria.

Couto (2002), em estudo de abordagem compreensiva, que tem como objeto a vivência do ser-mulher que, no período gestacional, sofreu violência física pelo cônjuge, mostra que, na cotidianidade, a mulher vivencia o temor do seu companheiro e o não enfrentamento da situação de violência.

Menezes (2003) traz um estudo de prevalência de violência física doméstica sofrida por mulheres que tiveram parto assistido em uma maternidade do Nordeste do Brasil. Os resultados obtidos foram de que a prevalência de violência física foi de 13,1% e 7,4% antes e durante a gestação, respectivamente. O padrão da violência alterou-se durante a gravidez, tendo cessado em 43,6%, diminuído em 27,3% e aumentado em 11% dos casos.

Além dos danos físicos já mencionados, a violência doméstica durante a gravidez pode ter conseqüências psicológicas graves. A mulher grávida, vítima de violência, está mais propensa a sofrer de estresse, depressão e a consumir mais tabaco, álcool e drogas. Isso pode incluir a perda do interesse da mulher por sua saúde, como já assinalamos anteriormente, e do seu filho, tanto durante a gravidez quanto depois do parto.

Por outro lado, segundo Menezes (2003), as gestantes submetidas à violência doméstica podem ser vítimas de homicídio. Na verdade, o trauma representa causa importante de morte materna em diversos países, sendo 36 a 63% destas mortes representadas por homicídios, a maioria dos quais praticados pelos parceiros íntimos.

A prevalência de violência doméstica durante a gestação começou a ser estudada há pouco mais de 15 anos. As cifras apontam para uma variação de 4-17% de violência física; também se reportam taxas tão altas como 65% (por maus tratos físicos e psicológicos) (MEZA et al, 2001) <sup>11</sup>.

Este abuso, em suas diferentes formas durante a gestação, está sendo reconhecido como um problema de saúde mundial e é comparado com todas as complicações obstétricas: eclampsia, placenta prévia, etc.

Existe uma série de condições que fazem com que o risco de violência durante a gravidez aumente: gravidez na adolescência, baixo nível socioeconômico, uso de álcool ou drogas pelo companheiro, mãe solteira e gravidez não desejada.

No âmbito da violência contra a gestante se encontram como agressores o marido, o companheiro, o noivo ou um membro da família.

Com relação à violência conjugal que atinge as mulheres grávidas, a produção artística Nacional, ainda é insuficiente, devido a magnitude do problema e dos danos causados a gestante e o bebê.

Estudos de revisão sobre prevalência de violência doméstica na gravidez indicam uma estimativa de 0,9 a 20,1% de mulheres afetadas, a maioria dos estudos apontando para entre 3,9 e 8,3% de casos entre mulheres grávidas investigadas (GAZMARARIAN et al., 1996)<sup>12</sup>.

Um dos períodos mais marcantes no ciclo de vida das mulheres é o período de gestação, que acarreta uma série de mudanças a nível emocional, social e econômico na vida da mulher, na vida do casal e na rede familiar ampliada.

Caracteriza-se por ser um período de transição no ciclo de vida das famílias e uma das fases mais importantes, por ser a partir dela que se inicia a constituição do grupo familiar. Esse período pode ser um período de maior estresse, porque, além de ser uma transição de um estágio para outro no processo desenvolvimental, tem um efeito continuado sobre o ciclo de vida familiar durante um longo período de tempo.

Na gestação, por ser uma época susceptível a tantas mudanças para as mulheres, convergem inúmeras ansiedades que se manifestam na relação com seu corpo, com o futuro bebê, com o marido e com as circunstâncias a sua volta que possam estar relacionadas com a gestação.

---

<sup>11</sup> Tradução livre de minha autoria.

<sup>12</sup> Idem.

O maior ou menor grau de aceitação da gravidez por parte do contexto que cerca a mulher reforça ou não a tendência dela para a maternidade (LANGER, 1985)<sup>13</sup>.

A autora afirma que a maternidade não representa a situação idealizada pela sociedade de que a mulher possui um único sentimento com relação a seu filho, mas sim que a gravidez provoca uma situação de maior ou menor conflito entre uma tendência maternal e outra de rejeição.

Esses sentimentos são, também, analisados por Soiffer (1986), segundo a qual a mulher grávida, frente a esta nova situação e ao bebê que se instala em seu corpo pode apresentar inúmeros sentimentos e mecanismos de defesa, tais como ambivalência, negação, ansiedades, projeção, medos, idealização, mania, masoquismo, sentimentos considerados normais no processo evolutivo da gestante.

Juntamente com ela, o marido pode vivenciar vários sentimentos, como fantasias de temor ao dano que a mulher possa sofrer no parto e a inveja do que a mulher tem e ele não tem. Pelas próprias mudanças no seu corpo, a mulher pode duvidar dos sentimentos de fealdade do seu esposo.

Ele, inconscientemente, pode sentir hostilidade, indiferença, rejeição sexual, e buscar uma relação extraconjugal para se aliviar do peso desses sentimentos.

Sintomas e sentimentos apresentados pelos homens nesse período podem evidenciar problemas inconscientes com relação à figura feminina e no processo de identificação com seu próprio pai.

As manifestações emocionais do casal, conforme descrito acima, são consideradas normais nesse período do ciclo de vida e coincidem com as exigências inerentes às modificações na vida do casal que espera um filho. Essas situações podem se tornar transições idiossincráticas no ciclo de vida quando na relação conjugal se estabelecem padrões de violência, principalmente do homem para com a mulher.

---

<sup>13</sup> Tradução livre de minha autoria.

Em seu estudo Menezes et al., (2003) relataram 13,1% de casos de violência física no último ano e 7,4% durante a gravidez, sendo as formas de agressão mais frequentes empurrão, tapa e ronchas (manchas roxas). Em relação ao padrão de violência, 43,6% afirmaram que a violência cessou, 27,3% que diminuiu, 18,2% que permaneceu inalterada e 10,9% que aumentou durante a gravidez.

Analisando-se a associação entre violência física e fatores relacionados à mulher, verificou-se discreto aumento do risco entre as adolescentes (25%). O risco foi significativamente maior para os níveis mais baixos de escolaridade. Observou-se aumento do risco para as mulheres com união consensual em relação às casadas (77%); o risco foi mais de duas vezes maior entre as tabagistas. A história familiar de violência também apresentou associação estatisticamente significativa com a frequência de violência, implicando risco quase três vezes maior.

Com relação ao parceiro, encontrou-se aumento do risco de violência entre adolescentes (50%). Este risco foi significativamente maior para os parceiros com baixa escolaridade (mais de oito vezes) e sem trabalho remunerado (mais de duas vezes). Verificou-se aumento significativo do risco para todas as camadas no que se refere à embriaguez. Os fatores que persistiram fortemente associados à violência foram embriaguez do parceiro em qualquer frequência (risco quase seis vezes maior), ausência de trabalho remunerado do parceiro (risco duas vezes maior), baixa escolaridade e história familiar de violência da mulher (risco mais de três vezes maior).

Quando se analisaram os resultados perinatais de acordo com a presença ou não de violência doméstica, a frequência de neomortos foi mais de quatro vezes maior entre as vítimas de violência.

Destacamos o fato de que os presentes resultados sobre prevalência de violência física na gravidez apontam para percentuais superiores aos encontrados para outras doenças

estudadas na gravidez, no ambulatório de pré-natal, enfermarias de alto risco e setores de assistência obstétrica, tais como o aborto induzido e o diabetes gestacional, aproximando-se bastante da frequência descrita de hipertensão (em torno de 15%), uma das maiores complicações gestacionais em nosso meio.

Outro estudo realizado pelo Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo<sup>14</sup>, Violência Contra a Mulher e Saúde no Brasil.

8% de grávidas, na cidade de São Paulo e 11% na Zona da Mata relataram violência física durante a gravidez. Entre estas, 29% das mulheres em São Paulo e 38% na Zona da Mata contam que receberam “socos ou pontapés na barriga durante a gravidez”.

Em São Paulo, entre as mulheres que relataram violência física e sexual, 28% fizeram um aborto. Entre as que não relataram violência, 9% recorreram à prática do aborto, enquanto entre as que não relataram o índice é de 3%. Essas diferenças foram estatisticamente significativas.

A violência doméstica durante a gravidez é um problema de saúde pública em escala mundial, podendo chegar, em algumas estatísticas, a 20% dos casos. A gestação é um período delicado para a integridade da mulher e do feto e, em muitos casos, supõe o começo e o aumento dos maus tratos contra a mulher (Widding, 2000)<sup>15</sup>.

Em 44% dos casos a violência tem sido exercida durante a gravidez e 76% na frente dos filhos (CALDERÓN, 2000)<sup>16</sup>.

Neste contexto, a violência na gravidez deixa a mulher mais fragilizada, visto que a gravidez traz em seu bojo sua própria crise, somando-se a isto o estresse da violência. No caso

---

<sup>14</sup> Estudo Multipaíses da OMS sobre a Saúde da Mulher e Violência Doméstica, realizada entre 2000 e início de 2001, apresenta dados sobre a ocorrência de violência, o impacto na saúde das mulheres e crianças, lesões decorrentes da violência durante a gravidez, busca de ajuda institucional, saída de casa e razões para ficar ao lado do agressor.

<sup>15</sup> Tradução livre de minha autoria.

<sup>16</sup> Idem.

das adolescentes, o trauma é muito mais profundo, visto que as mesmas passam por duas crises: a crise da gravidez e a crise da adolescência, além da experiência da violência.

No próximo capítulo trataremos a Teoria das Representações Sociais.

### 3. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais vem sendo amplamente utilizada como referencial teórico para as pesquisas, porque compreende o que as pessoas pensam sobre as coisas de seu mundo particular e o que fazem, porém isso não está desvinculado do conhecimento criado pelo grupo de que são parte integrante. Segundo Abric (1998, p.28), “a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade, que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social. É ela que vai determinar seus comportamentos e suas práticas”.

Em outras palavras, a representação social é uma forma de entender a construção social do indivíduo a partir de sua integração com o grupo, onde crenças, opiniões, informações e atitudes são compartilhadas e influenciam a formação dos universos consensuais deste indivíduo e do grupo, como um todo (SÁ, 1995; ABRIC, 1998; NÓBREGA, 2001;).

As Representações Sociais são produzidas nos universos consensuais, através da interação social cotidiana das pessoas no compartilhamento das suas “teorias”, predominando o senso comum.

De acordo com Santos (2000), esta teoria gera uma nova forma de abordar a análise do conhecimento produzido no dia-a-dia, o que suscitou o interesse de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento e uma multiplicidade de procedimentos metodológicos por estes utilizados para a apreensão do conhecimento do senso comum. Tal fato contribui para a compreensão de diferentes riquezas de significados dos sujeitos sociais estudados e, assim, de diferentes construções da realidade.

A Teoria da Representação Social tem como um dos seus maiores expoentes Serge Moscovici, que, a partir de lacunas teóricas encontradas nos estudos do sociólogo francês Émile Durkheim no tocante à interpretação dicotômica do conceito de representações

coletivas, resolveu estudá-las e, em 1961, na França, publicou sua tese de doutorado sobre a questão das Representações Sociais no livro “La Psychanalyse, son image et son public” (“A psicanálise, sua Imagem e seu Público”).

Moscovici (1978, p.28) assim conceitua as Representações Sociais (RS):

Um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação.

Segundo o autor da teoria, as RS emergem dos processos diários de comunicação entre os indivíduos. Jodelet (1989, p.36) confirma isso quando descreve a representação como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Para a elaboração desta doutrina, Moscovici fundamentou-se nos estudos de Piaget e Freud. Através de estudos sobre a representação da criança, Piaget mostra que a partir de pedaços de conhecimento a criança intercambia signos e significados e, desta forma, dá sentido à realidade social. A contribuição de Freud se deu a partir da Teoria Sexual das crianças, que acredita que desde a infância internalizamos imagens e símbolos que ficam marcados em nossa vida (ESCUDEIRO e SILVA, 1997).

Até então, segundo Nóbrega (2001), o senso comum não conseguia destaque na comunidade científica porque era considerado um conhecimento confuso, inconsistente, desarticulado e fragmentado. Essas distorções ou lacunas relativas ao saber do senso comum conduzem Moscovici (1978) a argumentar que suas inquietações científicas a respeito dessa forma de conhecimento e do fenômeno de comunicação no qual se apóia reside no “lugar onde foram geradas as representações sociais, não onde o conhecimento científico foi corrompido e distorcido” (MOSCOVICI, p. 216).

Para explicar a utilidade das RS, Moscovici descreveu duas funções: a primeira seria a Função do Saber ou Cognitiva, que permite aos sujeitos sociais compreender e explicar a realidade; a segunda, denominada Função de Orientação ou Social, orienta os comportamentos e práticas. Em 1964, Jean Claud-Abrie acrescentou uma terceira e quarta funções às representações, justificadas pela evolução das pesquisas sobre as cognições e práticas sociais: a Função Identitária ou Afetiva define a identidade e permite a proteção da especificidade dos grupos, enquanto a Função Justificadora permitiria a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos (NÓBREGA, 2001).

Para a formação do processo representacional é necessária a intervenção do sistema cognitivo e neste nível

...vemos em atividade dois sistemas cognitivos em que procede a associações, inclusões, discriminações, deduções, quer dizer, o sistema operatório, e que controla, verifica, seleciona com apoio de regras, lógicas ou não; trata-se de uma espécie de metassistema que retrabalha a matéria produzida pelo primeiro (MOSCOVICI, 1978, p. 255-256).

Na apreensão das representações sociais, dois processos são utilizados: a ancoragem e a objetivação.

A elaboração e o funcionamento de uma representação podem ser compreendidos através desses dois processos, que compreendem a imbricação e a articulação entre atividade cognitiva e as condições sociais em que são forjadas as representações. Baseado neste pressuposto, Sá (1995, p.37) declara que a ancoragem “consiste na integração cognitiva do objeto representado – sejam idéias, acontecimentos, pessoas, relações etc. – a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas”. Para a sua estruturação, três condições se fazem necessárias: a atribuição de sentido onde o pensamento constituinte se apóia sobre o pensamento constituído; a instrumentalização do saber, quando o novo objeto é transformado em saber útil e o seu enraizamento no sistema de pensamento, tornando familiar o estranho e incorporando-o.

Quanto à objetivação, Nóbrega (2001, p.73) afirma que este processo “consiste em materializar as abstrações, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, enfim, transformar em objeto o que é representado”. É a elaboração de imagem sobre a realidade pensada, como ocorre na personificação quando materializamos num nome ou rosto uma idéia, ou no metaforismo, evocando algo conhecido para descrever um fenômeno ainda desconhecido. A objetivação constitui-se de três fases: a construção seletiva, caracterizada pela retirada dos elementos de acordo com critérios e valores do grupo; a naturalização, momento em que o abstrato se torna plenamente real e, por fim, a esquematização estruturante, ou seja, a formação de um esquema organizado em um núcleo central e em núcleos periféricos.

De acordo com Abric (1998, p.31), o núcleo central assume duas funções fundamentais: uma função geradora, que seria o elemento através do qual se cria ou se transforma o significado dos outros elementos constitutivos da representação. É através dele que os outros elementos ganham um sentido, um valor e; uma função organizadora: é o núcleo central que determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação. Neste sentido, o núcleo é o elemento unificador da representação.

O autor acima diz ainda que

Enquanto representação social, ou seja, refletindo a natureza das regras e dos elos sociais, a representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável, em um dado contexto social (ABRIC, 1998, p.31).

Para Santos (1998), representar um objeto social é construir formas de pensar e explicar esse objeto. Construir uma representação é compartilhar dos modelos de pensamento e de explicações existentes na sociedade. Ao mesmo tempo, isso permite ao indivíduo ou ao grupo dar sentido às suas condutas e compreender a realidade através do seu sistema de referência.

A construção de uma representação não se dá individualmente, “mas em grupo, elas são partilhadas por um grande número de pessoas, transmitidas de uma geração à seguinte e

impostas a cada um de nós sem o nosso consentimento consciente” (MOSCOVICI, 1986, p. 20).

Por que essa teoria se mostrou adequada ao objeto deste estudo? Porque permitiu, a partir do senso comum das (dos) entrevistadas (os) entender o significado da violência doméstica na gravidez sob a perspectiva de gênero (masculino e feminino) e, conseqüentemente, as suas relações familiares e conjugais violentas.

## 4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

### 4.1 TIPO DE ESTUDO

O estudo é descritivo e tem abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994), esse tipo de abordagem permite o aprofundamento no mundo dos significados, das ações e relações humanas, aspectos não contemplados em equações, médias e estatísticas.

Spink (1993, p.103) confirma o que diz a autora, quando afirma que a pesquisa qualitativa é uma tradição específica das ciências sociais que depende, essencialmente, da observação de pessoas em seus próprios territórios e da interação com estas através de sua linguagem e em seus termos.

Como referencial teórico-metodológico, utilizamos a Teoria das Representações Sociais, considerada adequada ao nosso objeto de estudo, as representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez. A opção por este referencial decorre do fato de que esta teoria é capaz de apreender a (as) questão (questões) levantada (s) pelo objeto proposto, fundamentadas na afirmação de Sá (1998) de que o objeto de pesquisa deve estar implicado de forma consistente em alguma prática do grupo, o que caracteriza sua relevância cultural em termos de práticas culturais.

Além disso, nosso objeto de estudo se encaixa em um campo da pesquisa das Representações Sociais definido por Wagner (1998) e composto por objetos culturalmente construídos ao longo da história e de seus equivalentes. As pesquisas de representação social nesse campo, segundo o autor, recorrem a objetos com uma longa história estabelecida, tais como papéis sexuais, mulheres, loucura.

Nesse contexto, analisar as representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez nos proporciona a oportunidade de discutir como se dá a construção social da violência doméstica, pautada em relações desiguais entre os gêneros, no sentido de perceber

como os sujeitos se apropriam desse objeto social, numa forma de melhor compreender a dinâmica que envolve as relações familiares violentas.

#### 4.2 CAMPO DE ESTUDO

O estudo foi realizado na comunidade do Calafate, localizada em uma transversal da Avenida San Martin, bairro da periferia de Salvador, Bahia. Apresenta as mesmas características dos demais bairros da periferia da cidade, tais como alta taxa de desemprego, de violência, falta de saneamento básico, de área de lazer para os moradores, carência de escola pública para ensino fundamental e serviços de saúde que atenda a população com qualidade. A comunidade está situada em uma área de risco, sujeita a constantes deslizamentos de terra em período de chuva, com danos às moradias. Sentimentos de medo e insegurança predominam entre a população da comunidade, sendo a morte, também, uma constante.

Para a realização deste estudo, contamos com o apoio do Coletivo de Mulheres do Calafate (CMC), entidade sem fins lucrativos fundada em 08 de Outubro de 1992 pelas próprias moradoras, com o objetivo de prevenir e combater a violência doméstica e promover a saúde da mulher. A associação foi legalizada em 1996<sup>17</sup>. As mulheres dessa comunidade, na sua grande maioria, dependem financeiramente de terceiros: marido, filhos ou pais. É constituída por trabalhadoras domésticas, manicuras e cabeleireiras, costureiras ou trabalhadoras de empresas do setor do comércio. Possuem o Ensino Fundamental incompleto, o ensino médio ficando para as adolescentes jovens. São sobrecarregadas com a dupla jornada de trabalho, convivem com a violência doméstica e são excluídas socialmente por serem pobres e negras.

---

<sup>17</sup> Informações fornecidas por Rosenice Nascimento Rosendo de Jesus, que exerce, atualmente, junto a outras participantes do CMC, o papel de coordenadora.

A entidade possui um grupo de coordenação que tem na sua liderança uma moradora da comunidade. Para atingir o seu objetivo institucional e fortalecer a auto-estima das mulheres, fazendo com que elas consigam romper o ciclo da violência doméstica e criar uma consciência de cidadania, o CMC desenvolve projetos, realizando atividades e prestando serviços à comunidade <sup>18</sup>.

Eis alguns desses projetos:

- Projeto Terapias Complementares: tem como objetivo conscientizar as mulheres da comunidade sobre a importância do cuidado com o corpo numa visão holística. Há seis anos, proporciona massagem terapêutica na comunidade, principalmente em mulheres com hipertensão e nas que sofrem a Síndrome da TPM ( Tensão Pré-menstrual) e outros distúrbios menstruais. As massagens são realizadas semanalmente na sede do CMC. Também são realizadas oficinas de alongamento uma vez por semana, passeios e caminhadas com as hipertensas. Essa experiência está sendo estendida a outras comunidades, que solicitam a colaboração do Coletivo nas suas atividades. Uma proposta para implantar uma experiência piloto de inclusão de massoterapia e alongamento na unidade do SUS – Sistema Único de Saúde da Fazenda Grande do Retiro, serviço de saúde de referência para moradores do Calafate – está sendo negociada pelo CMC.

- Projeto Jogando pela Paz Capoeira e Futsal: visa a envolver jovens da comunidade e a informá-los sobre o tema violência de gênero, bem como divulgar isso para outras comunidades. Esse projeto foi um desdobramento do projeto “Jovens Conhecendo seus Direitos Sexuais e Reprodutivos”, financiado pela, Fundação Carlos Chagas, que realizou oficinas de arte, esporte e cultura. Por envolver o público masculino, iniciou a articulação de outras entidades para a “Campanha do Laço Branco – homens pelo fim da violência contra mulher”, em parceria com o Instituto PAPAÍ/Recife, e a sua divulgação.

---

<sup>18</sup> Informações fornecidas por Rosenice Nascimento Rosendo de Jesus, que exerce, atualmente, junto a outras participantes do CMC, o papel de coordenadora.

Entre os serviços oferecidos pela comunidade contam-se:

- Massagem: serviço prestado às mulheres da comunidade como complementar ao tratamento da hipertensão e TPM. Realiza-se três vezes na semana e é feita por duas massoterapeutas voluntárias.
- Espaço de leitura D. Loura (pequeno acervo de livros abordando assuntos referentes à Saúde e Direitos Humanos das Mulheres. Acesso à internet para a comunidade), distribuição de preservativos e a Cia de Teatro Abra Cadabra.

Além dessas contribuições, de acordo com as necessidades da comunidade, o CMC proporciona encontros de grupos, onde se desenrolam palestras e oficinas com dinâmicas participativas, delas participando grupos de adolescentes, mulheres e homens. As palestras e oficinas, ministradas por professoras, mestradas e graduandas da EEUFBA, permitem a discussão dos temas propostos e sua melhor assimilação.

Minha aproximação com a entidade surgiu no ano de 2003, quando passei a acompanhar a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz<sup>19</sup> no atendimento as mulheres em situação de violência. Esse grupo acontecia todas as quintas-feiras à tarde, e aí discutíamos os problemas relacionados com o cotidiano dessas mulheres: percebemos que a violência doméstica era um traço comum a essas participantes e fazia parte do dia-a-dia delas, daí as mulheres compartilhavam suas vivências e também as discussões sobre a rede de violência possibilitando um encaminhamento para as mulheres que desejavam atendimento.

No final de 2003, em reunião com as Coordenadoras do Coletivo, propus a realização do presente estudo, o que foi recebido com grande interesse e expectativa, ficando estabelecida a apresentação oficial do projeto para depois da aprovação no processo de Qualificação do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia – EEUFBA, fato ocorrido em 22 de abril de 2004.

### 4.3 APROXIMAÇÃO COM OS SUJEITOS DO ESTUDO

Realizamos um Projeto de Extensão intitulado “A violência doméstica incidida sobre a mulher grávida”<sup>20</sup> para fins de aproximação com as mulheres da comunidade. Aí reunimos um Grupo de gestantes, no espaço físico do Coletivo, nas quintas-feiras, das 14h30min às 16h30min. Este grupo teve a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz, orientadora deste estudo. No sentido de desenvolver o trabalho grupal, escolhemos o método psicodramático ou Teoria Psicodramática Moreniana<sup>21</sup>: foram utilizados elementos do Teatro espontâneo (aquecimento, dramatização, compartilhamento e processamento), levando-se em conta a matriz de identidade e propostos alguns jogos dramáticos para explorar o conteúdo próprio do grupo, permitindo reviver e compartilhar experiências.

O grupo permitiu refletir sobre o papel destas gestantes (como mulher, mãe, esposa, dona-de-casa), a descoberta de limites e potencialidades. Explicamos às gestantes participantes do estudo a natureza do trabalho científico e a importância de ter seu companheiro também participando do mesmo. Tudo o que acontecia no grupo era registrado e ao final de cada reunião, havia também o compartilhamento da experiência individual do protagonista, em cena, com o grupo, permitindo a volta do mesmo ao contexto grupal sem que continue desnudado como no momento da dramatização. O compartilhamento é parte integrante da sessão propriamente dita, caracterizado como momento em que a experiência individual do protagonista em cena é grupalizada, permitindo a volta do protagonista ao contexto dramático. Visa, pois, a uma complementação do trabalho, proporcionando a todos a oportunidade de explicitar o seu quinhão na experiência que se está vivendo. Ainda dentro dos

---

<sup>19</sup> Desenvolve trabalhos com essa comunidade, desde 1997. Tendo como linha de pesquisa “Mulher, Saúde e Violência”.

<sup>20</sup> Projeto de Extensão vinculado ao GEM, cujo objetivo geral: Identificar situações de agravo à saúde decorrente da violência doméstica em mulheres grávidas e específicos: Sensibilizar a gestante e seu companheiro sobre a relação de violência doméstica e os agravos de saúde decorrentes da mesma e Sistematizar a coleta de dados sobre a violência doméstica na gravidez a partir do processo grupal.

elementos do Psicodrama utilizamos o processamento que ocorre quando os profissionais discutem entre si o que ocorreu. Essa experiência se dava com a Profa. Dra. Normélia ( no papel de diretora), eu e a bolsista do PIBIC (como alunas) após a saída das mulheres.

No processamento víamos o grupo como um todo, com o diretor, particularmente, ora ao protagonista e ora como qualquer elemento em especial ,no sentido de garantir a construção coletiva do conhecimento. Neste momento, falávamos da nossa identificação com as histórias protagonizadas pelas mulheres que algumas vezes emergiram em forma de catarse<sup>22</sup>. Essa experiência contribuiu também, para a estruturação do instrumento de coleta de dados, no desenvolvimento das entrevistas no sentido da escuta, perceber as emoções das mulheres, como também a capacidade de acolhimento, no que diz respeito ao sofrimento psíquico trazidos pelas mesmas, ao falar das histórias de violência. Isto aconteceu durante um período de quatro meses (de junho à setembro de 2004).

Ao final do grupo de gestantes, identificamos as que sofriam violência doméstica durante este período e fizemos as entrevistas com as mesmas. Infelizmente, não foi possível desenvolver as oficinas de sensibilização que tínhamos planejado para os companheiros das gestantes selecionadas por falta de disponibilidade dos mesmos. Eles foram esclarecidos sobre os motivos pelos quais nós os estávamos entrevistando.

#### 4.4. COLETA DE DADOS

Como técnica de coleta de dados, empregamos a entrevista semi-estruturada, muito utilizada nas representações sociais por possibilitar o acesso ao conteúdo da representação como forma de apreender o objeto de estudo. Segundo Trivínos (1987, p.147 ), a entrevista

---

<sup>21</sup> Teoria elaborada por Jacob Levy Moreno, psiquiatra, nasceu em 1889 na cidade de Bucareste e faleceu em 1974 nos Estados Unidos. Fundou em 1921, o “Teatro da Espontaneidade”, descobrindo a ação terapêutica da dramatização. Surgem aí as bases do psicodrama.

semi-estruturada, “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

Minayo (1994) acrescenta que através da entrevista semi-estruturada é possível apreender o ponto de vista dos atores sociais, pois uma das vantagens desta é orientar, facilitar a ampliação e o aprofundamento da comunicação. Dessa forma, é uma técnica perfeitamente adaptável às abordagens quantitativas e qualitativas.

O roteiro foi composto por duas partes: a primeira contendo questões referentes à caracterização sócio-demográfica dos sujeitos entrevistados e a segunda, questões referentes ao relacionamento familiar, relacionamento conjugal e à violência sofrida no período da gravidez atual.

As entrevistas foram previamente agendadas mediante disponibilidade dos sujeitos da pesquisa, num total de 17 entrevistas (10 gestantes e 7 companheiros). A duração das entrevistas foi de 30 a 40 min. Estas foram gravadas em fitas k7 e posteriormente transcritas.

Visando a não ferir os princípios éticos estabelecidos na Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde em relação aos indivíduos sujeitos da pesquisa, foram-lhes garantidos os seguintes direitos: a livre decisão de participar ou não da pesquisa, o anonimato (tendo os participantes sido identificados com nomes fictícios) e o sigilo das informações; também lhes foi solicitada a permissão das gravações. De todos recebemos como resposta o consentimento declarado.

#### 4.5 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

---

<sup>22</sup> É falar de atos de compreensão, ou seja, atos fundantes de transformação, que Moreno comparou com novos nascimentos. Esses fenômenos possibilitam a liberação de papéis fixados em impressões inadequadas, facilitando assumir novas condutas (DICIONÁRIO DE PSICODRAMA E SOCIODRAMA).

Foram entrevistadas 10 gestantes na faixa etária compreendida entre os 16 e os 37 anos, a maioria católica. Com relação à situação conjugal das gestantes entrevistadas, uma é casada, e as outras vivem em união consensual. Quanto ao grau de escolaridade, seis possuem o 1º grau incompleto e quatro, o 2º grau incompleto. A maioria das entrevistadas é constituída por estudantes, e nesse período da gravidez nenhuma delas estava trabalhando, dependendo de pais, maridos e terceiros (QUADRO 1).

Foram entrevistados os companheiros dessas gestantes, contabilizando 7 homens na faixa etária compreendida entre os 19 e os 36 anos, a maioria católico. Destes, apenas um é casado. A maioria tem o 2º grau completo e está na economia informal ( pintor, serralheiro, auxiliar prático em refrigeração, garçom etc ) (QUADRO 2).

#### 4.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram organizados por meio da análise temática de Bardin (1979), que pode ser assim definida:

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A operacionalização da análise temática se deu após ordenamento dos dados colhidos nas entrevistas e nos registros do grupo de gestantes e seguiu as etapas descritas por Bardin (1979), a saber, uma pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e codificação.

Na pré-análise, foi feita uma leitura flutuante, que para Bardin (1979, p. 96) “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. As informações foram lidas exaustivamente, sendo a seguir levada a efeito a exploração do material, que consiste, essencialmente, em organizar os

dados para codificação que corresponde ao “processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Bardin, 1979, p. 103). Para tanto, foi realizado o recorte dos textos em unidades de registro para em seguida ser efetuada a agregação dos dados em temas e categorias, como mostra o quadro 3.

QUADRO 1 – DADOS DOS SUJEITOS ( Gestantes)

Nome	Idade	Estado civil	Religião	Escolaridade	Ocupação profissional	N.º de filhos	Tempo de convivência	Idade do companheiro
Nair	36 anos	união consen.	católica	2.º inc.	autônoma	00	1 ano e meio	27 anos
Maria	19 anos	união consen.	católica	1.º inc.	estudante	00	9 meses	19 anos
Vilma	16 anos	união consen.	católica	1.º inc.	estudante	00	5 meses	19 anos
Ivete	18 anos	união consen.	católica	1.º inc.	estudante	00	3 anos	21 anos
Carmem	20 anos	união consen.	católica	2.º inc.	estudante e babá	00	1 ano e meio	19 anos
Lúcia	18 anos	união consen.	cristã	2.º inc.	estudante	00	2 anos	25 anos
Ana	33 anos	casada	cristã	1.º inc.	do lar	01	14 anos	34 anos
Zilda	23 anos	união consen.	católica	2.º inc.	do lar	01	2 anos	34 anos
Rita	24 anos	união consen.	católica	1.º inc.	do lar	02	4 anos	24 anos
Rosa	37 anos	união consen.	católica	1.º inc.	Emp.doméstica	06	1 ano	18 anos

QUADRO 2 – DADOS DOS SUJEITOS (companheiros)

Nome	Idade	Estado civil	Religião	Escolaridade	Ocupação profissional	N.º de filhos	Tempo de convivência	Idade da companheira
Gustavo	21 anos	união consen.	católico	2.º compl.	faz bicos	01	9 meses	19 anos
José	34 anos	união consen.	católico	2.º compl.	gráfico	02	2 anos e meio	23 anos
João	34 anos	casado	cristão	2.º compl.	pintor	01	14 anos	33 anos
Lucas	19 anos	união consen.	católico	1.º incompl.	serralheiro	00	5 meses	16 anos
Augusto	21 anos	união consen.	católico	1.º incompl.	faz bicos	00	3 anos	18 anos
Pedro	19 anos	união consen.	católico	2.º compl.	Auxiliar prático em refrigeração	00	1 ano e meio	19 anos
Renato	27 anos	união consen.	católico	2.º compl.	garçom	02	2 anos e meio	27 anos

QUADRO 3 – ORGANIZAÇÃO DOS TEMAS E CATEGORIAS

TEMAS	CATEGORIAS
1. Representação do ser homem e do ser mulher	1.1 Homem forte x Mulher frágil  1.2 Homem responsável e provedor  1.3 Mulher: mãe, esposa e dona-de-casa
2. Representação da relação familiar	2.1 Relações entre os pais  2.2. Relação com os pais
3. Representação da relação conjugal e gravidez	3.1 Relação conjugal  3.1. 2 Relação conjugal e relações familiares  3.1.3 Relação conjugal e gravidez

## 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### TEMA 1 – REPRESENTAÇÃO DO SER HOMEM E DO SER MULHER

O tema em questão mostra as representações dos sujeitos entrevistados com relação à identidade do ser homem e do ser mulher. Estas representações se organizam em três categorias que traduzem, sobretudo, a construção de papéis sociais de gênero, destinados a homens e mulheres pela sociedade da qual fazem parte. A primeira categoria é Homem forte x Mulher frágil, a segunda, o Homem responsável e provedor e a terceira, Mulher: mãe, esposa e dona-de-casa.

#### 1.1 HOMEM FORTE x MULHER FRÁGIL

A representação do ser homem e do ser mulher, segundo os entrevistados, se apóia nos estereótipos culturais, pautados na diferença biológica entre os sexos, que determina a divisão sexual do trabalho. Para Souza (2005), a construção do que é ser homem, contraposta ao que é ser mulher, tem sido hegemonicamente associada a um conjunto de idéias e práticas que identificam essa identidade à virilidade, à força e ao poder advindos da própria constituição biológica sexual. O papel sexual é a expressão pública da identidade ou o conjunto de condutas esperadas associadas à sexualidade e socialmente exigidas do indivíduo, de acordo com seu gênero. Vejamos as falas que ilustram tais considerações:

*[...] o homem pra mim é a força, o homem faz as coisas que a mulher não pode fazer, o serviço pesado... Já a mulher é mais frágil, mais sensível, uma pessoa carente [...]. Nair.*

[...] *na minha casa eu sou a pessoa que “carrega o piano”, quer dizer, eu faço o trabalho pesado, a mulher se envolve com outras coisas, a minha mulher, por exemplo, tem o maior jeito com artesanato, já fez curso e tudo, eu acho que por ser mais delicadas, mais frágeis, as mulheres dão pra essas coisas [...]. Renato.*

[...] *o homem trabalha com as coisas mais pesadas, carregando peso, fazendo biscate, nós mulheres não temos a mesma força e a capacidade, o trabalho da mulher é mais leve, do tipo vender roupa, trabalhar em lanchonete, em casa de família [...]. Carmem*

Os depoentes revelaram ter uma visão bastante estereotipada sobre o assunto, reafirmando a forte influência sócio-cultural. Traduzem papéis sociais de gênero, reforçando, por sua vez, a relação desigual entre homens e mulheres. Nesta ótica, a mulher introjeta a condição feminina, impregnada de sentidos de oposição na inferioridade e que envolvem a negação do masculino como sendo feminino, enquanto o homem introjeta o masculino como sinônimo de superioridade e poder (FAGUNDES, 1991, p. 169).

Para os entrevistados, o homem, além de ter a força física, também apresenta determinadas qualidades, tais como ser capaz, ter iniciativa, objetividade, racionalidade. Isso o coloca sempre como dominador na relação, o “ser superior”. Já a representação da mulher a faz sempre se situar em um plano inferior, e os atributos femininos (fragilidade, delicadeza, sensibilidade), que irão configurar a identidade feminina, a tornam mais subordinada à figura masculina. Além de trazer a questão biológica, as falas acima mostram também a mulher como ser incapaz, limitado, e supervalorizam o homem. As qualidades atribuídas à mulher a

inferiorizam e remetem à passividade. Fagundes (1991) afirma ainda que, no que diz respeito à linguagem, o gênero é percebido como efeito da dominação simbólica, não expressa na lógica consciente, mas de modo subjacente, nas práticas e categorias dicotômicas para homens e mulheres.

De acordo com Bourdieu (2003, p. 32),

O paradoxo das diferenças visíveis entre o corpo masculino e o corpo feminino que, sendo percebidas e construídas segundo esquemas práticos da visão androcêntrica tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão [...] determinando a organização simbólica da divisão do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmo.

O monopólio e o domínio das mulheres pelos homens perpassam o universo cultural de todas as sociedades e civilizações, independentemente da condição de classe, embora sendo acentuada por esta.

Saffioti (1987) afirma que “a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação”. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

Ainda segundo as falas das(dos) entrevistadas(os), o trabalho feminino é tido como uma extensão do trabalho doméstico, e por isso mesmo é desvalorizado. As tarefas tidas como “femininas” são repetitivas, minuciosas, mecânicas. As mulheres se concentram em atividades consideradas tipicamente femininas: são empregadas domésticas, vendedoras, balconistas, artesãs etc. Estes depoimentos traduzem a maneira como essas diferenças biológicas inferiorizam a mulher e a submetem à sociedade moderna capitalista. A construção dessa identidade, pautada no forte x fraco; superior x inferior; dominador x dominado, faz com que as mulheres aceitem estas relações desiguais de poder e as incorporem, determinando, assim,

aquilo que podemos designar como identidade de gênero. Neste contexto, são introjetadas nas meninas e nos meninos, desde muito cedo, as dicotomias associadas à divisão homem-mulher, tais como caça/colheita, dominação/submissão, luz/sombra, ciência/magia, razão/intuição, cultura/natureza, força/fragilidade, fora/dentro, superioridade/inferioridade, produção/reprodução, mundo público/mundo privado, de forma a tornar aparentemente natural a identidade que foi socialmente imposta às mulheres e aos homens (FAGUNDES, 1991).

Para Bourdieu (2003, p. 43),

(...) a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda realidade e, particularmente, às relações de poder em que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que pensar e se afirmar como tal e que "faz", de certo modo, a violência simbólica que sofre.

A naturalização dos papéis faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres nascessem assim. Podemos, no entanto, afirmar que ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, compreender os mecanismos que conformam estes papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres bem como seu papel na construção do conjunto das relações sociais. A discussão sobre a categoria gênero aborda diferenças socioculturais existentes entre os sexos masculino e feminino, que se traduzem em desigualdades econômicas e políticas, colocando as mulheres em posição inferior à dos homens nas diferentes áreas da vida.

## 2.2 HOMEM RESPONSÁVEL E PROVIDOR

Nas falas dos sujeitos entrevistados, a representação do ser homem está associada à imagem de chefe da família: ele seria, assim, o ser mais responsável, o mais capaz, o mais preocupado, alguém que tem a responsabilidade de prover economicamente o lar e que detém a autoridade maior dentro de casa, dono de um poder natural. Vejamos os depoimentos que confirmam tal assertiva:

*[...] ter responsabilidade, o homem tem que ter acima de tudo caráter, tem que ter convicção, tem que ter rumo, tem que ter uma direção, o homem pra mim tem que ter tudo isso [...]. Renato.*

*[...] é ser uma pessoa responsável, respeitada, companheira, é saber lidar com as coisas mais complicadas [...]. Zilda.*

*[...] ter responsabilidade, ter um bom relacionamento com a esposa, com a família, ver a necessidade da casa e tal, tomar a frente de qualquer problema [...]. Pedro.*

*[...] ter a responsabilidade de ser o cabeça da casa, ele tem que ser sempre o mais responsável pra dá providência nas coisas, ele é o chefe da casa, então o compromisso dele é bem maior, ele tem que está constantemente se preocupando com tudo [...]. João.*

De acordo com Gomes (2003) O papel masculino idealizado é de responsabilidade pela subsistência econômica da família e a isso corresponde designar o trabalho do homem na produção. Podemos perceber que as características atribuídas ao homem pelas (pelos) entrevistadas(os) está ancorada na representação social sobre o homem da família tradicional patriarcal, em que seu poder é legitimado. O homem a que aqui se referem os depoentes é, de fato, o homem da fantasia, aquele ser perfeito, de caráter ilibado, o “poço das virtudes”, longe do homem do cotidiano, falho e na maioria das vezes não conseguindo desempenhar os papéis a ele impostos. No processo de socialização dos meninos, estes aprendem que ser homem é ter sob seu comando as experiências dos outros, especialmente das mulheres; é poder tomar decisões por toda a família, é ser ativo, viril, corajoso, intransigente. Essa imagem que socialmente se espera de um homem garante e consolida o modelo de autoridade e de poder desempenhado pelos homens.

A representação social de homem predominante nas falas é a do “provedor das necessidades da família”, isto é, daquele que tem a função de prover materialmente o lar. A ideologia dominante impõe ao homem a necessidade de ter êxito econômico:

*[...] ele é o responsável por trazer o alimento pra dentro de casa, o homem é o provedor, o homem tá à frente de tudo... Nair.*

*[...] eu penso assim né, talvez seja uma forma antiga de pensar...a minha parte como homem é trazer o que precisa pra dentro de casa, trazer o sustento, o remédio, um conforto maior pra ela e para as crianças... José.*

*[...] o homem é o chefe da casa, ele tem que correr pra botar o alimento dentro de casa pra mulher e os filhos [...]. Augusto.*

Ao homem como provedor econômico da família, de acordo com Azevedo (1993), outorga-se uma supremacia e privilégios múltiplos, entre os quais gozar de independência. O homem, nas falas a seguir, foi criado para o espaço público, o que implica trabalhar fora, sustentar mulher e filhos, mandar, dominar, reinando absoluto. Constatamos, portanto, que uma outra diferença entre os gêneros é a distribuição de papéis a homens e mulheres: ao homem cabe o espaço público e à mulher, o espaço privado (HEILBORN e CARRARA, 1998; LEAL,1998; SOUZA,2005). O homem é aquele que trabalha fora, traz o sustento da família e realiza-se fora de casa, no espaço público:

*[...] o homem tá mais fora de casa, trabalhando pra sustentar a mulher e o filho[...]. Vilma.*

*[...] o homem tá batalhando fora de casa pra conseguir o sustento da família, trabalhando de carteira assinada, fazendo bicos, o que for, pra sustentar a mulher e os filhos[...]. Lucas.*

Segundo o depoimento de Lucas, o homem, para conseguir desempenhar bem o seu papel de macho, provedor e responsável pela família, desenvolverá outras atividades se necessário for, a fim de que sua família não passe por privações. Apresentamos a seguir uma outra fala, em que a entrevistada responsabiliza o homem apenas pelo sustento material, ficando os papéis de pai e esposo relegados a um plano secundário:

[...] *O homem só tem mesmo é que trabalhar fora pra trazer o dinheiro pra dentro de casa e depois ele tá livre pra fazer o que quiser[...]. Rita*

Nesta fala Rita isenta o homem de qualquer responsabilidade que não seja o sustento da casa. Ser marido, pai, parece não ter tanta importância assim, visto que a dependência econômica assume papel de maior relevância.

Percebemos assim o enorme valor dado ao homem enquanto provedor, responsável, chefe da família. Segundo ressalta Bourdieu (2003, p. 64),

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas, por vezes, ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.

Igualmente percebemos o enorme valor desse papel social na vida dos homens, bem como o contexto representacional em que ele se apresenta para a construção da identidade masculina, na fala de nossos entrevistados. Nolasco (1995) sustenta que a incapacidade desse homem de desempenhar tal papel pode gerar violência dentro da família, principalmente para aquele que cresceu descobrindo-se no vazio das possibilidades afetivas. O que se espera dos homens é que eles falem do que produzem, uma vez que a masculinidade se assenta na virilidade e na profissão.

O trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. Para Nolasco (1995, p.51) “o trabalho define a primeira marca de masculinidade, na medida em, viabiliza a saída da própria família”. Aparentemente, o trabalho confere ao homem um status de independência que se limita ao âmbito financeiro. Uma de suas funções é dissolver o vínculo com a família, que segundo Badinter (1993) é uma operação cultural especialmente problemática, construída

sobre a negação. Apesar de gerado pela mulher, o homem passa a ser digno deste nome quando corta as pontes que o ligam ao feminino (BADINTER, 1993, p.33).

### 1.3 MULHER: MÃE, ESPOSA E DONA-DE-CASA

Podemos observar nos depoimentos acerca da representação social do ser mulher que o papel feminino tradicional estabelece a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso, o cuidado da casa e dos filhos, a ela cabe então a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Vejamos os depoimentos seguintes:

*[...] é ser mãe, responsável em ser uma boa dona-de-casa, ser companheira,...*  
*Uma pessoa que goste da gente e que a gente se sinta bem, que a gente chegue e ela pergunte: - Como foi seu dia? Faz um carinho e tudo isso... Augusto.*

*[...] mulher tá cuidando do filho, fazendo as coisas dentro de casa, cuidando do marido pra quando ele chegar em casa do trabalho cansado, tá tudo pronto, fazendo a comida dele, lavando, passando... Lucas.*

Em nossa cultura, a menina aprende, em família, que ser mulher é saber cuidar de crianças, cozinhar, lavar, passar, cuidar da casa, do marido; é adotar a postura de servir, de se submeter, de obedecer ao pai, irmão, marido, etc.; é ser dependente, passiva, dócil, carinhosa, gentil, paciente, emotiva; é ser aquela que sabe agradar e mais uma série interminável de “atributos” tidos como femininos (FAGUNDES, 1991).

Para Santos (2001, p. 270), “As representações sociais que vinculam mulher e maternidade constituem um exemplo da expressão dessa rede de significados calcadas em convicções naturalizantes”.

Segundo Queiroz (2004), a naturalização dos papéis atribuídos às mulheres tornou invisível a regulação de seus desejos, de sua vida, ocultando, assim, as relações de poder que se estabelecem no interior da sociedade. Eis a violência simbólica de que elas são vítimas. As mulheres foram, na sua maioria, alijadas dos postos-chaves de comando e controle social, orientando-se para o desenvolvimento de sutis mecanismos de domínio afetivo que elas passam a exercer dentro da família. A subordinação da mãe às necessidades de casa, dos (as) filhos (as) e do parceiro aparece como “tendência instintiva da mulher”, como um “deve ser”, moralidade conhecida como altruísmo materno. Tal postura implica o desprezo do próprio desejo em detrimento do dos outros e a aceitação de um lugar secundário na distribuição de recursos e benefícios grupais, ou seja, acarreta a aceitação da invisibilidade pessoal ao preço da sacralização da função materna.

A demarcação dos papéis atribuídos às mulheres em razão de concepções “naturalistas” e “essencialistas” de sua condição de gênero desconhece o caráter de construção social de que este se reveste. Tal caráter não é facilmente identificado porque é legitimado por meio de discursos científicos e filosóficos tradicionais, bem como por via de discursos políticos e religiosos hegemônicos.

Além da associação entre o ser mulher e a maternidade, outras representações também se vinculam aos tradicionais estereótipos atribuídos ao gênero feminino, tais como paciência, sensibilidade, fraqueza, abnegação, docilidade, discriminação. A mulher deve ser esposa e dona-de-casa. Os depoimentos que se seguem explicitam estas representações:

Podemos observar, nos depoimentos acima, a representação social do ser mulher como ser que precisa do outro para se definir, seja dos (as) filhos (as) seja dos companheiros: a

mulher é vista, pois como um ser para o outro e não para si, como um ser incompleto, que não se define de forma autônoma. Esta representação traz enormes prejuízos para as mulheres, pois reforça a sua falta de autonomia e, conseqüentemente, a ausência de liberdade. Desta forma, as mulheres estão sempre associadas a outrem, seja aos maridos, companheiros, seja através da identificação mulher-mãe. “Aos olhos dos homens – e da legião de mulheres que vêm por esses olhos – não basta ter um corpo de mulher, nem assumir como amante, como mãe, a função de fêmea para ser ‘uma mulher de verdade’; através da sexualidade e da maternidade, o sujeito pode reivindicar sua autonomia: ‘a verdadeira mulher’ é a que se aceita como Outro” ( BEAUVOIR, 1980).

Uma vez que a influência da mãe era considerada absolutamente determinante, o destino dos (as) filhos (as) passou a depender quase que inteiramente de sua boa ou má atuação.

Em decorrência desta “naturalização” das funções femininas, uma série de características passou a ser considerada como feminina (dedicação, docilidade, sensibilidade, fragilidade, por exemplo), quase todas vinculadas àquelas características culturalmente atribuídas a uma “boa mãe”, levando a identificar feminilidade e maternidade. Essa caracterização caminhou lado a lado com uma massiva discriminação das mulheres. Isto porque, a partir dessas características, negou-se às mulheres todas aquelas capacidades socialmente valorizadas e que garantem a primazia dos homens na vida pública.

A “identidade feminina”, longe de ser natural, é, antes, construída a partir de um discurso social que visa a atender e se adequar às necessidades e mitos de uma determinada sociedade em um momento histórico específico. Tais discursos têm desempenhado um papel importante na construção da subjetividade das mulheres e, conseqüentemente, têm servido para mantê-las na posição de subordinação em que há muito se encontram.

“Fragilidade”, “intuição”, “docilidade”, “sensibilidade”, “qualidades” atribuídas às mulheres, passam, assim, a integrar um todo mais amplo que define a identidade feminina (QUEIROZ, 2004, p. 173). São doravante consideradas como fazendo parte integrante da “natureza” feminina e, como tal, adquirem um caráter imutável, à maneira de uma essência na maternidade como a essência do ser mulher, bem como nos estereótipos de gênero atribuídos às mulheres, de modo que estas passam a questionar a desigualdade entre os gêneros.

Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que as mudanças ocorridas nas condições sociais e culturais que afetam diretamente as mulheres são acompanhadas por mudanças nas representações sociais, muito embora os processos de mudança variem de um segmento a outro.

A mãe é predominantemente evidenciada nas falas dos sujeitos em sua forma idealizada, segundo os conceitos patriarcais que fundamentam o ideal de família: ela é compreensiva, devotada, amorosa, próxima, sempre disponível e provedora afetiva, o que também envolve o cuidar material.

À mulher são atribuídas, segundo um incessante trabalho de construção social pautado na biologia, características de afetividade, dependência e passividade. Nesse contexto, cabe a essa mulher as funções sociais de criação dos filhos e de manutenção da família em todas as suas necessidades, ou seja, alimentação, cuidados com a saúde, ordem e asseio do lar e apoio afetivo. Assim se configura a representação social de mulher-mãe.

Todavia, conforme refere Gebara (2000), não são todas as mulheres que reúnem ou reúnem esse ideal exigido pela sociedade patriarcal. Não basta ser mãe, é preciso ser mãe segundo as regras estabelecidas por aqueles que detêm o poder e que exigem a obediência ao padrão de boa mãe de família para o estabelecimento da ordem social e da sua reprodução. Isso provocou não somente uma separação entre o privado e o público, mas também entre as próprias mulheres. De um lado, estão aquelas que cuidam da família, dos costumes da

sociedade; do outro lado, as mulheres do mundo público ou, pejorativamente falando, as prostitutas.

Conforme assinala Saffioti (1987), a sociedade investe nessa naturalização, tentando fazer crer que é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, o que compreende a socialização dos filhos uma vez que ela possui a capacidade de dar à luz.

Para Nolasco (1995), os homens crescem sem conhecer o que é uma mulher, mas aprendem, desde cedo, quem deve ser a mulher, a partir desse processo de construção social dos gêneros. A representação de mãe e mulher é, inicialmente, apreendida no espaço doméstico através da observação do relacionamento dos pais, bem como por meio da elaboração de informações e imagens obtidas através do senso comum.

A representação da mulher evidenciada nas falas traz à tona os papéis sociais destinados à mesma e a coloca no espaço do lar - o espaço do privado-, sendo mãe, exercitando-se nos cuidados com o marido, os filhos e a casa.

O trabalho doméstico desempenhado pela mulher não é valorizado, por não ser remunerado. E mesmo quando a mulher trabalha fora sua atividade é vista como complemento do trabalho masculino. A mulher que trabalha na rua sofre com a dupla jornada de trabalho e alguns homens da nossa pesquisa mostram, em suas falas, que desde que a mulher desenvolva seus trabalhos domésticos com perfeição ela pode e deve trabalhar para ajudar no orçamento.

*[...] eu não sou contra a mulher tá trabalhando fora desde que os trabalhos de casa sejam feitos, muito pelo contrário, acho que é um crescimento para a família, já ajuda no orçamento da casa, já melhora pros filhos. João.*

*[...] eu acho bom também a mulher que não fica só em casa, cuidando do lar, acho ótimo quando, além de deixar a casa em ordem, também ajuda nas despesas . José.*

Os depoimentos a seguir mostram a submissão da mulher como fator extremamente importante para a relação do casal.

*[...] ser mulher é respeitar o marido, ser submissa a ele, respeitar as opiniões dele pra não haver discórdia, dar atenção aos filhos, dar toda a atenção que o marido e o filho precisa, tá rente-a rente, apoiando ele, dando força. Zilda.*

*[..] a mulher tem que ser pelo homem em qualquer decisão que ele tomar, ela tem que ser por ele, nunca contradizer o homem, ela pode até dá a opinião, mas a última palavra é do homem, se for mãe tem que ser uma boa mãe, não ser aquele tipo de mulher que quer ficar na agonia, em pagode, na janela, fofocando nas portas dos outros... Pedro*

## TEMA 2 – REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO FAMILIAR

O tema Representação da Relação Familiar denota a vivência familiar dos sujeitos entrevistados, permitindo, com isso, compreender as representações sociais da relação familiar, cuja dinâmica está pautada na vivência de violência doméstica. Neste tema, foram identificadas duas categorias: A primeira categoria é a Relação entre os Pais e a segunda é a Relação com os Pais.

## 2.1 RELAÇÃO ENTRE OS PAIS

Esta categoria permite compreender como se dão as relações entre os pais, levando-nos a refletir sobre a dinâmica familiar. A célula fundamental na formação e desenvolvimento do ser humano é, sem dúvida, a família. Scodelario (2002) define família enquanto constituição de vários indivíduos que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas e afetivas. Este grupo ocupa um lugar intermediário entre o indivíduo e a sociedade da qual faz parte, possuindo intimidade, organização e dinâmicas próprias. Em nossa sociedade ocidental, podemos pensar na família nuclear – pai, mãe e filhos -, na família extensa – avós, tios, primos, sobrinhos etc. – e em outras composições.

Para a autora, além da forma de organização de uma família sua singularidade ocorre pela dinâmica de relacionamento que é produzida a partir da união de duas pessoas, o casal – já influenciado por suas figuras parentais -, e que vai se complementando com a chegada dos filhos. O ser humano nasceu para viver socialmente, para constituir família e assim dar continuidade aos laços de parentesco. Segundo Ferrari (2002), em uma dinâmica familiar temos elementos de comunicação manifestos e latentes, racionais e irracionais, mitos, obediências automáticas, processos homeostáticos, duplos vínculos cumpridores das funções de defesa grupal familiar. Neste processo de constituição da rede de relações familiares podem se desenvolver experiências de realização ou fracasso, levando as pessoas envolvidas nestas a um crescimento pessoal e a uma maior integração ou, ao contrário, rumo a uma desintegração que inclui violência na sua dinâmica (SCODELARIO, 2002, p. 96).

Em virtude de uma série de problemas, normalmente de ordem material ou afetiva, a família já não é o exemplo de solidez de convivência mútua entre duas pessoas ou mais. No contexto da dinâmica das relações familiares, o conhecimento será transmitido pelo uso da autoridade, de forma natural, caracterizando o modelo de família tradicional patriarcal, onde o homem ocupa a posição dominante. Estas relações de poder perpassam todo o âmbito social,

desde as relações interpessoais até o nível mais amplo da sociedade. Nas famílias onde a violência está incluída em sua dinâmica, observa-se que há uma naturalização, uma banalização/rotinização da violência emocional/psicológica, tornando difícil sua percepção entre os cônjuges.

*[...] eu nunca vi meu pai bater em minha mãe, nunca vi ele ser agressivo, violento com ela, já vi ele a agredir verbalmente... Minha mãe ficava muito magoada, ficava triste, chorava, mas graças a Deus eu nunca vi meu pai batendo em minha mãe fisicamente, mas agredir com palavras, já presenciei muito [...]. Renato.*

*[...] meus pais vivem juntos, mas ele esculhamba muito ela, xinga, briga... Ele acha que mainha tá escondendo alguma coisa errada dos filhos, ele tem muito ciúme dela, vive dando macho a ela [...]. Maria.*

*[...] em mainha meu pai não chegou a bater não, mas brigava, discutia, xingava muito[...] . Zilda.*

Aqui vemos como é difícil mensurar este tipo de violência, porque atinge o universo simbólico dos indivíduos. A violência emocional não é reconhecida como violência e passa despercebida, uma vez que, do ponto-de-vista dos depoentes, a violência está associada à agressão física. Desta forma, para a maioria dos entrevistados, quando a violência praticada não deixa marcas no corpo ela é aceita e internalizada como algo natural. Segundo Miller (1999), a violência não física, como também é conhecida a violência emocional, está presente, de forma tão sutil que os sujeitos não conseguem reconhecê-la. Tem como objetivos destruir o

auto-respeito e a auto-estima, assumindo várias formas, que vão do xingamento a humilhações em público, humilhações para a família, cárcere privado, privação econômica. A violência emocional também inclui acusações (de possuir amantes) e proibições (de fazer amizades, por exemplo). Este tipo de violência pode preceder a violência física. A representação social da violência na relação familiar para os depoentes, assim como para a maioria dos entrevistados, invisibiliza a violência emocional/psicológica, naturalizando essa cruel forma de agressão praticada contra a mulher no âmbito do espaço privado. Ainda dentro desta modalidade de violência na relação conjugal, as falas dos sujeitos trazem à tona um outro tipo de violência: aquela praticada por atos destrutivos:

*[...] meu pai perturbava muito a minha mãe, ele bebia muito e aí chegava bagunçando, xingando, quebrava as coisas dentro de casa... Teve uma vez que ele quebrou até a televisão, ele jogou a televisão no chão com toda a força na frente de minha mãe[...].* **Rita.**

*[...] minha mãe tinha que esconder o dinheiro que recebia como empregada doméstica, porque senão ele pegava e estourava tudo no jogo do bicho, ele ficou viciado em jogo do bicho e roubava o dinheiro de mainha que era pra comprar as coisas pra casa.* **Zilda.**

Os atos destrutivos são vistos como forma de violência emocional, quando o agressor tenta atingir a vítima pela destruição dos seus pertences: nos exemplos citados, a televisão e o roubo do dinheiro para as despesas da casa. Entre os atos destrutivos contam-se roubar ou destruir objetos pessoais, maltratar animais domésticos, revirar a casa.

As falas abaixo, que são a representação social sobre a relação familiar, trazem à tona a vivência de violência física na dinâmica familiar. Esta, por ser mais visível, assume maior importância e infelizmente acaba se incorporando ao cotidiano da mulher. Vejamos isso nas seguintes falas:

*[...] ele (pai) agredia minha mãe fisicamente, a gente como filho tinha que se meter, sempre a gente ficava do lado dela, era muito triste presenciar aquilo... Ela nunca prestou queixa contra ele[...]. José.*

*[...] meu padrasto batia em minha mãe, espancava muito mesmo... Teve um dia que ele quebrou o braço dela, botou fogo na casa e disse que ia matar todo mundo, aí coitada ela teve que ir embora com aquela ruma de filho... Ela nunca deu uma queixa dele na delegacia... O povo dizia: 'D. Maria, esse homem vai matar a senhora'[...]. Rosa.*

*[...]Meu pai agride muito mainha, espanca mesmo... Eu e meus irmãos sempre ficamos do lado dela, a gente apóia ela[...]. Maria.*

Em nossa sociedade, a violência contra a mulher se manifesta do plano simbólico, que impõe papéis sociais e sexuais, até a violência física, que nada mais é do que uma das formas mais exacerbadas de poder masculino. A violência física resulta em danos físicos e mentais para as vítimas. São muitas as formas que esse tipo de violência assume, podendo ir desde os maus tratos (espancamentos, agressões com mais diversos tipos de armas) até aquelas que deixam marcas no corpo da mulher. Segundo Libardoni (2002), a violência física é uma das modalidades que mais atingem as mulheres e ela muitas vezes é praticada por alguém muito

próximo: marido, namorado, companheiro etc., alguém em quem se poderia confiar. Infelizmente, como vimos nos discursos, isso acaba fazendo parte do dia-a-dia, em um ciclo de violência muito difícil de ser rompido. Notamos ainda que os filhos, nesta dinâmica familiar violenta e diante da agressividade paterna, acabam por “tomar partido” da mãe, agindo como se fossem seus protetores. Embora sofram muito com os episódios de agressão, a maioria das mulheres não denuncia a violência e quando chega a fazê-lo acaba por desistir no meio do processo. Vale ressaltar que somente 10% dos casos de violência contra a mulher são denunciados. Veja o depoimento a seguir:

*[...] mainha já deu várias queixas dele (pai), mas acaba voltando atrás e retirando as queixas feitas na delegacia[...]. **Maria.***

Também fica claro, nos depoimentos, que as mulheres, ao lidar no cotidiano com a violência física, desenvolvem sentimentos e comportamentos ambivalentes a esse respeito. A ambivalência presente na relação conjugal parece dificultar o enfrentamento da violência. A princípio, o balanço dos momentos bons predomina sobre os momentos ruins. Esta situação faz com que as mulheres vítimas de violência não denunciem os agressores e continuem dentro de um ciclo de violência que parece não ter fim.

A violência conjugal, voltamos a afirmar, se dá de forma cíclica, contínua e repetitiva e muitas vezes se passa sem que a mulher o perceba. Segundo Soares (1999), não se pode pensar em violência contra a mulher em episódios isolados e discretos, mas num processo contínuo e repetitivo. Saffioti (1999) concorda com a autora quando diz que as relações violentas tendem a obedecer a uma escala progressiva através dos anos de relacionamento, iniciando-se com agressões verbais, passando para as agressões físicas e/ou sexuais, podendo chegar inclusive a ameaça de morte e até mesmo ao homicídio.

Todos os depoimentos trazem à tona o ciclo da violência, composto por três fases distintas (estágio de acumulação de tensão, episódio agudo da violência e a “lua de mel”), que descrevemos minuciosamente em capítulo anterior deste trabalho (pág.). Vemos o quanto este ciclo é difícil de ser rompido: a mulher vítima de violência conjugal não se percebe dentro deste ciclo e mesmo quando denuncia a agressão, como no relato de Maria, acaba por retirar a queixa contra o agressor, pensando ela que as coisas se acalmaram; só que sem que ela perceba as tensões recomeçam, o ciclo mais uma vez se fecha.

Segundo Ricotta (2002), “estancar a violência cabe a quem faz parte do ciclo”. A representação social sobre a violência como intrínseca à relação conjugal reafirma a impotência da mulher na resolução do problema, pois a coloca em conflito com a ordem familiar estabelecida. O relato abaixo demonstra isso:

*[...] meus pais estão juntos até hoje (são 50 anos de casamento), apesar das desavenças, das brigas, da bebida, eles não chegaram a se separar não[...] na minha família os casais não se separam... Roberto.*

Saffioti (1984, p. 18) afirma que a quantidade de mulheres vítimas de violência doméstica que denunciam a agressão ainda é pequena em relação à extensão do problema. Várias razões levam a mulher a sofrer calada. A autora assinala que uma primeira razão é a dificuldade de enfrentar a violência como consequência de relações assimétricas. A segunda é o fato de que o agressor tem uma relação afetiva com a vítima: já se amaram, é o pai de seus filhos e, neste caso, entra também a culpa pela possibilidade de expor os filhos diante da vizinhança ou dos colegas de rua e da escola. A terceira é de ordem material, já que, ao terminar um casamento, mesmo a mulher que possui profissão está defasada em relação às

exigências do mercado de trabalho: afinal, ela passou anos dentro de casa, exercendo atividades que não são socialmente valorizadas, isolada do espaço público.

Neste conflito, sua busca de atendimento é mais marcada por dúvidas que por certezas. Ao mesmo tempo em que desejam mudanças, freqüentemente rejeitam sugestões para possíveis saídas. Levando-se em conta estes dois aspectos, isto é, envolvimento afetivo e representação da violência como intrínseca à relação conjugal, percebemos que as mulheres desejam mais reparar que romper o relacionamento afetivo conflituoso. Mais do que punição, as mulheres desejavam mudanças que preservassem o relacionamento e a família.

Outro aspecto a ressaltar é que os profissionais de saúde se encontram em uma posição estratégica para detectar os riscos da violência e identificar as possíveis vítimas de violência doméstica, uma vez que as mulheres, em geral, procuram os serviços de saúde em decorrência de danos físicos, mentais e emocionais. O profissional deve procurar conhecer a história de vida da mulher agredida, pois embora muitas vezes ela seja medicada com tranquilizantes, o problema continua a existir. Além de provocar o adoecimento da mulher, outra consequência deste tipo de violência é a dificuldade que as mulheres têm de cuidarem da saúde.

Nos equipamentos que fazem parte da rede de atendimento à mulher em situação de violência (delegacias, serviços de saúde, casa abrigo) podemos perceber uma preocupação, um maior esforço para a melhoria da assistência prestada a esta mulher. Em algumas destas instituições, ao invés de oferecer acolhimento e segurança, têm sido local de constrangimento e humilhação, pois as mulheres vítimas deste processo se deparam com inúmeras dificuldades ao denunciar a violência sofrida. O processo judicial é, muitas vezes, visto como método para alcançar esta mudança desejada: todavia não necessariamente como exercício da justiça:

*[...] ela (mãe) queria apenas que ele levasse um susto, que se arrependesse e mudasse. **Maria.***

Segundo pesquisas, geralmente as mulheres denunciam os atos de violência somente após vários anos de sofrimento. É a chamada rotinização/banalização da violência doméstica. Nos depoimentos acima, vemos que cada mulher enfrenta de forma particular a violência sofrida e a ela reage de acordo com a subjetividade e a história de vida de cada uma delas.

A denúncia constitui o mais eficiente instrumento de reação, enfrentamento e combate à violência contra a mulher, visto ser este o momento em que este fenômeno é tornado público e criminalizado e em que o agressor é passível de sanções legais, além de se acabar com a idéia de que a violência doméstica é um problema privado.

Discorreremos agora acerca de como os entrevistados justificam a ocorrência da violência conjugal. Observamos, na fala dos entrevistados, que há uma necessidade enorme de justificar a violência que existe no seio da família. Nas falas a seguir, destacamos as relações extraconjugais como uma justificativa para a violência entre os cônjuges:

*[...] havia muitas divergências no relacionamento de meus pais, principalmente por causa das várias mulheres que ele tinha, eles se agrediam muito. Minha mãe não aceitava os casos de meu pai, principalmente por que vinha mulheres chamar meu pai aqui na porta... E ao longo da convivência foram várias brigas por isso[...]. José.*

*[...] meu pai tinha outra mulher, lá na rua mesmo, ele dizia que era só amiga, mas não saía de lá e todo mundo da rua comentava sobre os dois... Quando ele chegava em casa, aí começava as brigas, por que minha mãe não aceitava... Quando ela viu que ele não ia mudar, saiu da casa de minha avó e me largou lá, deixando tudo pra trás[...]. Carmem.*

A traição masculina é apontada como motivo para a ocorrência da violência conjugal. Conforme salienta Izumino (1998), os papéis sociais de gênero servem, também, para regular o exercício da sexualidade e os limites socialmente estabelecidos para o seu exercício, o comportamento sexual masculino não sendo questionado. Isso se deve ao fato de a traição masculina, no imaginário social, figurar como inerente ao homem, sendo, portanto, incontrolável e legitimada pela sociedade.

Isso porque geralmente é permitido ao homem o exercício da sexualidade, haja visto ele gozar de maior liberdade, o que já não acontece para as mulheres. O homem constrói assim sua identidade como estando ancorada na representação da liberdade sexual masculina em detrimento da limitação sexual feminina.

A infidelidade masculina também é compreendida a partir de mitos que permitem ao homem ter relações extraconjugais. Conforme Giffin (1994), a infidelidade do homem é justificada por uma necessidade biológica, inerente ao gênero masculino e exclusiva dele. No entanto, a traição conjugal está, de fato, associada às relações sociais através das quais homens e mulheres aprendem quem pode ou não ser infiel.

No caso das falas acima, a existência de conflitos surgidos na relação conjugal foi explicada pelo sentimento de desconfiança das mulheres e pela traição por parte dos homens. Tais justificativas quebram o compromisso firmado no “contrato” de casamento, que prevê juras de fidelidade. É a idealização do amor romântico. Segundo Jurandir Freire, no livro “Sem fraude, nem favor”, as expectativas idealizadas são sempre frustradas e o resultado é a oscilação entre a descrença na possibilidade de amar e um culto cego ao romantismo

Outra forma de se tentar explicar/justificar o comportamento agressivo, é que a violência ocorre devido ao álcool em excesso. Vamos observar os discursos:

*[...] meu pai era muito violento com minha mãe, brigava muito dentro de casa, era mais por causa da bebida, quando ele tava são ele não era violento. Rita.*

*[...] meus pais estão juntos até hoje [...] apesar das divergências, eles não chegaram a se separar não... O problema era por causa da bebida, ele aprontava quando bebia, perturbava, era violento com minha mãe... João.*

O uso de álcool nas violências praticadas contra as mulheres representa um fator precipitante ou catalisador da agressão. A idéia, portanto, é a de que o álcool estimula um comportamento agressivo dos homens, agindo como catalisador de uma vontade existente, que é a de dominar. Existiria, portanto, uma vontade, uma intenção masculina de ferir a integridade física das mulheres. Esta seria fruto de uma disposição individual, apoiada na ideologia patriarcal e no processo mais global de dominação de um sexo sobre o outro.

A associação da violência ao uso de álcool é usada pelos sujeitos como forma de explicar e, ao mesmo tempo, desculpar sua conduta violenta mediante os efeitos que o álcool produz, tais como alteração do humor e esquecimento.

Ao mesmo tempo, o alcoolismo é revelado como fraqueza masculina, o que, segundo Gregori (1993), pode apresentar a peculiaridade de sugerir que os conflitos domésticos não possam ser resolvidos dentro dos limites do universo familiar, como pedido de ajuda e controle de médicos e especialistas. A falta de caráter de quem usa o álcool como desculpa sugeriria a necessidade de uma disciplina.

Todavia, embora haja inúmeras referências à relação entre abuso de álcool e as agressões conjugais, Soares (1999) afirma que os próprios profissionais e aqueles que militam

contra a violência refutam a hipótese causal nesse sentido, uma vez que ambos são, simultaneamente, motivados por combinações de fatores sócio-econômicos e culturais, além de não estarem limitados a nenhum grupo social em particular. Segundo a autora, alguns estudos indicam que a violência está mais relacionada com a aceitação da legitimidade do comportamento violento do que com a bebida, isoladamente. A violência conjugal usa como justificativa também a falta de dinheiro, o que diretamente compromete a manutenção financeira da família, melhor dizendo, o desempenho do papel social estabelecido para o homem, de provedor da família. No entanto, a violência aparece como consequência da incompreensão da mulher com relação à difícil situação financeira que o casal enfrenta:

*[...] as brigas entre meus pais eram mais por causa da necessidade, era muita pobreza, eles tinham 14 filhos e meu pai sustentava todos vendendo pipoca no carrinho...até ele dizia que ia trazer um pão, um arroz pra gente comer e quando não trazia, minha mãe brigava, xingava e tudo... **Ana.***

*[...] tem também as mulheres que quando o marido tá desempregado, que fica humilhando, denegrindo, dizendo que ele não quer nada, isso também é uma violência, por que o homem fica mal, com a auto-estima lá em baixo... **José.***

A violência doméstica é justificada pela violência social e explicada pelos problemas de natureza econômica. Para Minayo (1990), na tentativa de explicar o fenômeno da violência surgiram várias correntes de pensamentos e abordagens peculiares, entre as quais a Teoria Economicista. Na visão de mundo dos economicistas, a grande desigualdade na concentração

de renda proporcionada pelo capitalismo, associada ao desemprego constante e às poucas possibilidades de ascensão social e financeira, leva os indivíduos a praticar atos violentos.

Embora as questões de pobreza não expliquem a violência, haja vista sua presença em todas as classes sociais, elas são frequentemente referidas como fatores que precipitam o conflito. Segundo salienta Saffioti (1987), para quem vive em um país onde seis entre dez brasileiros vivem em condições de maior ou menor precariedade, o papel de provedor do lar atribuído ao homem constitui um pesado fardo, pois, quer ele seja o único provedor da família ou o principal deles, a ele não é permitido falhar. Isto leva a autora a questionar quantos homens não se tornam violentos, espancando suas mulheres e filhos, em virtude do desespero por conta do desemprego, quantos não se tornam alcoólatras depois de longa busca por emprego, busca, aliás, infrutífera, quantos não perdem a vontade de viver em face da impossibilidade de cumprir o destino que a sociedade lhes reserva?

A extrema pobreza, a miséria, o desemprego, sobretudo, quando aliados à falta de melhores perspectivas e a um contexto de profundas desigualdades sociais, aumentam o índice de violência. Para Maldonado (1997), urge a implantação de programas de geração de empregos, de renda mínima para as famílias que se comprometem a manter as crianças freqüentando a escola. Um maior investimento em saúde e educação é essencial para uma maior justiça social e a prevenção da violência.

Por aí se pode perceber o enorme valor da família no processo de socialização dos indivíduos, bem como o contexto representacional que ela apresenta para a construção desses homens e mulheres. A violência, estando presente na vida dos entrevistados, influencia a construção da identidade masculina e feminina. É assim que o homem e a mulher moldam sua personalidade a partir dessas representações da relação familiar.

## 2.2 RELAÇÃO COM OS PAIS

As relações familiares vividas pelos sujeitos no-las mostram baseadas numa distribuição desigual de autoridade e poder. Esta tensão permanente se manifestava através da dificuldade de diálogo e de uma agressividade descontrolada. A relação com a figura paterna era extremamente violenta: aí imperava a ausência de diálogo e as circunstâncias desta relação não permitiam o encontro. Vejamos as falas:

*[...] meu pai é do tipo que não compreende nada, tudo é na ignorância, não dá carinho, não dá aquela atenção, sempre foi assim, ele não é um pai apegado aos filhos, pra ele filho é que nem papel que ele joga no lixo, não quer nem saber... **Maria.***

*[...] a violência que eu sofri na vida foi da parte de meu pai... Ele batia muito na gente, xingava de tudo que era nome, o que ele tivesse na mão rumava na gente... **Zilda.***

*[...] meu padrasto batia em mim e nos meus irmãos como se a gente fosse bicho... **Pedro.***

*[...] meu padrasto batia muito na gente, aí como eu e meu irmão éramos maiores a gente ficava o tempo todo na rua com medo dele espancar a gente.. **Rosa.***

Podemos ver, nos relatos acima, a total inexistência de diálogo e o emprego da força/poder para subordinar os filhos. Como não havia espaço para o diálogo, os métodos utilizados para adquirir respeito eram as surras, os espancamentos, as humilhações etc...

Ferrari (2002) considera que a infância é o momento único e singular para o desenvolvimento das crianças. No entanto, podemos observar, a partir dos relatos acima, que os pais dos entrevistados não percebem a singularidade da infância para seus filhos. Segundo a autora, o desenvolvimento da identidade destes indivíduos está ancorado em uma etapa anterior de sua vida, levando-os a agir transferencialmente nas inter-relações. Desta forma, não há o desenvolvimento de um processo verdadeiro de relacionamento entre pai e filho, na construção de uma relação sujeito-objeto, uma vez que estes pais não respeitam nem as vontades dos filhos e nem os respeitam, a eles, enxergando-os como objeto de seus desejos.

Neste sentido, a matriz de identidade se constrói nas relações familiares, pois o aprendizado do papel de filho se faz por uma interação com outros papéis familiares, principalmente os de pai e de mãe. Assim é que a família modela os papéis sociais através do estabelecimento dos papéis de filhos, que, entretanto, não aprenderam a viver fora destes papéis. Conforme Vecina et al. (2002), a criança desenvolve relação de dependência com quem primeiro a acolhe, de modo que a partir daí estabelecerão os primeiros vínculos, que serão decisivos para a formação e o desenvolvimento de sua identidade. Ferrari (2002) diz que o papel dos pais, na família, é o de ensinar, enquanto que o dos filhos é o de aprender. No entanto, o conhecimento é transmitido de forma autoritária, haja visto que aprender significa aceitar os modelos de educação definidos pelos pais sem, contudo, questioná-los. Desta forma, a cristalização dos papéis sociais nas famílias, apresentados como naturais, encobre uma relação em que o pai é a figura centralizadora do poder e detém o direito de agressão não somente contra o filho, mas também contra a mulher, o que configura relações de dominação.

Scodelario (2002) sustenta que essa família conseguiu o “equilíbrio” dessa forma, ainda que de modo precário e fazendo todos sofrerem com a experiência de um membro violento, embora este, muitas vezes, possa estar carregando a violência familiar e expressando-a. A autora traz também uma reflexão acerca dos motivos que tem uma pessoa ou uma família de possuir uma dinâmica que inclui a violência em seu relacionamento, além de considerar que este fenômeno é multicausal (experiência de socialização; características patológicas; fatores situacionais de estresse, fatores culturais, sociais e políticos; características particulares dos pais e/ou filhos), sendo necessário relacionar alguns aspectos que contribuem para a compreensão deste fenômeno (como, por exemplo, família com dinâmica de violência no que se refere à comunicação, que os relatos acima contemplam).

Abaixo, vemos como essa violência sofrida pode fazer com que os indivíduos queiram se livrar dela a todo custo, cumulando com a intenção de se livrar do agressor de qualquer maneira, mesmo que isso possa vir prejudicá-lo.

*[...] o fato de ele bater em mim e nos meus irmãos menos mal, mas bater em minha mãe foi demais... Eu pensei em fazer uma besteira com meu padrasto, os vizinhos e as colegas davam uma idéia, faziam proposta pra acabar com ele, matar mesmo...*

**Pedro.**

Nas falas a seguir as depoentes desejam até mesmo a morte do agressor. Assim poderão viver suas vidas sem esse estigma.

*[...] eu não vou mentir não mais desejei que ele morresse... Quando ele veio a falecer, não vou mentir senti um grande alívio... Zilda.*

*[...] é difícil de lembrar (choro, muito choro) ele era muito violento com a gente e com ela, eu defendia muito ela... Queria que ele morresse pra acabar com aquele sofrimento todo... Rosa.*

A morte, nestes relatos, significa a redenção pra uma vida melhor, sem agressões, longe de violência: é a esperança de uma vida normal onde não reine a falta de compreensão, de amor e de carinho. Percebemos também, nas falas, o quanto o trabalho infantil está fortemente vinculado à violência doméstica.

*[...] minha madrasta me explorava, batia muito em mim, me botava pra fazer tudo dentro de casa e se contasse alguma coisa pro meu pai, ela dizia que eu ia apanhar mais ainda. Ivete.*

*[...] minha mãe sempre trabalhou e desde muito nova que eu faço tudo em casa, pra quando ela chegar cansada tá tudo direitinho. Mas aí quando ela chega, vê erro em tudo, briga comigo, me bate... Muitas noites eu lavo roupa, faço a comida, arrumo a casa toda de novo... Ela nunca acha que tá bom. Vilma.*

*[...] aí eu comecei a tomar conta das minhas irmãs, eu tinha uns 7 anos, minha irmã tinha 6 e a outra 4 anos...mainha saia de manhã e a gente ficava trancada dentro de casa...depois também tive que tomar conta do meu pai porque ele era diabético e ficou muito tempo internado... Zilda.*

Como dissemos acima, o trabalho infantil foi muito contemplado nas falas dos nossos entrevistados. De acordo com a UNICEF-Brasil, apesar da proibição constitucional do

trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos, estima-se que cerca de 3,8 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 16 anos trabalhem no Brasil. O trabalho infantil prejudica o desenvolvimento físico, emocional e intelectual de crianças e adolescentes.

Day et al., (2003) diz que no Brasil, assim como em outras partes do mundo, em diferentes culturas e classes sociais, independente de sexo e etnia, crianças e adolescentes são vítimas cotidianas da violência doméstica, sendo este um fenômeno universal e endêmico.

Os casos registrados em todo o país, em delegacias, conselhos tutelares, hospitais e institutos médico-legais são apenas um alerta. Os levantamentos oficiais são precários e os dados obtidos são uma pequena parte do real (AZEVEDO, 1987).

A depoente Vilma, além de ter ceifada a sua infância, se vê às voltas com uma mãe que a amedronta o tempo todo.

*[...] minha relação com minha mãe sempre foi difícil, quando eu tava na 2ª série ela queimou minhas mãos com uma colher, eu nunca vou esquecer... Uma vez ela quebrou meu braço na frente do meu namorado, ele até falou com o tio dele que é do Juizado, aí ela ficou dizendo que era mentira, meu pai até disse que ia me tomar dela porque ela me maltratava demais, aí ela disse que ia mudar.*

Segundo estatísticas, a mãe é a maior agressora na modalidade de violência física, embora os pais, em números absolutos, prevaleçam. Famílias uniparentais, como a citada no exemplo acima aumentam em 80% o risco (DAY et al., 2003).

O Relatório de 2002, elaborado pela Organização Mundial de Saúde infere que crianças que testemunharam violência, por sua vez, estão mais predispostas a reproduzir, quando adultas, relacionamentos disfuncionais com suas próprias famílias.

O tema em questão mostra as representações sociais dos sujeitos entrevistados com relação ao convívio conjugal durante o período da gravidez. Estas representações se organizam em três categorias que traduzem, sobretudo, a relação na conjugalidade. Dessas representações sociais, extraímos as seguintes categorias: a relação conjugal, relações conjugais e relações familiares e, por fim, relação conjugal e gravidez.

### 3.1 RELAÇÃO CONJUGAL

Nas falas abaixo, os depoentes mostram uma representação da vivência conjugal baseada na fantasia, mostrando como o amor romântico define os relacionamentos afetivos.

*[...] é necessário que tenha confiança, um confiar no outro, um querer ajudar o outro, se dedicar, tem que haver carinho, tudo isso aí [...]. Augusto.*

*[...] um contar com o outro, tem que haver sinceridade, amor, carinho, igualdade, eu acho que no mundo de hoje isso não está acontecendo, porque muitas mulheres não concordam com os homens e muitos homens não concordam com as mulheres e aí isso gera desarmonia, brigas, não gera o amor [...]. Vilma.*

[...] *a 1ª coisa que eu penso que pra existir uma relação é preciso ter amor, se um não amar o outro não tem como a relação dar certo, senão a relação fica vazia, pra mim o amor é a base da relação [...]. João.*

Os depoentes em questão trazem à tona o amor romântico. Esse tipo de amor idealiza a pessoa amada e projeta nela tudo o que gostaríamos de ser ou tudo o que gostaríamos que ela fosse. Não nos relacionamos com a pessoa real, mas com a imaginada. As relações devem ter como base o cuidado, a sustentação, a fidelidade, a compreensão, pressupondo, assim, a eternidade do vínculo. Segundo Queiroz (2004, p. 183), “...esse amor constitui o ideal, a perfeição, o não erótico num relacionamento conjugal, apresentando uma ligação da mulher com o romance, a partir da criação do lar, da invenção da maternidade...construindo a idealização do homem perfeito.”

O ideal do amor romântico é natural em uma relação construída com base no patriarcado e é a que geralmente representa o masculino e conseqüentemente o poder. Dantas-Berger e Giffin (2005) afirmam que as expectativas de realização da maioria dos casais, partiram das representações tradicionais da divisão sexual do trabalho patriarcal: homens na produção/público e na chefia da casa, mulheres na reprodução/na esfera doméstica, eventualmente “ajudando”no trabalho remunerado. Esse amor tende a ser associado ao casamento e à maternidade, concebendo o matrimônio “para sempre”.

Queiroz, apud Arendt (2004, p. 22), afirma que "o poder brota onde quer que as pessoas se unam e atuem de comum acordo". Na perspectiva de Goode (apud Torres, 2000, p. 4), o amor não é apenas um sentimento "que pairaria acima ou fora da vida social". Ele é uma espécie de mola propulsora, "uma força que, no quadro dos valores das sociedades contemporâneas, tem o poder suficiente para criar, em sentido real e figurado, novas relações sociais".

*É preciso muita renúncia, companheirismo, pra uma relação dar certo, é preciso submissão de ambas as partes, a Z. me respeita muito e é muito submissa, diferente da minha 1ª esposa, no meu 1º casamento houve até agressões, hoje eu me arrependo, eu fui o culpado de tudo e acho isso uma pena, viu? **José.***

*[...] a mulher tem que cuidar do homem, não ser ignorante, fazer tudo que ele quer, não teimar, quando ele falar que é aquilo é aquilo mesmo, tem que ter carinho e o homem também tem que dá carinho, não é por que a mulher depende dele que ele tem que pisar em cima dela o tempo todo [...]. **Lucas.***

Nestes relatos, vemos claramente a representação da construção social de gênero como a supremacia masculina e a conseqüente sujeição feminina. A mulher é percebida como objeto das necessidades individuais dos homens.

Em outras falas, os sujeitos apontam para uma relação de igualdade, em que o compartilhamento de todos os momentos irá redundar em crescimento para ambos. É o que chamamos de amor confluyente. Esse tipo de amor é livre, não aceita cobranças, pressões ou qualquer elemento que sufoque a relação, rompe a idéia do amor eterno, como também a idéia de que a mulher busca o amor e o homem a realização do desejo. Ricotta (2002, p. 19) sustenta que "a relação envolve a correspondência de interesses e afinidades entre duas pessoas; pressupõe a convivência e o conhecimento recíproco por meio da comunicação, seja ela verbal ou não verbal".

[...] *eu acho que numa relação ela tem que me entender e eu entender ela, fazer as necessidades dela pra ela fazer as minhas, tem que haver esse jogo, entendeu?* **Gustavo.**

[...] *é uma parceria, tem que ter uma relação estável, um tem que entender o outro pra funcionar [...].* **Renato.**

[...] *é quando os dois compartilham juntos todos os problemas, as dificuldades, as alegrias, um tá crescendo com o outro [...].* **Zilda.**

[...] *é preciso ter confiança, um respeitar o outro, estar juntos em tudo, não existe isso normalmente, o casal não conversa, um fica esperando o outro, ninguém dá o 1º passo pra se entender [...].* **Rita.**

Saindo um pouco da seara do amor romântico nos deparamos claramente com a violência como parte do cotidiano dos entrevistados.

[...] *na época de namoro a gente se dava bem, mas agora por qualquer coisinha a gente briga, já tá discutindo, às vezes ele quer vir pra cima de mim e se ele vier eu não vou só apanhar, eu bato também, isso não acontecia, foi morar junto pra começar a acontecer [...].* **Ivete.**

A fala abaixo mostra o oposto: isto é, neste caso a violência é praticada pela mulher, quando, via de regra, a iniciativa da violência parte do homem. A violência de gênero ocorre tanto por parte das mulheres quanto por parte dos homens. Mas essa violência se dá principalmente por parte do homem contra a mulher.

*[...] ele sempre foi amoroso comigo, companheiro, preocupado, atencioso, o problema é comigo, eu sou agressiva com ele, eu xingo, discuto, digo que não quero conversar e já vou logo enfiando a mão, ele diz que assim não se resolve nada, fica me olhando triste e segura minha mão pra eu não bater mais [...] eu bato no rosto, dou tapa em tudo que é lugar, eu bato mesmo [...] eu sempre fui assim com os homens [...]. **Lúcia.***

Também há casos em que o homem, para desempenhar o seu papel de macho, é capaz de assumir responsabilidades para as quais não está preparado e nem deseja. Isto mostra como as construções sociais interferem no modo de agir do indivíduo e em seu comportamento.

*[...] eu fui morar com C. depois de um mês de namoro, porque ela teve um problema sério e não tinha onde ficar, eu sou uma pessoa que me envolvo com os problemas dos outros, por solidariedade, sei lá... Não foi o momento que eu dissesse agora eu vou me casar, não sei pra ela... Foi algo muito rápido, ela ficou até meio sem jeito no início, todo mundo dizia, minha família, meus amigos que eu estava ficando louco em trazer C. pra morar comigo [...]. **Pedro.***

Os homens reproduzem papéis que a eles são atribuídos pela sociedade patriarcal e constroem sua identidade pautada em relações desiguais entre os gêneros. O mesmo ocorre com as mulheres. Enquanto os homens dão valor a preceitos machistas, as mulheres assumem sua sujeição. Podemos perceber a grande importância dada ao homem enquanto provedor, responsável, chefe de família. Bourdieu (2003:64) sustenta:

"O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas, por vezes, ao absurdo, que impõe a todo o homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade".

### 3.1.1 RELAÇÃO CONJUGAL e RELAÇÕES FAMILIARES

Esta subcategoria traz as representações das (os) entrevistadas (os) sobre a vivência da conjugalidade no espaço físico do lar e como ocorrem estas relações conjugais e familiares. A falta de privacidade, situação identificada pelos depoentes, é colocada como fator precipitante da violência. A pouca orientação familiar e expressões pouco afirmativas da sua sexualidade, mas com a busca de felicidade e progresso na vida através do casamento e/ou maternidade, foram morar com seus maridos e parceiros em diferentes arranjos conjugais, sem necessariamente se sentirem prontos para o relacionamento a dois (DANTAS-BERGER e GIFFIN, 2005).

*[...] quando eu vim morar na casa dos pais dele, tínhamos combinado de passar apenas 1 ano e aí já se passou 1 ano e 7 meses, nossa casa está sendo construída em cima da casa dos pais dele, mas nunca termina, eu já tô no meu limite, digo sempre isso a ele, eu sou uma pessoa que gosto de privacidade, eu respeito os outros e quero ser respeitada também, eles são diferentes de mim, eu fui educada de outra maneira, ele sabe disso, aí eu fico como metida, minha sogra diz que eu “tiro muita onda”. Zilda.*

*[...] depois de 2 meses de namoro nós passamos a conviver, moramos na casa da irmã dele, a casa só tem 4 cômodos e moram 8 pessoas (4 adultos e 4 crianças) e meu cunhado inferniza a minha vida... Ele me pirraça, come toda a comida e não deixa pra mim, desliga ou muda a TV de canal quando eu tô assistindo, já peguei ele me espiando trocar de roupa, no começo quis me bater e tudo... Eu fico chateada com meu companheiro por que ele não toma atitude, diz que nós estamos de favor e que tem que deixar pra lá, isso pra mim é uma morte [...] Carmem.*

Segundo Zanota (1999) além de não se virem correspondidas nas suas expectativas de progresso a partir do enlace matrimonial, as mulheres se viram comprometidas e solitárias, tanto nas funções tradicionalmente femininas de “gestão doméstica e afetiva”, como também no sustento econômico familiar.

A violência doméstica é um fenômeno trazido à luz pelo Movimento Social de Mulheres. Enunciada como prática da tradição nos relacionamentos amorosos em especial, a violência cometida por pessoas íntimas, que envolve também filhos, pais, sogros e outros parentes ou pessoas que vivam na mesma casa – a que chamaríamos de violência doméstica – está profundamente arraigada na vida social, sendo percebida como situação normal (SCHRAIBER e D’OLIVEIRA, 1999).

Assim, este tipo de violência torna-se pública e condenável, uma situação antes corriqueira e estritamente do domínio do privado (HEISE, 1994; GROSSI, 1995; SAFFIOTI, 1995). É no âmbito do espaço privado que se dá a violência doméstica que acomete dia-a-dia as mulheres em todos os lugares do mundo e classes sociais. Trata-se de um fenômeno

bastante antigo, mas a que não se dá a devida importância. Atinge todas as populações do mundo, independente de nível cultural, social e econômico.

A idéia de que o ambiente familiar, pelas ligações afetivas, protegeria seus membros mais vulneráveis, tem se mostrado bastante falha. Em todo o mundo, pelo menos uma em cada três mulheres já foi espancada, coagida ao sexo ou sofreu alguma forma de abuso durante a vida. O agressor é geralmente um membro da família. Na violência doméstica contra a mulher, o abuso pelo parceiro íntimo é mais comumente parte de um padrão repetitivo, de controle de dominação, do que um ato único de agressão física.

As reações femininas são diversas, algumas resistem, outras fogem e outras tentam manter a paz, submetendo-se as exigências de seus maridos. A reação da mulher á violência é freqüentemente limitada pelas opções à sua disposição. Os motivos mais alegados para continuar em um relacionamento abusivo são: medo de represálias, perda do suporte financeiro, preocupação com os filhos, dependência emocional e financeira, perda do suporte da família e dos amigos, esperança de que “ele vai mudar um dia”( SAFFIOTI; SCHRAIBER e D’OLIVEIRA; DAY at al.).

Apesar das dificuldades, muitas mulheres acabam abandonando os parceiros violentos. As mulheres mais jovens são mais propensas a abandonar estes relacionamentos mais cedo. Situações como aumento do nível da agressão, violência afetando os filhos e apoio sociofamiliar são determinantes na decisão de sair do relacionamento. A mulher entre em um processo de quebra da negação, racionalização, culpa e submissão, passando, então, a se identificar com outras pessoas na mesma situação. Nesse período, é comum o abandono e retorno ao relacionamento várias vezes, antes de deixa-lo definitivamente. Infelizmente, mesmo após o término da relação, a violência pode continuar e até aumentar. O maior risco de ser assassinada pelo marido ocorre após a separação.

### 3.1.2 RELAÇÃO CONJUGAL E GRAVIDEZ

As representações sociais dos sujeitos do estudo sobre a relação conjugal na gravidez nos mostram nas falas abaixo, que esta não foi desejada, além do mais, é importante frisar, que o nascimento de um filho é uma experiência familiar. Logo, a gravidez é uma experiência que pertence a família como um todo.

*[...] essa gravidez não foi planejada, assim como a 1ª também não foi planejada mais foi bem pior que a 1ª, porque eu não queria de jeito nenhum, eu não estava de acordo, a vida da gente já é bem difícil e com mais uma criança fica pior, eu realmente não gostei dela está grávida, não vou mentir, pensei várias vezes em aborto mas não externei esse pensamento, por conhecer a educação rígida dela e saber que ela não faria de jeito nenhum... O tempo foi passando e eu fui digerindo aos poucos essa gravidez [...]. José.*

*[...] a minha gravidez não foi planejada, eu moro aqui com minha irmã e meu marido vive viajando, ele trabalha na roça e traz a mercadoria pra vender na feira, mas vem e volta logo, eu sinto muito a falta dele, me sinto muito triste, sem ter com quem contar, espero que ele arranje um tempo pra conhecer o filho [...]. Zilda.*

Nos relatos acima podemos perceber o quanto a responsabilidade pela contracepção é unicamente atribuído a mulher. Segundo Costa (2002), o trato da reprodução não incluía as questões do masculino. A instabilidade das relações conjugais também acaba por contribuir para a ocorrência de prejuízos emocionais e até mesmo de transtornos de ordem afetiva, muitas vezes agravados por um ambiente familiar pouco acolhedor e muito mobilizado com a notícia da gestação (SABROZA et al., 2004). Vejamos os relatos abaixo:

*[...] quando eu fiquei grávida, quem contou a minha mãe, foi a mãe dele, eu tinha medo da reação dela (mãe), aí ela me botou pra fora e ficou sem falar comigo... Depois ela voltou atrás e me trouxe de novo pra casa...na última discussão, ela me xingou, xingou a criança, disse que não queria que eu ficasse com L. por que o irmão dele era traficante, só não fez me bater e me colocou pra fora de novo [...]. **Vilma.***

*[...] nessa gravidez eu não fui um bom marido, não dei atenção a ela, não tava nem aí pro que ela tava sentindo, eu acho que eu fiquei com medo de perder novamente um filho, eu fiquei muito revoltado na 1ª vez e não quis me apegar a essa criança... Eu me lembro que na 1ª gravidez eu alisava a barriga dela, ia com ela pro médico pra fazer U.S. e tudo mais... Eu admito que eu não tô sendo um bom companheiro, nem um bom pai [...]. **Renato.***

*[...] depois da gravidez, ele ficou meio sem jeito, ele mudou, na verdade ele não sabe como lidar comigo, ele mesmo diz que tem vontade de fazer um carinho, pegar na minha barriga mais nunca sabe qual será minha reação... Eu não tenho coragem de enfrentar minha mãe, de dizer a ela que eu vou morar com o pai da minha filha, que ela não manda mais em mim, que agora eu sou uma mulher e aí eu acabo agredindo ele [...]. **Lúcia.***

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (EUA) afirma que a razão mais comumente relacionada com o alto risco de violência doméstica durante a gravidez é o aumento do estresse do marido ou companheiro com relação ao parto iminente. Este estresse se manifesta no homem como uma frustração que ele dirige a mulher e a criança.

Porto (1998) diz que o período gestacional intensifica conflitos em relacionamentos conjugais, sendo que várias razões suscitam a violência neste período, tais como, por exemplo, a recusa da gestante em manter relações sexuais e/ou aversão ao corpo da grávida pode levar o homem a se desinteressar de sua companheira buscando relacionamentos extraconjugais; carência da mulher por não encontrar eco por parte do companheiro; a dependência física do companheiro, manifesta por ciúmes do filho que irá nascer e questões referentes a dúvida sobre a paternidade.

*[...] no começo da gravidez foi ótimo, mas depois ele começou a ficar revoltado porque não conseguia um emprego, aí culpava a mim, descarregava as grosserias em mim, se afastava, não queria ficar perto de mim, quando eu ia conversar, ele dizia que não queria saber, eu ficava pensando que ele tinha vergonha de mim, será que era por causa da minha idade? Aí eu ficava triste, chorava, cheguei a ficar com depressão [...]. **Nair.***

A violência deixa a mulher mais fragilizada, visto que a gravidez traz em seu bojo sua própria crise, como define Maldonado (1985), a mulher expressa emocionalmente uma maior sensibilidade, ficando mais irritada e vulnerável a certos estímulos externos que antes não a afetavam com tanta intensidade.

*[...] já agora no final da gravidez eu pensei que eu fosse perder meu filho... Meu pai teve uma briga muito feia com minha mãe a aí eu fiquei muito mal por que ele mandava eu ir embora já que eu tinha arranjado filho e minha mãe pedia pra que eu não respondesse nada a meu pai, eu fiquei entalada, minha barriga ficou logo dura, eu chorava muito, não conseguia me controlar e pensei que fosse perder meu bebê[...]. **Maria.***

*[...] com a gravidez nosso relacionamento não ficou melhor, as brigas continuam, as agressões e tudo, muitas vezes a avó, vizinhos tem que interferir, eu não sei como eu não perdi a minha criança, eu não sou de falar com ninguém dos meus problemas, por isso me isolo, fico triste, às vezes eu penso que essa tristeza toda vai passar pra criança [...]. **Ivete.***

Diniz et al., (1999) enfatizam que nenhuma violência, pode-se dizer, é mais grave do que aquela praticada durante a gravidez e nem por isso ocorre com menor frequência. Em estudo realizado em maternidades públicas de grande porte em Salvador, Aracaju e Recife, temos 34%, 43% e 35% respectivamente das mulheres agredidas fisicamente durante a gravidez, o que revela um percentual que não pode deixar de ser contemplado como problema de saúde pública.

*[...] nos primeiros meses eu fiquei meio assim quase que entro em depressão, não tinha vontade de nada, quando eu fui contar que estava grávida de novo, ele me perguntou quem era o pai, aquilo me doeu tanto até hoje quando me lembro fico com vontade de chorar [...]. **Zilda.***

*[...] no começo mudou nossa relação porque ele não queria filho, dizia que não tinha condição, que não tinha onde dormir, que tava desempregado e não tinha como criar um filho... Eu não queria tirar por que essa é a 2ª gravidez, a 1ª a família do meu namorado na época não aceitou e eu tive que tirar, eu sofri com isso [...]. Carmem.*

Segundo Menezes et al (2003) as gestantes submetidas a violência doméstica podem sofrer de depressão, podendo chegar até o suicídio.

Pudemos constatar, empiricamente, nos contatos estabelecidos com os entrevistados, as marcas da violência no corpo das mulheres, bem como em suas expressões de tristeza, baixa estima e impotência, manifestos através do choro, deixando claro que sofrem de depressão, dores de cabeça constantes, insônia, falta de apetite e no fato de permanecerem na relação com os maridos e companheiros, apesar de não estarem felizes.

Assim, as relações conjugais marcadas pela violência encontram, na maioria das vezes, na passividade e altruísmo das mulheres, seus elementos de sustentação. Parece existir uma espécie de cumplicidade que, em última instância, destrói a razão do seu amor pelo outro e, ao mesmo tempo, produz, a partir de novos sentimentos, como o medo, a necessidade de sobrevivência, a reelaboração desse amor, agora não mais como atitude de troca de solidariedade, mas de sacrifício e dor.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A magnitude do problema da violência doméstica que atinge às mulheres grávidas, torna-se questão de saúde pública devido as repercussões na saúde da gestante e do concepto. Este fenômeno vivenciado pelas mulheres manifesta-se através da violência física, psicológica e de ordem moral.

Contrariando o senso comum que imagina a gravidez como um estado santificado de paz e beatitude, a violência não diminui na gestação, chegando em muitos casos a piorar em intensidade ou frequência. Estudos realizados sobre esta temática, evidenciaram os altos índices encontrados em populações grávidas, o que fez com que alguns autores postulassem que a gravidez poderia consistir em risco aumentado para a violência.

A sujeição da mulher em relação ao homem vem desde a antiguidade. Observamos ao longo da história, que a mulher mantém uma atitude ambivalente ante seu ideal de emancipação social. Por isso só uma minoria tem conseguido realizar-se totalmente, na esfera da feminilidade e na área sócio-cultural.

A realização deste estudo possibilitou, portanto, analisar as representações de casais sobre a violência doméstica na gravidez. A utilização do referencial teórico da Teoria das Representações Sociais permitiu uma análise do modo como as gestantes e seus companheiros pensam e explicam o tema em questão, através das experiências de cada indivíduo no seu cotidiano familiar e/ou conjugal, como também das informações e modelos de pensamentos vigentes na sociedade, que são transmitidos, principalmente pela família e pelas pessoas do seu convívio social próximo.

Assim, as representações da identidade de gênero (feminino e masculino) estão ancoradas em estereótipos culturais, pautados na diferença biológica entre os sexos, determinante da divisão sexual do trabalho. Deste modo a construção social da supremacia masculina exige a sujeição das mulheres.

Percebemos neste estudo que a representação da mulher está tradicionalmente associada à maternidade. Os papéis atribuídos à mulher: ser mãe, esposa e dona-de-casa são legitimados pela sociedade patriarcal, que legitima e reforça os mesmos, contribuindo dessa forma para opressão das mulheres. Os homens por sua vez, são responsáveis pelo “prover às necessidades da família”.

Assim, as relações desiguais entre mulheres e homens são sustentadas pela divisão sexual e desigual do trabalho doméstico, pelo controle do corpo e da sexualidade das mulheres, pela violência doméstica e pela exclusão das mulheres dos espaços de poder e de decisão.

A família é o locus privilegiado e adequado ao crescimento, desenvolvimento humano e social. Caracteriza-se por um modo específico de viver a diferença de gênero e de relações entre as gerações. Assim, na família são apreendidos e internalizados valores, cultura, padrões de conduta que irá configurar-se na construção da identidade de homens e mulheres. Os entrevistados provenientes de famílias violentas, aprendem esses modelos de relações violentas, o que nos mostra que as repercussões da violência podem ocorrer num plano intergeracional, se reproduzindo de uma geração para outra.

O estudo mostrou o quanto as relações no âmbito familiar, eram relações violentas, não havia diálogo com os pais e que estes traziam também a vivência de violência na infância, reproduzindo com seus filhos as relações conflituosas com seus pais. Percebemos também, que a violência doméstica sofrida por nossas (os) entrevistadas (os) definiram a sua conjugalidade. Portanto a violência conjugal seria consequência da violência sofrida no espaço do lar, reforçando o que muitos autores já trazem que a violência é transmitida para as outras gerações.

A conjugalidade é experienciada sem que haja um preparo, um amadurecimento maior por parte dos envolvidos. As pessoas ficam juntas por vários motivos que nada tem haver com o amor, com o desejo de crescimento e amadurecimento mútuo. Não conjecturando desta forma, numa relação.

A gravidez mostra-se na maioria dos casos como algo indesejado para os homens do estudo, seja pelas condições financeiras precárias, por não estarem preparados neste momento

para desempenhar o papel de pai ou não querer sê-lo, mais mesmo assim, as mulheres continuam a engravidar por se sentir talvez, mais valorizadas neste período.

A vivência de violência doméstica e/ou conjugal neste período, pode causar sérios danos a saúde física e mental destas mulheres e o aumento significativo com os custos de atendimento em saúde, associada com conseqüências maternas e fetais prejudicadas.

Este estudo, mostra-se de extrema relevância por ser uma nova oportunidade de está discutindo a questão da violência contra a mulher na academia e por levar a reflexão os profissionais que prestam assistência a este grupo populacional.

## 7. REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In : MOREIRA, Antônia Silva Paredes ; OLIVEIRA, Denise Cristina de (org.). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia : AB, 1998.

AGUDELO, S. F. Violence and health: preliminary elements for thought and action. Int. J. Health Serv. , 1990.

ARRAZOLA, L. S. D. A mulher sob o signo da violência – marca invisível de um olhar androcêntrico. In : FÓRUM PERNAMBUCANO CONTRA A VIOLÊNCIA, 1999, Recife : CIELA / UNICEF.17p.

AZEVEDO, M. A. Vitimação e Vitimização: questões conceituais. In: Azevedo e Guerra (orgs.). Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu editora, p. 25-47. 1987.

BADINTER, E. XY : Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro :Nova fronteira, 1993,266p.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa : edições 70, 1979.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.196. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Revista Bioética. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Medicina, v.4, 1996, p. 15-25.

BOURDIE, P. A dominação masculina.Tradução Maria Helena Kuhner, 3. ed.Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2003, 160p.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência, Perspectiva Antropológicas da Mulher, 4, Rio de Janeiro : Zahar, 1985.

CALDERÓN, E. M. Mujeres golpeadas: um tormento que es inacceptable mantener em silencio. 2000.

COELHO, S M. F. Tecendo um trabalho em rede no combate à violência contra a mulher : A experiência de Londrina. In : SEMINÁRIO DE COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA À MULHER : CONSTRUINDO REDES E PARCERIAS. Anais.Londrina- PR. 2000 p.28- 33.

COSTA, J. F. Sem fraude, sem favor: estados sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Relume- Dumará/FAPERJ, 2002.

COUTO et al., A Violência conjugal e suas implicações para a prevenção de DST/HIV (Relatório de pesquisa/ PIBIC/GEM). Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

DANTAS-BERGER, S. M; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência social. Cad. Saúde Pública, marc/abr 2005, vol.21, n. 2, p. 417-425.

DAY, V. P. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. Ver. Psiquiatr. Rio Grande do Sul, abr.2003, v. 25, supl. 1, p. 9-21.

DINIZ, N. M. F. et al .Saúde da mulher : violência intrafamiliar e suas repercussões no auto cuidado. Texto e Contexto Enfermagem. Florianópolis, v.8, n. 2, p.436-443, mai/ago. 1999.

DINIZ, N. M. F. et al.. Mulheres com lesões corporais por violência doméstica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 53, 2001, Curitiba-PR. Anais eletrônico. Curitiba: 1CD.2001.

ELLSBERG, M. Candies in hell: womens experiences of violence in Nicarágua. Soc. Sci. Méd. 2000; 51: 1595- 610.

ESCUDEIRO,C. L.; SILVA, I.C.M. Compreendendo a teoria das Representações Sociais. In: \_\_\_\_\_. Adoçando o fel do pesquisador: a doce descoberta das representações sociais. Capítulo III, ed. Anna Nery/UERJ, Rio de Janeiro, 1997, p. 45-53.

FAGUNDES, T. C. P. C. Educação e construção da identidade de gênero. In: PASSOS, E. et al. Ensaio sobre gênero e educação. Salvador: UFBA- Pró-reitoria de extensão, 1999, p. 11-18.

FERRARI, D. C. de A. Visão histórica da infância e a questão da violência. In: FERRARI, D. C. e VECINA, T. C. C. (org.) O fim do silêncio da violência familiar: teoria e violência. São Paulo: ÁGORA, 2002, p. 23-56.

FERNANDES, S. L. S. A.Violência doméstica na gestação e baixo peso ao nascer. Salvador, 2001. 88f. Dissertação( Mestrado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

GAZMARARIAN, et al., Prevalence of violence against pregnant womem. Journal of the American Medical Association, v.275, n. 24, p. 1915- 1920, 1996.

GEBARA, I. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia do mal. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-161.

GIFFIN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. Caderno de Saúde Pública. FIOCRUZ, v. 10, 1994, p. 146-155.

GOMES, N. P; DINIZ, N. M. F. Violência conjugal e suas implicações para a prevenção de DST/HIV.(Relatório de pesquisa/PIBIC/GEM). Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia.

GONZALEZ, R. A; BLANES, G. D. Un enfoque teórico-metodológico para el estudio de la violencia. Revista Cubana de Salud Pública, 2000, p. 85-90.

GROSSI, P. K. Violência contra a mulher : implicações para os profissionais de saúde : In : LOPES, M. J. U., MEYER, D. E. ; & WALDOW, U. R. Gênero e Saúde. Porto Alegre: artes médicas, cap.9, 1996.p.133-149.

HEILBORN, M. L. Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HEISE, L. Violência sobre a mulher. (Relatório preparado para o banco mundial). Mimeo. 1994.

JODELET, Denise. Les Representations Sociales. Paris, Presses Universitaires de France. 4ed., 1989.

LANGER, M. Maternidade y sexo. Buenos Aires: Paidós, 1985.

MALDONADO, M. T. P. Psicologia da gravidez: parto e puerpério. 14ed. Petrópolis: Vozes, 1982, 118p.

MENEZES, T. C. et al. Violência física e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. Rev. Bras. Ginecol. Obstet., jun.2003, vol.25, n. 5, p. 309-316.

MEZA et al., Violencia fisica y psicologica contra la mujer embarazada. /on line/. Disponível na internet via [http:// www.tone.udea.edu.co/revista/mar2001/violencia%20contra%20embarazada.html](http://www.tone.udea.edu.co/revista/mar2001/violencia%20contra%20embarazada.html). Arquivo capturado em 17 de abril de 2004.

MINAYO, M. C. de S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.10,p.7-18,1994

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência e saúde na produção intelectual brasileira. In : Seminário sobre metodologia da pesquisa em violência e saúde na América Latina. Santiago- Chile, 10-13 dez. 1990. Rio de Janeiro : Claves, 1990, 27p.

MINAYO, M. C. De S; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação, nov. 1997/fev. 1998, p. 513-531.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilza Ramos. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.4, n.1 ,p. 7-23, 1999.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

NÓBREGA, S. M. da. Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes ( org. ) Representações Sociais : Teoria e Prática. João Pessoa, Editora Universitária / Autor associado, 2001.

NOLASCO, S. O mito da masculinidade. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.187.

NOLASCO, S. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: \_\_\_\_\_. A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, 197.

ORGANIZAÇÃO PAN- AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). La salud em las américas. Washington, 1995.

REZENDE, I. de. Obstetrícia. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998, p. 278.

SÁ, Celso Pereira. Representações Sociais : O conceito e o estado atual da teoria. In : SPINK, Mary Jane (org. ). O conceito no cotidiano : as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Braziliense, 1995.

SAFFIOTI, H. O Poder do macho. São Paulo : Moderna, 1987 (Coleção Polêmica ) 120p.

SAFFIOTI, H. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, H.; VARGAS, M. M. (org). Mulher brasileira é assim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 151-185.

SAFFIOTI, H. Rearticulando Gênero e Classe. In: COSTA, A O; BRUSCHINI, C. (orgs). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p.183-215.

SANTOS, M. F. S. Representação social e identidade. In: MOREIRA, A S. P; OLIVEIRA, D. C. Estudos interdisciplinares e representações sociais. 2ª. ed. Goiânia: AB,2000, p. 151-159.

SCHRAIBER, Lilia B. ; OLIVEIRA, Ana Flávia Lucas Pires. Violência contra mulheres : interfaces com a saúde. Rev Interfaces – Comunicação, Saúde, Educação v.3 , n..5, 1999, p. 11-27.

SCOTT, J. Gênero uma categoria útil de análise histórica. Tradução Cristiane Rufino Dobat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS. Corpo, 1991.

SOIFER, R. Psicologia da gravidez, parto e puerpério. Tradução: Ilka Valle de Carvalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. Ciênc. Saúde coletiva. jan/mar. 2005, v.10, n. 1, p. 59-70.

SPINK, M. J. P. O conceito de Representações Sociais na Abordagem Psicossocial. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3). 300- 308, jul (set), 1993.

TELES, M. A de A ; MELO, M. de. O que é violência contra a mulher. São Paulo : Brasiliense, 2002, p.15-36.

TORRES, A. C. Amor e sociologia: da estranheza ao reencontro. IV Congresso de sociologia. Junho, 2000.

VECINA et al., Infância e adolescência: uma realidade que precisa de intervenção. In: FERRARI, D. C. & VECINA, T.C. C (org.) O fim do silêncio da violência familiar; teoria e violência. São Paulo: ÁGORA, 2002. p. 57-70.

WAGNER, Wolfgang. Sócio- gênese e características das Representações Sociais. In : MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina (org.) Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia ;AB,1998.

WIDDING, L. Domestic Violence during pregnancy. The prevalence of phisical injuries, substance use, abortions and miscarriages. Acta Obstet Gynecol Scand. 2000.

WALKER, L. The Battered Woman. New York: Harper and Row, 1979

ZANOTTA, L. Violência Conjugal: os espelhos e as marcas. Série Antropologia: Brasília, 1998.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

## 1. DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

Nome

Idade

Estado civil

Religião

Escolaridade

Ocupação Profissional

N.º de filhos

Tempo de convivência

Idade da (o) companheira (o)

2. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem?
3. Fale-me sobre sua relação familiar?
4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira (o) ?
5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira (o) na época de namoro ?
6. Fale-me sobre sua relação com sua companheira (o) depois que passaram a morar juntos ( se for o caso)?
7. Fale sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez?
8. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez?
8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência?\*

\* Para as mulheres responderem.

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Salvador,..... de .....de 2005.

Baseado na portaria 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos eu, \_\_\_\_\_ fui informada da proposta de dissertação a ser realizada pela aluna do Mestrado da EEUFBA, Sandra Brito Freitas de Santana, e aceito participar voluntariamente, autorizando a utilização a utilização de conteúdo das minhas informações para fins científicos, porém respeitando com sigilo absoluto as informações confidenciais.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da mestrandia

\_\_\_\_\_  
Assinatura da (o) entrevistada (o)

## APÊNDICE C – ENTREVISTAS

### ENTREVISTA 1 – Maria

#### 1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem?

Pra mim o papel de um homem é ser responsável, ser fiel, respeitador como ele é, o homem tem que ser trabalhador e ter responsabilidade, o homem tem que trabalhar fora pra garantir o sustento da família e eu acho que hoje em dia não tem por que dizer que a mulher tem que ficar em casa, ela tem que ser independente também, assim como o homem. Eu gosto de ser independente, de ter o que é meu, mais eu não vou recusar se ele quiser ser humilde comigo e me dá alguma coisa, tipo assim, você trabalha compre suas coisas, ele também deve me ajudar. A mulher tá mais com a responsabilidade da casa, de tomar conta do marido, do filho, de lavar, passar, cozinhar e fazer de um tudo em uma casa. Eu por exemplo, gosto muito de arrumar uma casa, adoro lavar roupa, mais se eu conseguir um trabalho fora pra mim vai ser ótimo, por que eu vou poder ajudá-lo um pouco mais.

#### 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Meu pais vivem juntos, ele esculhamba muito ela, xinga, briga, ele agride muito ela. Eu tenho muita mágoa dele por causa disso, e outro dia eu falei sério com ele, se ele tocar a mão nela o ódio vai me cegar e eu não sei o que sou capaz de fazer .... minha mãe é o mais importante, ela tá acima de tudo. Nós éramos em cinco, só que meu irmão faz 11 meses que faleceu, quando meu filho fez 1 mês ele fez 11 meses de morto, foi morto pela polícia, morreu de tanto apanhar, ele foi pego depois de um assalto pro lado da Paralela, mais ele não era uma pessoa ruim, foi o primeiro assalto dele, ele foi com meu primo que era mais esperto, ele morreu e meu primo foi pra Detenção, ficou 4 meses mais já saiu, meu irmão era um bom filho e um bom irmão, ele só queria uma roupa nova no final do ano, mais deu no que deu. Agora que meu irmão morreu nós somos em quatro. A desavença lá em casa era por causa de meu pai, ele maltratava muito minha mãe e a gente também, ele é daquele tipo de pai que não

compreende nada, é tudo na ignorância, não dá carinho a gente, não dá aquela atenção, sempre foi assim, desde pequena ele é assim, ele não é do tipo de pai apegado aos filhos não, pra ele filho é que nem papel que ele joga no lixo, ele não quer saber, se cresceu vai trabalhar, vai viver. Minha mãe já deu várias queixas na Delegacia contra o meu pai, por que as brigas eram feias mesmo, mais minha mãe nunca levou adiante as queixas contra ele, sempre ela retirou, eu acho que já foi mais de umas três vezes. Nós os filhos, sempre ficamos do lado dela, ele sempre achava que minha mãe escondia erros da gente, ele acha que ela sabe das coisas e não diz a ele, você veja, meu irmão tem 11 meses de morto e até hoje ele esculhamba ele, bota ele pior do que um cachorro .... quando ele fala aquilo eu fico até com raiva. Meu pai não aceita o meu companheiro. Ele fica dizendo, por que eu não vou pra minha casa, por que aqui a família dele não entra, ele acha que ninguém presta.. Ah! eu já sofri tanto na mão de meu pai, principalmente por causa de namoro, por isso meu companheiro dá um valor danado a mainha, por que ela sempre esteve do lado da gente desde o começo. Mainha ajuda muito a gente, agora mesmo ele tá sem emprego, só fazendo bico. Meu pai não é de guardar mágoa, ele faz as coisas por que ele acha que ele é vivido, acha que sabe tudo, quando tá com raiva quer esculhambar ele e tudo, eu peço sempre a ele que não guarde raiva de meu pai por que eu procuro também não guardar. Mainha pede tanto pra que ele não guarde raiva de meu pai, por que eu sou a 1ª filha dele, ele queria que eu casasse, tivesse uma casa, por enquanto eu não tenho mais sei que um dia eu vou ter. Ele diz que eu sou a filha preferida dele, eu e meu irmão que foi morto pela polícia, mais aí ele se misturou com maconheiro, ladrão, ele acha que se juntou com gente ruim pra ele morreu. O relacionamento com meus irmãos é bom, existem brigas normais de irmãos, eu tenho minha irmã que a gente sempre briga, discute, mais a gente não consegue ficar de mal.

### 3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Ele é muito ciumento e inseguro. Entre o casal pra relação dá certo tem que ter confiança: ser fiel, não ter mentiras, não esconder a realidade um do outro, falar o que sente, dizer que não tá gostando mais, que não aceita o que o outro tá fazendo, tem que ser sincero. Eu acho que pra um casal ficar junto tem que acontecer isso. Minha relação com G. é muito boa, sem grandes problemas, apesar do ciúme dele e das brigas com meu pai. Eu acho que ultimamente a maioria dos casais não está dando certo, praticamente poucos dão certo.

### 4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

Nós dois começamos a namorar, foi uma armação de um colega dele com minha colega, eles dois queriam namorar, aí eles armaram pra gente ficar junto. Aí eles desceram e ela me levou sem eu saber de nada, aí a gente namorou, no mesmo dia ele pediu pra namorar sério comigo, mais eu acho que ele não queria namorar a sério comigo por que ele namorava muito, eu aceitei logo, fiquei logo empolgada por que eu tinha terminado com meu 1º namorado tinha seis meses e eu tava seis meses sem namorar, aí eu fiquei numa empolgação e disse sim. A gente era vizinhos, eu não gostava muito dele, por que ele ficava me chamando de gostosa, a gente ficou um tempão sem se falar. Eu fiquei surpresa quando ele me pediu em namoro, disse logo sim, por que nunca tinha namorado sério. Aí foi passando um mês, ele dizia : eu não quero que você ande com fulana, não faça tal coisa e aí foi , era muito ciúme por parte dos dois. Eu era mais pegajosa e ciumenta, mais agora eu não tô mais assim não, agora é ele, ele quer que eu demonstre agora que eu ainda sou muito ciumenta.

### 5 . Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos ( se for o caso) ?

No nosso caso, a gente fica um tempo na casa da família dele e um tempo na casa de minha família. Agora a gente tá ficando na casa da minha mãe. Lá a gente fica em um quarto, a casa é muito pequena e tem meus pais, meu irmãos. Tudo que a gente tem fica espremido no

quarto. Eu deixo tudo em ordem, arrumo tudo, como se fosse minha casa. O espaço dificulta a gente ter liberdade, poder fazer o que quer na hora que quer. E ainda tem a implicância de meu pai com G. Mais eu ainda vou ter minha própria casa e não depender de meu pai, nem da família dele. Depois que passamos a morar juntos, o nosso relacionamento melhorou muito, ele é mais carinhoso, agora a gente se relaciona melhor em tudo, a gente conversa mais, a gente briga também, mais logo se reconcilia. Por que na época em que a gente começou a namorar, todo mundo pensava que a gente fazia e acontecia (sexo). Eu disse a ele, que só perderia minha virgindade com quatro anos de namoro e foi praticamente o que aconteceu. Por causa disso, ele me dá mais valor ainda, pra ele me alisar foi um sacrifício, ele mesmo fala, fala pra todo mundo que u fui muito difícil, por que com as namoradas anteriores, ele fazia e acontecia.

6 . Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

A nossa família aceitou bem a gravidez, com exceção de meu pai. Embora esta gravidez não tenha sido planejada, nem esperada, graças a Deus, ele me deu todo apoio, adorou a idéia de ser pai. O que está sendo um verdadeiro tormento é a minha relação com meu pai nesse período. Minha mãe coitada fica entre a cruz e a espada, as brigas entre os dois aumentaram depois da minha gravidez, eu fico muito triste com isso. Ele já me botou pra fora várias vezes. Teve um dia que ele chegou em casa e começou a brigar com minha mãe, começou a bater nela, disse que quando eu tivesse meu filho eu iria embora, ele estava muito revoltado, eu não conseguia parar de chorar, quanto mais minha mãe pedia pra que eu parasse de chorar para não aborrecê-lo, mais ele se enfurecia. Eu não conseguia me controlar, parece que toda a raiva, toda mágoa que eu sentia dele veio naquele momento. Eu senti a barriga ficar toda dura, passei muito mal, fui parar na emergência, mais por sorte não aconteceu nada. Neste dia eu pensei que fosse perder meu filho, pois parecia que ia morrer de tanta dor.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Há eu fico muito revoltada, acho uma monstruosidade agredir uma mulher nesse estado. Comigo mesmo, eu sinto minha barriga ficar toda dura, sinto muitas dores. No início da minha gravidez, teve uma batida dos policiais aqui em cima, aí eu ainda revoltada pelo que tinha acontecido com meu irmão, que morreu nas mãos de policiais, e eu tenho verdadeiro ódio de polícia, aí eles mandaram eu parar, mais eu continuei andando, eles chegaram a apontar a arma e tudo pra mim, minha sogra gritava mandando eu parar mais eu não conseguia, aí depois, os vizinhos disseram que eu tava grávida e tudo, aí eles abaixaram as armas, mais naquele dia eu senti, tantas dores, minha barriga ficou durona, eu tive que ser carregada pra dentro de casa pensei que ia perder meu filho, eu tinha uns três pra quatro meses na época. E quando meu pai agride minha mãe, xinga meu irmão que já morreu, quer botar eu e meu companheiro pra fora de casa eu também fico muito mal, eu fico com muita raiva e ficava com medo de passar toda essa raiva para a criança. Tinha medo dele nascer doente, com problemas.

8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência?

Como eu já disse, eu sinto muitas dores na barriga, ela fica bem dura, tenho medo de perder meu filho. E tem também a tristeza que fico depois de acontecer tudo isso.

ENTREVISTA 2 - Zilda

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Ser homem é saber lidar com as coisas mais complicadas. É ser uma pessoa responsável, respeitada, companheira. No meu caso quem resolve as coisas mais complicadas sou eu, por que meu marido diz: isso aí você resolva. Ser mulher é está voltada mais para as coisas de casa, cuidando dos filhos, da educação e da alimentação, do marido, da casa.

## 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Eu por ser mais velha, aprendi a ser responsável mais cedo. Meu pai quando eu estava com seis pra sete anos, ficou diabético. Com essa doença, ele ficou internado durante dois anos e meio quase três anos no Hospital de Irmã Dulce. Aí ficou eu, minha mãe e minhas duas irmãs. Minha mãe na época não trabalhava, aí foi aquele transtorno, por que tinha que cuidar dele, dá atenção as três filhas e ainda tinha que cuidar do alimento, o sustento da família. Aí mainha teve que trabalhar um tempo com minha madrinha, para ter alguma renda por que nos primeiros meses não recebemos nada. Depois minha mãe se informou, aí começou a receber, por que ela pensava que era coisa passageira. Com a diabetes meu pai teve que fazer a amputação do dedo do pé, aí dessa amputação pra cá as coisas foram piorando. Minha mãe teve que fazer faxina, lavar roupa e eu ficava trancada com minhas irmãs. Minha tia ficou um tempo tomando conta da gente, mais era como se não tivesse ninguém. Aí eu comecei a tomar conta das minhas irmãs, eu tinha uns 7 anos, minha irmã tinha 6 e a outra 4 anos. Mainha saia de manhã e a gente ficava trancada dentro de casa, eu saí da escola, nessa época o cachorro me mordeu, praticamente me matou. Eu lembro que mainha chegou tarde nesse dia, foi época de chuva, a gente tava desabrigada. A casa era de taipa, quando chovia alagava tudo e da última vez que deu uma chuva muito forte a gente ficou sem poder ficar dentro de casa, por que a parede caiu e a gente teve que ficar agregada de favor na casa dos outros. Aí foi na época que o cachorro me mordeu, ela chegou coitada, tarde da noite e ainda pra me dá socorro, por que ninguém me levou. Mainha chegou quase 9 horas da noite, foi chegando e me levando, só que fomos em dois lugares mais não fui atendida. Só no outro dia, conseguir atendimento, aí me deram a vacina tudo direitinho. Aí passado esses dois anos e meio, meu pai voltou pra casa, aí eu pensei que as coisas fossem amenizar, por ter um adulto dentro de casa. Nos primeiros meses, ele se comportou bem, mais daí por diante por evolução da doença, ele passou a ser agressivo com a gente. A violência que eu sofri na vida foi da parte

dele. Por que com a diabetes, a pessoa perde um pouquinho o sentido das coisas, ele ficou completamente revoltado, aí descontava tudo em mim e nas minhas outras irmãs. Ele não chegava a bater em mainha, mais brigava, discutia, minha mãe escondia o dinheiro, por que ele ficou viciado em jogo do bicho. Ele batia muito na gente, xingava de tudo quanto era nome. As pessoas da rua já sabiam né, a gente não tinha o direito de brincar, qualquer coisa que ia falar a ele que a gente fazia, ele batia mesmo, o que ele tivesse na mão, ele rumava logo. Meu pai não era assim antes da doença, mainha mesmo dizia que eu era o xodó dele, ele sempre tratou eu e minhas irmãs com carinho, respeito, nunca maltratou, mas com a doença, ele ficou revoltado e descontava tudo na gente. Mainha chegou a conversar com uma das médicas que cuidou dele e aí ela disse que a tendência era piorar e no entanto foi isso mesmo, ele não melhorou. Até ele falecer três a quatro anos depois foi assim, era tanta coisa que ele fazia com a gente, que quando ele ficou internado dessa vez, a gente até ficou alegre, por que a gente ia ficar livre dele. Ele ficou quase um mês internado no Ana Nery por que a diabetes atacou as vistas, o coração, os rins, a cada dia a doença se complicava. E ele se tratava, tomava medicamento, fazia exames, não comia nada que tivesse açúcar, era tudo separado, a alimentação, mas mesmo assim a doença destruiu ele. Eu lembro que ele morreu numa quinta-feira, eu tinha ido visitá-lo com uma amiga, e ele tava bem, tava com previsão de alta para sábado. Ele chegou a amputar o dedo do pé, o dedão, depois o outro, o segundo dedo. No caso dele não cicatrizou o ferimento, mais não precisou amputar mais nada. Até hoje eu lembro que ele mandava a gente, eu e minhas irmãs, fazer os curativos dele, aquilo pra mim era a morte, aplicar a insulina nele, até hoje eu não gosto, tomei pavor a injeção, por causa disso. Eu lembro que ele mandava aplicar na perna dele e a gente tinha que empurrar o líquido, tinha que fazer aquilo já com medo, por que se a gente empurrasse demais ou fizesse algo errado, ele já agredia entendeu? Acho que a parte mais complicada foi essa, depois quando ele veio a falecer a gente teve um pouquinho mais de paz, porque antes a gente sofria demais.

Meu relacionamento com minha mãe e minhas irmãs foi tranqüilo. Eu sou muito diferente das minhas irmãs, eu sempre fui uma pessoa calada, não gostava de zoada, de muita conversa, era organizada, gostava de tudo limpo, arrumado e elas eram bem diferentes. Eu gostava mesmo de cuidar da casa, tirava o dia pra fazer faxina, daqui a pouco já começava, elas desarrumavam tudo. Era tanto que eu não falava com minha irmã menor devido às atitudes dela. Ela já mostrava desde de menor que seria a ovelha negra da família., a gente brigava ia até os tapas, mais depois que eu fiquei maior, com 14 anos, foi parando as brigas. Quando acontecia alguma coisa estava todo mundo ali junto, aí a gente foi levando a vida com as dificuldades e os problemas.

### 3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Eu posso dizer que nossa relação tá um pouco estável, por que ele é do tipo de pessoa que se eu não der testa , ele não vai pra frente. Ele é muito acomodado. Quando eu vim morar com ele na casa dos seus pais estava previsto ficar um ano e aí já se passou mais 1 ano e 7 meses. Meu problema com ele é por que ele é meio criança, quando eu vou falar as coisas pra ele, leva tudo na brincadeira, aí eu fico com a cara emburrada, ele fala eu faço que nem cachorro, pra ele vê que eu não estou gostando das coisas que ele faz. Às vezes por besteira, ele se acha no direito de se sentir ofendido, por uma besteira mesmo, aí ele quer mostrar que é homem, que é o senhor, aí não dá certo.

### 4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

No início foi complicado por que ele era mais velho do que eu, ele é 9 anos mais velho e já vem de um relacionamento, a filha dele com a primeira mulher tem hoje 11 anos. Foi complicado por que eu comecei a namorar sem minha mãe saber, minha mãe trabalhava na época, quando ela ficou desempregada aí já tinham dito coisas a ela sobre a gente, ela também já estava desconfiando, eu negava e ele também. Ele morava do lado da minha casa, a mulher dele na frente, aí ficava aquela coisa assim, a família dela ficava me pirraçando, aí mainha não

entendia por que eles ficavam fazendo aquelas coisas, a gente se dava bem antes. Com o tempo mainha descobriu, aí inventaram tanta coisa, tanta mentira, aí ela falou, falou. Aí nós continuamos a namorar escondido até a poeira baixar. Um ano depois ele foi conversar com mainha, ela deu um sermão nele e disse que a gente já tava junto mesmo e que ela não poderia fazer nada que entregava na mão de Deus.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso)?

A gente brigava mais por causa da ex-mulher dele, quando ela se separou dele já tinha outro homem. Ela engravidou de outro homem, quem deu remédio na época pra ela perder o filho foi ele. Aí ela se sentiu no direito de está sempre ali, era mais pirraça mesmo. Com o tempo ele facilitou também, ao ponto dela chamar ele na minha porta, mais a gente não chegou a brigar por que eu não sou de briga. Ela ficava naquela, passava por mim não dizia nada, mais era ele chegar pra ela fazer fofoca, dizia que eu tinha ido pro bar e eu nem gostava de beber e mal saía com ele. Foi complicado nesta questão da ex-mulher dele, mais depois que passou isso, nós fomos nos entendendo cada vez mais. Desde o momento que eu fui morar com a família dele, sempre mantive distância, falo com todo mundo, me dou com todo mundo. Eu sou uma pessoa que gosto muito de privacidade, eu respeito os outros e quero ser respeitada. Minha mãe às vezes quer falar uma coisinha assim mais eu não quero que minha família nem a dele interfiram na nossa vida. No início minha sogra deu pra falar de mim, ela não gosta do jeito que eu sou. Por que eles são muito diferentes de mim, eu fui educada de uma maneira, eles de outra, eles gostam de dizer palavrão, de beber, eles ficam falando aquelas “coisas”, pornografias, eu não gosto desse tipo de coisa, aí eu fico como metida, minha sogra diz que eu “tiro muita onda”.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Quando eu engravidei mesmo fiquei guardando por causa da minha mãe, ela era religiosa, aí eu pensei em completar a maioridade por que aí ela não poderia fazer nada. Escondi durante uns três meses e quando completei os 21 anos, já decidida a ir morar com ele mesmo sem casar, contei para ela, por que eu queria sair da responsabilidade dela, ela era do tipo de mãe responsável, eu sabia que não ia ser abençoada pelo que fiz. Por que eu sabia que minha mãe seria com a mãe de L. e eles dois não iriam dá certo morando na mesma casa. Os dois se dão bem na medida do possível, mais separados. Eles não chegam a brigar mais são bem diferentes. Meu companheiro não queria essa gravidez, reclamava e dizia por que eu fui procurar filho sabendo da situação em que a gente se encontrava. Aí nos primeiros meses eu fiquei meio assim, quase que entrei em depressão. Ele disse que já tinha a menina do primeiro casamento, o menino comigo e que se eu quisesse outro filho que arranjasse outro homem. Aí ele dizia: Você vai ter filho com quem ? Só se for com outro? Eu não me prevenir, não vou mentir, foi descuido meu, mais eu queria ter outro filho, no mínimo dois filhos, eu queria demorar um pouquinho, mais uns 6 anos. Aí depois ele foi se acostumando com a idéia.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

É tudo aquilo que venha a agredir ou fazer com que o outro se sinta agredido, mesmo que não seja fisicamente, verbalmente também, muitas vezes uma palavra dói mais que um tapa. As ofensas a gente guarda mais, do que um tapa. Um tapa depois a dor passa, mais as palavras, eu acho que magoam muito mais.

8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência ?

Eu fico triste, calada, não converso, fico dentro de casa, evito o máximo conversar com outras pessoas, fico no meu canto. Quando ele vem querendo se abrir, eu fico na minha mesmo, aí ele não gosta, depois eu chamo ele pra conversar. Mais eu tenho que fazer isso, ficar emburrada com ele, ficar sem falar, deixo de fazer algumas coisas pra ele, por que se eu abrir mão também, eu dou até café na boca. Eu pego no ponto fraco dele. Ele gosta de ficar

deitado no meu colo, gosta que eu fique alisando ele, ele fica falando que eu o ignoro, que eu o faço de cachorro. É como matar ele.

### ENTREVISTA 3- Lúcia

#### 1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Na minha opinião, as coisas para o homem são mais fáceis no mundo. Por que ser homem qualquer coisinha já arranja um trabalho e a mulher não, tem esse preconceito, apesar que hoje em dia mudou mais o sentimento das pessoas. Para o homem é mais fácil conviver no mundo, apesar que o mundo tá evoluído mais ainda tem o preconceito com a mulher, ela ganha menos, tem que estudar mais e também tem a cor que piora tudo. Por que, se o homem for branco e a família tem condições, aí ele faz um curso, estuda fora...e a mulher tendo tudo isso, ainda tem o preconceito principalmente no trabalho e se for negra isso é pior ainda. Ser mulher é batalhar bastante pra subir na vida. É batalhar bastante, persistir. Perseverar por que senão não vai a lugar nenhum. Ela tem que fazer a comida, cuidar das crianças... E eu mesma tenho o exemplo de minha mãe, ela estudou, tem dois diplomas, um de auxiliar de enfermagem e outro que eu esqueci agora, mais mesmo assim ela ficou nove meses sem conseguir nada. E ela sabe que ganha pouco pra o que ela faz, ainda tem esse preconceito. E onde ela tava trabalhando antigamente a mesma coisa, e ainda tem essa coisa de ser mulher e ser negra e ela trabalhava num lugar onde tem pessoas brancas. Ela trabalhava na Nordeste Segurança, que é empresa de dinheiro, aí eles olhavam tudo, a roupa, diziam uma negra trabalhando aqui, então ainda tem esse preconceito. Também tem homens que vê a mulher só pra ficar ali, trabalhar em casa, tem esse preconceito, já começa dentro de casa, os pais com a filha mulher, ela não vai ali sozinha, não vai namorar, só vai estudar...já vê a diferença entre homem e mulher. O homem tem mais liberdade, tem mais regalia pra sair, se divertir e a

mulher não. Ainda tem essa, mesmo os dois tendo a mesma idade, o homem pode tudo e a mulher nada.

## 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Tem três ou quatro anos que meu pai é separado de minha mãe. Eu vivo com minha mãe e minhas irmãs. Tenho quatro irmãs, mas uma é casada e saiu de casa quando engravidou do namorado, meu pai mora sozinho no térreo. Na minha família é o contrário, as mulheres é que são retadas. Minha mãe sempre foi retada mas meu pai era do tipo folgado. É do tipo de homem que a mulher trabalha e quando chega em casa faz tudo, ele depende da mulher. Se falta alguma coisa em casa ele não tá nem aí por que sabe que ela resolve tudo. E minha mãe sempre batalhou, no início ele ajudava, mais depois tudo mudou. Ela trabalhava em dois lugares, saia sete horas da noite e só voltava de manhã e meio-dia ia pro outro emprego, então ele não dava nada, mesmo sabendo que a gente tava precisando. Quando minha mãe saia pra trabalhar, ele tomava conta da gente, só que era minha mãe sair pra ele ir pra rua atrás de mulher. Teve um dia que minha mãe fez que ia trabalhar e voltou, ele tava trancado telefonando pra uma mulher, minha mãe pegou uma faca e foi pra cima dele, derrubou a porta e tudo. Ele ficou morrendo de medo e disse que minha mãe queria matá-lo e foi embora. Minha mãe sofreu muito, muito mesmo. Aí ela toma conta da gente até hoje, teve uma vez que ela botou ele na justiça para pagar a pensão, mas ele forjou comprovantes e minha mãe ficou logo nervosa, disse que era mentira, aí resolveu desistir da pensão. Meu pai sempre foi muito violento com a gente, qualquer coisinha ele já tava batendo, enfiando a mão. Eu tinha muito medo, vontade de fugir de casa, de crescer logo para viver minha vida e até mesmo desejar a morte dele para aquilo acabasse. Ele não batia em minha mãe por que se ele brincasse era mais fácil ela bater nele, aí ele descontava na gente. Minha mãe às vezes falava, outras vezes nem ligava.

## 3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro?

Uma relação entre os dois, em que um compartilha com o outro, se abre, confia um no outro. O homem confia na mulher, e ela também nele, mesmo que ele traia mais se tá arrependido, ele chegar e contar, isso se chama confiança. Os dois sabem que estão ali unidos, juntos. Ultimamente as coisas não são como antes. O homem faz por que é homem mesmo, e a mulher que agüente, ela tem que aturar. Ele faz mesmo por que sabe que ela não tem pra onde ir. Aí faz e acontece, aí depois diz que a culpada é a mulher, mas na minha concepção a culpa é dos dois. Se os dois conversassem, se abrisse um com o outro isso não aconteceria. Por que tudo começa no início, no namoro, antes era de um jeito depois muda tudo? Parece que quando foi no começo, foi aquele amor, aquela coisa e depois quando o tempo vai passando tudo muda, então quem mudou foi os dois. Aí a relação fica virada né? Por que um fica culpando o outro, não chega pra conversar, ver aonde ta o erro. Aí ficam diferentes, distantes, aí passam o tempo e querem se separar, não querem mais viver juntos, cada um pro seu canto, às vezes até se gostam. Isso acontece por que o homem vê a mulher como sua empregada, não gosta mais dela, mais não sai de casa por que sabe que vai ter quem lave, quem passe, faça a sua comida. A mulher tem esperança que ele mude que volte a ser o que era antes.

4. Fale sobre sua relação com seu companheiro na época do namoro?

É excelente, desde do começo ele sempre foi amoroso, amigável comigo, companheiro, ele se preocupa mais comigo do que eu mesmo.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Bem sempre tem aquelas discussões, um pensa uma coisa o outro pensa outra, mas depois a gente conversa. Depois que passa um chama o outro pra conversar. Ele não é agressivo comigo pelo contrário, eu é que sou agressiva com ele. Eu xingo, discuto, digo que não quero mais conversar, não quero saber de nada e aí já vou logo enfiando a mão. Ele diz

que assim não se resolve nada, fica me olhando triste, segura minha mão pra eu não bater mais. Eu bato no rosto, dou tapa em tudo que é lugar, bato mesmo. Eu sei que eu estou errada, parece que vem de dentro de mim, quando eu vejo já tô batendo, eu sempre fui assim com os colegas, namorados... É assim, eu sempre fui uma menina quieta mas com garotos eu sempre fui agressiva. Depois que passa eu fico com sentimento de culpa, que não precisava fazer isso, poderia resolver de outra maneira. O único homem que eu pedi desculpa até hoje foi para ele.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Ele mudou, ficou meio sem jeito, na verdade ele não sabe como lidar comigo. Ele mesmo diz que tem vontade de fazer um carinho, pegar na minha barriga mas nunca sabe qual será minha reação. Por que as vezes ele quer brincar com a menina ( na minha barriga) e eu não deixo, digo que não tô pra conversa, empurro. Aí fica assim ele quer fazer as coisas, mas tem medo da minha reação por que eu sempre fui agressiva. Eu acho que também minha mãe não aceita a minha relação com ele, minha gravidez, isso faz com que eu acabe descontando tudo nele. Eu não tenho coragem de enfrentar a minha mãe e aí acabo agredindo ele.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Um maltratar o outro né? Agredir também com palavras, aí perde a cabeça já quer logo enfiar a mão. Principalmente é mais o homem do que a mulher. Tem sim mulheres que batem nos homens mais é mais os homens. Ele xinga, maltrata, não tá nem aí, o pior é quando ele bebe ou fuma. Parece que tá com a cabeça virada. Tem mulheres que aceitam essa situação porque não têm pra onde ir, ou então tem filhos, sempre tem uma desculpa, por que no fundo ela ainda gosta dele e tem esperança dele mudar.

8 Como você grávida se sente logo após uma situação de violência ?

Resposta acima.

## ENTREVISTA 4 – Ana

### 1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Tudo o que eu faço ele faz, quando eu tô me sentindo mal ele lava a roupa pra mim , me ajuda, faz comida, eu acho que em casa não há diferença, ele faz a mesma coisa que eu faço. O homem tá mais fora de casa enquanto a mulher tá mais em casa cuidando da casa, do marido, das crianças, fazendo as coisas de casa pra quando ele chegar encontrar tudo pronto. O homem tá mais na rua trabalhando, batalhando o sustento da família. Quando a mulher além de fazer as coisas em casa ainda trabalha fora, ela o ajuda um pouco; eu, por exemplo, teve um tempo que eu trabalhei fora e deixava minha filha com minha mãe, por que ele só ganhava o salário e tava muito difícil a situação, depois eu parei de trabalhar em casa de família, arranjei uma escolinha onde eu fazia faxina, mais com a gravidez eu não tava agüentando mais e ele também não queria que eu trabalhasse mais.

### 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Eu tenho mãe viva, meu pai morreu têm três anos, eles tiveram 14 filhos comigo (6 mulheres e 8 homens), eles brigavam, discutiam mais depois tudo se resolvia, as brigas eram sempre por que a gente era muito humilde, meu pai vendia pipoca no carrinho e aí ele dizia que ia trazer o pão, um arroz pra gente comer e quando ele não trazia minha mãe brigava muito, então as brigas eram mais por causa da necessidade, era muita pobreza. Dos irmãos só têm 13 vivos, um morreu quando era pequeno. Meu relacionamento com eles era razoável, por que irmão sempre briga. Hoje quase todos os filhos estão casados, só tenho duas irmãs que ainda são moças e moram com minha mãe, a única que não mora dentro de casa sou eu e meu irmão que mora na Fazenda Grande, mais estou sempre lá. Para sustentar a casa cada um dá um pouquinho, eu sou quem ajudo mais minha mãe. Ah! ela ainda cria dois netos, que as mães (namoradas de meus irmãos) não quiseram criar. Na minha casa mora eu, meu marido,

minha filha e uma irmã dele, que é doente mental, desde quando a gente casou que ela fica com a gente, mais antes ficava vindo e voltando, depois ela ficou definitivo, têm mais ou menos uns 11 anos que ela mora com a gente, ela tem 25 anos, mais é uma criança ainda, eu aceitei bem a vinda dela pra minha casa, ele conversou comigo antes, eu via os problemas que a mãe dele tinha com ela, ela tava dando pra fugir pra vim ficar aqui do lado da gente, aí eu cheguei e deixei ela aí com a gente.

3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Para que uma relação dê certo em primeiro lugar um tem que respeitar o outro, daí em diante tudo dá certo, mais em primeiro lugar um têm que respeitar o outro. É necessário o carinho, compreensão. Os casais hoje em dia não estão bem, pois falta o diálogo, lá em casa a gente conversa muito, se tá alguma coisa errada a gente senta e conversa, pra não ir a frente uma coisa que tá errada. O diálogo sempre resolve.

4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

Resposta abaixo.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Não tem diferença da época de namoro pra época de casado, meu casamento é muito bom, meu marido é muito compreensivo comigo e meu casamento é abençoado, graças a Deus. Só no início do namoro ele se juntava com os amiguinhos, saía pra beber, aí a gente se casou e ele continuou com essas amizades, depois a gente entrou na Igreja Batista e aí pronto tudo melhorou nos entendemos bem e tudo. Têm três anos que a gente entrou pra igreja, ele não bebe mais, segue tudo da igreja, esqueceu daquelas amizades, hoje ele vive pra igreja, pra mim e minha filha. Pra mim foi uma benção a gente ter conhecido o Senhor Jesus, foi uma

benção mesmo. Hoje tá difícil a situação, por que só ele tá trabalhando, fazendo a casa e aí as dificuldades sempre aparecem.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Tá tudo bem, ele adorou essa gravidez por que ele queria muito um filho homem, e minha menina também já está grandinha, mais só que essa criança é menina e aí ele aceitou.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Comigo mesmo nunca aconteceu esse história de violência. Do meu lado eu tenho uma irmã que briga muito com o marido, eu acho também que foi muita falta de diálogo entre eles. A violência não é só a agressão física têm outras formas de violência, como agressão com palavras, o xingar, eu acho que violência também é isso. No caso da minha irmã sempre quem começa as brigas é ela, ela quer xingar mais do que ele, começa a agressão, como têm agressão, mais eles continuam juntos, isso já têm uns 5 anos e o filho vê tudo isso, essa semana mesmo eu fiquei muito chateada, eles brigaram de novo, ele deu um murro no olho dela e eles foram parar na Delegacia, aquela coisa chata, eu não quero mais me meter, por que depois eles sempre voltam e começa tudo de novo, eu converso com eles mais fica do mesmo jeito. Numa relação eu acho que a mulher é mais violenta do que o homem, pelo que eu vejo as mulheres são mais agressivas, nem eu nem meu marido somos agressivos um com o outro nem com ninguém.

8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência ?

Eu acho que têm um prejuízo muito grande tanto pra mulher como pra criança, ela fica triste, chora, sente dor, muito desconforto (a barriga fica logo dura), a criança quando nasce, nasce doente devido aquele sofrimento todo.

## ENTREVISTA 5 – Nair

### 1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

A competência do homem que eu penso é...não é muita coisa não. O homem pra mim é a força, o homem faz as coisas que a mulher não pode fazer, o serviço pesado. O homem trabalha mais fora de casa, ele é responsável por trazer o alimento pra dentro de casa, o homem é o provedor, o homem toma a frente de tudo. Já a mulher tá mais dentro de casa, mais eu penso também que ela deve está fora, a mulher tem que fazer a mesma coisa que o homem. Por que quando a mulher está só dentro de casa o homem quer dominar, há eu faço, eu resolvo tudo, por isso eu penso que a mulher deve está fora do lar também. O homem é o machismo, querer dominar, querer tá sempre certo e a mulher é mais sensível, uma pessoa mais carente, mais frágil.

### 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Meus pais são até uns pais legais comigo, apesar que meu pai é mais duro, minha mãe é mais amiga. Eu tenho 12 irmãos do casal ( 5 irmãs e 7 irmãos) . A relação que não é boa pra mim são minhas irmãs, cada uma me trata de um jeito, mais têm duas delas que a relação é ainda pior. Minhas irmãs assim, elas me separam delas, eu não sei se é por que meus pais são muito chegados a mim, minha mãe é mais próxima a mim, elas me separam, me excluem, qualquer coisa meu nome têm que ser citado entendeu? Elas me maltrataram muito quando eu ainda morava em casa, eu acho que foi por isso que eu quis sair de casa, já tarde, . mais sair. Elas me maltratavam com palavras, palavras muito duras, elas eram mais novas do que eu, das cinco têm duas que são piores, elas me maltratavam por que eu não era de farra, de namorar muito, isso até recentemente, não fazem mais por que hoje eu não estou próxima,

então eu chorava muito então as duas pessoas que me protegiam eram meu pai e minha mãe por elas me maltrataram. E eu sinto por que elas são minhas irmãs. Agora mesmo eu preciso delas e não tenho elas próximas a mim e eu ajudei muito minhas irmãs, já com a idade que eu tenho, eu não tinha ninguém, não tinha família, então quem estava ali sempre era eu, quando elas engravidaram, pariram foi eu e agora eu não tenho nenhuma delas comigo, então eu tenho esse sentimento dentro de mim. Com meus irmãos homens eu não tenho esse tipo de problema, eles são até brincalhões, não são grosseiros comigo, deles eu não tenho o que falar. Minhas irmãs agora estão morando na casa de meus pais, depois que se separaram dos maridos, junto com os filhos, quando eu estava grávida dos gêmeos, uma delas me disse que a mesma coisa que tinha acontecido com elas, iria acontecer comigo, isso ficou marcado em mim.

### 3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Compreensão do homem, da mulher também, é amor, carinho, coisas que não acontecem hoje em dia né? E eu mesma sou uma pessoa carente disso, de amor, de carinho, por eu querer muito isso, eu sou chorona, por tudo eu choro, eu sinto falta desse carinho, dessa compreensão, desse entendimento entre ambas as partes. A relação homem-mulher deve ter mais compreensão por que as outras coisas vêm junto.

### 4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro durante o namoro ?

Bem, eu conheci ele na casa de uma amiga, ela é com se fosse minha irmã, eu conheci ele, não quis me envolver com ele, aí depois por que eu tava sem ninguém resolvi investir, nós temos uma diferença de idade de 9 anos, foi bom no começo e tudo mais depois eu vi que ele era uma pessoa perturbada, uma pessoa assim que não têm certeza do que quer, uma pessoa indecisa, aí ele também já ficou com medo por que teve um relacionamento e não deu certo, ele já morou com outra pessoa e têm uma filha desse relacionamento. No namoro foi bom, apesar que terminamos, aí quando nós voltamos aconteceu deu engravidar, aí quando eu

decidir não ficar mais com ele, eu engravidei e eu sempre fui contra o aborto, eu engravidei dos gêmeos, só que eu já estava decidida a não ficar mais com ele, e eu não tinha certeza que estava grávida por que eu não sentia nada. O rompimento foi por que encheram a cabeça dele, falaram muita coisa de mim, inventaram muita coisa, ele diz que não, mais sempre dizia coisas a mim, há por que fulano me disse, coisas que denegriam minha imagem, ele dizia que não gostava mais da ex mais vinha e ficava falando dela pra mim, da menina, aquilo pra mim era uma pirraça, e eu me tornei infantil falava coisas também do meu ex, coisas que não eram pra eu ter feito, mais assim que eu soube que estava grávida eu tinha que comunicar, ele aceitou, disse que queria morar comigo. Por que eu também não queria ficar na minha casa não, foi na época que eu estava sofrendo com minhas irmãs, aí eu não queria ficar lá em casa, eu ainda escondi de minha mãe, eu não queria tirar eu sou contra o aborto. Aí a gente resolveu ficar junto depois da gravidez.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

A gente ficou junto, foi ótimo, no começo da minha gravidez, ele era super-carinhoso, mais tinha vezes assim que ele dava um de repente , ele era meio instável, na mesma hora ele ta rindo, na mesma hora ta fechado, revoltado por que queria trabalhar, trabalho fixo, e começava a trabalhar saia do emprego, aí ele culpava a mim, descarregava em mim. Ele descarregava com grosserias, se afastava, não ficava próximo a mim, aí eu comecei a me esfriar, também me afastar, isso foi na minha primeira gravidez, eu já tava com uns 7 meses, aí eu chorava, triste, quando eu ia conversar com ele, ele dizia que não queria saber, eu me sentia muito sozinha. Quando eu parir mesmo, que vim a perder os gêmeos, ele só pensava no enterro, nessas coisas. No dia que eu vim da maternidade quem foi me buscar foi meu pai, por

que ele tava trabalhando, foi meu pai e minha mãe, ele ligou lá pra casa e disse desça, que era pra eu descer sozinha, aí eu disse como é que eu vou descer se eu cheguei da maternidade, aí ele veio, há arranje o dinheiro do transporte pra pegar um ônibus, aquilo ali me machucou, depois desse dia. Ele falou aquilo tudo friamente, aquilo me abateu. Quando ele veio desabafar comigo no outro dia, eu dei as costas, eu já estava magoada, quer dizer, ele achava que eu era forte, que tinha que suportar tudo e ele não. Ele me machucou e desse dia eu fui me esfriando, eu gostei mas, não tenho mais aquele negócio e ele também, uma vez ele veio fazer carinho e eu não quis. Como é que uma pessoa diz que gosta e maltrata tanto assim. Depois ele voltou a ser carinhoso, dizer que queria outro filho logo, eu dizia que não que queria trabalhar, comecei a sair pra colocar currículo, ele me magoou dizendo que eu era velha pra arranjar um emprego, ele não soube falar, ele disse que quando me chamou de velha ele não queria me botar pra baixo não. Ele não me leva pra sair, ele chegou pra mim e disse que não gosta de sair comigo por que eu saio muito arrumada e chamo atenção, ele disse pra mim mais eu não sei se é isso mesmo, ele não quer pegar em minha mão, eu já perguntei se por causa da minha idade, ele não diz nada, e as pessoas falam que não parece que eu sou mais velha do que ele, teve até uma vez que disseram que ele era mais velho que eu, aí ele dizia as pessoas que elas estavam me convencendo, e eu já era muito convencida. Aí ele dizia, que não ia sair comigo não, por que os homens ficavam me olhando e isso o aborrecia. Ele não é sair muito, vai pro trabalho e fica por ali no bairro, mais no bar. Têm uma coisa que eu esqueci de lhe dizer é que ele bebe muito, na época de namoro ele não bebia tanto assim, e eu já tenho trauma por causa de meu pai. Meu pai bebe, e aí eu vi o sofrimento de minha mãe por causa da bebida, ele maltratava minha mãe dando o desprezo e comigo eu to achando que ta acontecendo a mesma coisa. A bebida de meu pai não incomodava tanto aos filhos, ele bebia, brincava, quem sofria mesmo era minha mãe. Na época de namoro, ele bebia, eu também bebia, mais muito pouco e na gravidez, não bebo nada, eu achava que ele bebia um pouco a

mais por que tava com as pessoas, os amigos então eu achava aquilo normal, e uma vez ele disse a mim que não bebia essas bebidas quentes, mais bebe, ele é barman e barman bebe. Então isso me pegou de surpresa, o vício e depois que perdeu os gêmeos ele piorou, há e eu estou me lembrando que os colegas diziam que eu estava dominando ele, aí ele pra não ficar por baixo, desses homens machistas que quer mostrar que a mulher não manda, e eu não sou de pegar no pé, ele dizia que os amigos achavam que eu ia ficar pegando no pé e tudo. A nova gravidez foi horrível. Por que dela foi diferente, eu fiquei sonolenta, entendeu ? e eu sou uma pessoas que gosto de cuidar da casa, limpar, deixar tudo direitinho então eu fiquei relaxada, meio lesa. Aí ele começou a me tratar mal, a comida não tinha problema por que eu fazia, o problema era a casa, as roupas dele e tudo. Eu dizia a ele o motivo, que eu só tava fazendo o geral por que eu não tava agüentando fazer mais. Ele dizia que eu não podia me entregar não, que tinha que fazer de qualquer jeito. E ele no começo me ajudava a arrumar a casa mais depois largou tudo nas minhas costas. Agora no final da gravidez ele melhorou mais, porém ta mais afastado de mim, ele não é mais aquele companheiro carinhoso e também quando têm uma pessoa ele não quer me abraçar, me beijar eu não acho que seja por causa da idade não. Ele quer por quer que essa criança seja menino, embora eu já tenha feito a U.S e saiba que é menina, não sei se é a religião, ele é espírita e acha que os gêmeos vão voltar. Ele ta com medo de perder a filha, os colegas de trabalho diz que ele chora e tudo. Ele ta com medo de perder de novo né? Na gravidez dos gêmeos, ele alisava minha barriga,beijava, chamava o nome dos meninos, brincava com os meninos e tudo , nessa gravidez ele não toca na minha barriga, se afasta de mim, eu acho que ele não quer se apegar de novo e perder.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Eu me sinto uma pessoa assim muito triste, sem valor, eu penso em minhas irmãs, aí vem ele entendeu? uma pessoa que demorou de se entregar, eu me entreguei com 35 anos, ele foi meu primeiro homem, isso tudo, minha mãe colocou em minha cabeça que eu tinha que dá

o gosto a ela de casar de véu e grinalda, virgem, diferente das outras, e eu quis fazer isso, aí eu entrei em depressão, eu entrei em desespero, aí eu conheci ele e me entreguei logo, me entreguei a ele, e pra contar pra minha mãe foi um sacrifício eu fiquei com medo dela sofrer, aí aquilo tudo me abateu e eu pensei que casando fosse melhorar, convivendo com uma pessoa, aí eu vi que não tinha nada a vê. Eu tenho medo que ela cresça uma criança triste e revoltada, eu tenho pra mim que tudo que sinto, passa pra ela, aí eu digo, oh! Meu Deus não deixa eu sentir isso não. Minha barriga fica dura, ela começou a endurecer têm muito tempo e quando eu fico triste minha barriga endurece mais, aí eu tenho medo por que com os gêmeos aconteceu a mesma coisa e o médico disse que a placenta não tinha oxigênio para os meninos, por isso que passou da hora deles nascerem, por que ela endurece demais e eu tenho medo que aconteça a mesma coisa.

8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência?

Resposta acima.

## ENTREVISTA 6 - Rita

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem?

Eu acho que pra ser mulher é mais difícil, tem que tomar conta de casa, tomar conta de filho e o homem é mais fácil. Por que o trabalho do homem é mais diferente, o homem tem mais liberdade do que a mulher. A mulher fica mais dentro de casa e o homem é o contrário mais fora. É duro quando a mulher tem que trabalhar dentro de casa e fora também, mais fazer o quê não tem jeito. O homem só tem mesmo que trabalhar fora pra trazer dinheiro pra dentro de casa depois ele tá livre pode fazer o que quiser. A mulher tá ali o tempo todo, quanto mais trabalha mais trabalho tem que fazer, por mais que faça o trabalho não é reconhecido.

2. Fale-me sobre sua relação familiar?

Minha mãe faleceu tem 10 anos e meu pai tem 62 anos vive no interior com meus três irmãos. Meus pais moravam em Maragogipe tiveram 10 filhos (5 homens e 5 mulheres) lá todo mundo trabalhava na roça, plantava, fazia farinha. Meu pai era muito violento, brigava muito dentro de casa, por causa da bebida, ele bebia muito até hoje ele bebe e aí chegava bagunçando tudo, quebrava coisas dentro de casa e tudo, minha mãe era muito paciente. A bebida dele não é de bater mais de enjoar todo mundo, eu acho que hoje ele tá pior bebe mais ainda e quebrava as cadeiras, já quebrou a televisão é assim. Na infância as brigas com meus irmãos eram normais como qualquer irmão. Tenho uma irmã em São Paulo, quatro aqui em Salvador e quatro no interior, sendo que um não mora com meu pai porque é casado. Eu moro aqui com minha irmã e tem outra que é doente, ela é meio criança, tem problema de cabeça. Eu vim para aqui casada com o pai de meu filho mais velho, não namoramos quase nada já fomos logo nos juntando. O problema que houve no nosso relacionamento é que ele tinha muitas mulheres, ele tinha uns vinte filhos espalhados. Não existia violência só muitas brigas, discussões, quando eu descobri tudo mais depois deixei pra lá. Antes de meu primeiro marido falecer eu já tava com o pai do mais novo, ele cuidou do meu filho como se fosse o pai dele, eu já conhecia ele há bastante tempo ele era do meu interior.

3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Para ter uma relação homem e mulher é preciso ter confiança, respeitar um ao outro, está juntos em tudo. Não existe isso normalmente, o casal não conversa, um fica esperando o outro, ninguém dá o primeiro passo pra se entender. Eu acho que é quando ele arranja outra e aí começa a discussão, tem também a agressão física, ele quer dizer mais não quer ouvir, outras coisas além de mulheres causam a violência, a bebida né, o homem que bebe demais chega em casa e quebra as coisas, agride a mulher, tem também a droga e o ciúme demais.

4. Fale-me sobre a sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

A gente não chegou a namorar muito não já foi logo morando junto, como eu disse ele era do mesmo interior que eu e a gente já se conhecia há um bocado de tempo. Não tenho problema nenhum com esse meu companheiro atual, só tem a questão da distância, ele viaja muito pra trazer coisas pra vender na feira. Desse tempo que a gente tem juntos, quatro anos, ele só ficou aqui comigo direto foi um mês quando ele arranhou um trabalho aqui mais ele logo se desempregou e foi pra roça plantar. Eu to vendo a hora de voltar por que não tem mais emprego aqui, mais pra falar a verdade eu não queria voltar não. Às vezes ele vem que eu nem vejo trazer mercadoria, quando eu vou lá na barraca saber se tem algum dinheiro pra mim e o dono diz que ele foi levar as coisas (aipim, farinha, feijão). O homem pra quem ele traz a mercadoria repassa pra outras pessoas e aí fica enrolando dizendo que o povo não pagou a ele e é tão pouco.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Minha relação com ele sempre foi boa, ele é muito calmo, pra ele tudo é normal, o negócio dele é brincar, dá risada. Não mudou em nada depois que casou nem com a gravidez, continua a mesma pessoa, a mesma coisa. Eu sinto mesmo é a distância, ele fica dizendo que tá louco de vontade de conhecer o filho, mais o menino já fez dois meses e nada, isso sim é muito difícil pra mim.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez?

Há eu sinto muita dor de cabeça, só dor de cabeça, eu acho por que fico naquela tensão.

8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência?

Resposta acima.

## ENTREVISTA 7 – Vilma

### 1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Pra mim os dois têm que fazer a mesma coisa trabalhar fora, cuidar da casa, dos filhos, do lar. A mulher na maioria das vezes tá mais dentro de casa, tomando conta das crianças, cozinhando pro marido, pra ele achar tudo direitinho, tudo arrumadinho. O homem tá mais fora de casa trabalhando pra sustentar a mulher que deixou em casa com os filhos. Na minha casa minha mãe era o homem e a mulher da casa, era o pai e a mãe. Ela trabalhava e o meu pai não fazia nada, e quando ela chegava ainda tinha que fazer as coisas de dentro de casa. Ela passava o dia todo batalhando, trabalhando em casa de família pra poder sustentar a casa. Hoje em dia a mulher pode fazer tudo que o homem faz, pra mim eu não vejo diferença.

### 2. Fale-me sobre sua relação familiar?

Meus pais viviam juntos, se separaram por que não davam certo, ele deixava ela dentro de casa sozinha, ela não gostava disso, ele ia pra casa de outras mulheres e ela não queria isso, quando eu fiz três meses ela se separou dele, eles eram casados no papel aí se separaram. Meu contato com meu pai foi muito pouco, embora ele more perto, ele ia me vê mais minha mãe não deixava, eles só voltaram a se falar agora depois de minha gravidez. Meu pai não mora com ninguém, ele fica na casa de minha vó, e têm várias namoradas. Aí ela arranhou logo outra pessoa, quando eu tinha seis anos ela engravidou do meu irmão, aí meu padrasto morreu, ela tava com nove meses de barriga e aí mataram meu padrasto, disseram que foi assalto, até hoje não se sabe, minha relação com meu padrasto era boa, eu chamava ele de pai. Aí quando meu irmão estava com três meses, no batizado dele, ela

arranjou outra pessoa, aí conviveu seis anos e ele largou dela, eles ainda se encontram até hoje mais não moram juntos, ela não teve filhos dele. Ela trabalha o dia todo fora e eu fazia as coisas de casa pra quando ela chegar cansada tá tudo direitinho. Ela trabalha em casa de família, ela faz a diária. Minha relação com minha mãe sempre foi difícil e com a gravidez ficou ainda mais. Porque ela não ficou com meu pai ela me enjeitou, ela dizia um bocado de coisas de mim, depois que meu irmão nasceu essa situação continuou, ela tem preferência por meu irmão, quando tem uma briga ela sempre tá do lado dele. A gente sempre se deu bem só essas brigas normais de irmãos. Ela joga na minha cara, por que o pai dele morreu e deixou dinheiro pra ele, ela joga na minha cara que eu vivo as custas dele, que é ele que me sustenta e que meu pai nunca me deu nada. D. foi meu primeiro namorado e homem, no começo ela não quis o namoro, me botou pra fora de casa e aí eu fiquei na casa dele duas semanas, aí a mãe dele conversou com ela e ela me deixou voltar. Aí ela deixou eu namorar na porta, ela não queria que eu namorasse com ele porque ele tem um irmão que é traficante, aí ela disse que se o irmão era ele também deveria ser, aí ela não queria, meu pai também começou a botar fogo também, depois ela foi gostando dele e deixou. Quando eu fiquei grávida não fui eu que contei a minha mãe, foi a mãe dele e tenho ainda medo dela, aí a mãe dele contou. Aí a gente ficou sem se falar um tempo, ela já tinha me posto pra fora de casa depois voltou a falar. Antigamente ela me batia muito, por isso eu tenho esse medo dela, agora mesmo a gente tá sem se falar, ela xingou a criança de tudo que foi nome, e a criança não tem nada a ver, aí eu fiquei muito triste, magoada. Uma vez ela quebrou o meu braço, o meu namorado falou até com o tio dele que é do Juizado, aí depois ela ficou dizendo que era mentira, aí meu namorado disse que viu na cara dela, e uma vez também ela queimou minha mão, eu estudava era 2ª série, ela queimou minha mão duas vezes. Eu moro agora na casa de D. , com a mãe dele, o irmão e o pai, a mãe dele é muito boa comigo, é como se fosse minha mãe, a irmã dele tava lá mais já foi embora. Eu me sinto mais segura

com a família dele. Bem meu pai uma vez disse que ia me tomar de minha mãe mais ela disse que ia parar, aí depois ele deixou pra lá. Aí ela nunca mais me bateu só fazia me ofender com palavras assim, me machucava muito. Eu não to indo na casa da minha mãe, a última discussão foi quando ela xingou a criança, por que minha prima foi tirar o dinheiro dela depois disse que fui eu quem tirei, aí depois minha mãe ficou do lado dela, aí eu não sei o que resolveu, mais ela xingou a criança de um bocado de nome e não queria eu mais lá. Aí minha prima ta fazendo um bocado de coisa com ela, aí eu já disse ela ta pagando o que fazia comigo.

### 3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Um contar com o outro, sinceridade, amor, ter carinho, igualdade. Eu acho que no mundo de hoje isso não ta acontecendo, por que muitas mulheres não concordam com os homens e muitos homens não concordam com as mulheres e aí isso gera desarmonia, brigas, não gera o amor. É quando há brigas, discussões, agressões, todo tipo de maus tratos. Violência não é só bater, xingar, humilhar também é violência. Os homens são mais agressivos do que as mulheres, são mais grossos.

### 4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro?

Era boa, a gente brigava muito por que ele gostava de sair e eu não gosto, ele gostava de ta indo ao pagode, show e eu não gostava disso, aí ele ia sozinho e eu brigava muito por isso, a gente terminava, ficava um mês, uma semana sem se falar.

### 5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Não mudou muita coisa ele ainda gosta de sair, se divertir. O que mudou era que ele ia lá em casa duas vezes na semana e agora a gente ta junto, ele ta mais carinhoso, melhorou muito, só não melhorou por que ele gosta muito de sair. Ele brinca comigo agora, dizendo que eu to gorda, mais eu acho que é só brincadeira.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Resposta acima.

7.Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

As pernas tremem, a barriga fica logo dura, e eu fico muito triste e eu acho que a criança sente tudo isso também.

8.Como você grávida se sente logo após uma situação de violência?

Resposta acima.

#### ENTREVISTA 8 – Ivete

1. Para você o que é ser mulher e que é ser homem ?

É um respeitar o outro, ajudar também, por que as pessoas acham que o homem não pode varrer uma casa, fazer comida, ficar com o menino, eu acho que ele pode fazer tudo isso. A mulher ta mais dentro de casa e o homem fora. Eu acho que os dois têm que fazer a mesma coisa: trabalhar em casa e fora. Isso é muito difícil de acontecer. O homem não quer ajudar, deixa a responsabilidade de casa toda com a mulher. Eu acho isso errado.

2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Meus pais estão separados há 16 anos, minha mãe mora hoje em Valença mais já morou aqui em Castelo Branco e meu pai sempre morou em Valença. Os dois já têm outros companheiros. Do casal eu tenho dois irmãos (uma menina de 21 anos e um menino de 19 anos), meu pai tem mais três filhos (dois homens e uma mulher). Eu tava muito nova na época que eles se separaram e não me lembro muito, mais o povo dizia que ele prendia muito ela, eles discutiam muito. Eu nasci numa das separações deles (dessas idas e voltas). Em minha vida toda, só levei duas surras do meu pai, ele não era de bater e minha mãe me deu uma vez um tapa no rosto porque eu falei um palavrão. Eu fui criada por minha madrasta, fiquei com

ela até os 15 anos. A partir daí eu fiquei com minha mãe em Castelo Branco. Minha madrasta me explorava, batia muito, botava a gente pra fazer tudo dentro de casa. A gente não contava a meu pai com medo dela bater mais. Depois eu e meus irmãos decidimos contar e ele acreditou na gente, aí descontava tudo nela, batia nela toda vez que ela batia na gente. Meu relacionamento com minha mãe foi bom até eu vim morar com M. , ela não gostou de eu vim morar com ele tão rápido. A relação com meus irmãos sempre foi boa.

3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Tem que ter uma relação harmoniosa, mais na maioria dos casos não é. Tem homem que é ignorante, como também tem a mulher também. É difícil a relação quando os dois não se une. No caso do homem achar que tem que fazer o que quer, quer ser pai, bater, acha que ela não tem um apoio e aí já quer bater. Violência pra mim é bater, espancar, tem também o xingar, as palavras são bem fortes.

4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

Na época de namoro a gente se dava bem, depois também, mais porque a gente às vezes briga, discute. A gente namorou quase um ano pra depois morar junto. A gente morou no Castelo Branco só depois veio morar com a avó de Márcio, porque as coisas ficaram muito duras e Márcio não tinha emprego, agora a gente tá só de novo. A avó dele ajuda muito a gente, ele não tem emprego certo, vive fazendo biscate, quando falta alguma coisa pra gente ela chega junto. O problema é que qualquer coisinha a gente já tá discutindo, às vezes ele quer vim em cima de mim e se ele vier, eu bato nele também. Isso antes não acontecia foi morar junto pra começar essa violência.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Com a gravidez a relação ta bem, quando ele discutia, queria brigar, eu nem ligava, nem procurava me estressar, sabia que estava fazendo mal a mim e não a ele.

7. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência ?

Eu fico com muita raiva e às vezes minha cabeça doía muito, aí eu gostava de ficar só, sem falar com ninguém, eu prefiro ficar só porque se alguém me perguntar alguma coisa eu dou logo uma patada, aí me chamam logo de ignorante. Eu respondo muito mal as pessoas, eu fico fora de mim.

8. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência ?

Resposta acima.

#### ENTREVISTA 9 – Carmem

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

A mulher ta mais dentro de casa, ta mais pra arrumar, passar, lavar, deixar tudo arrumadinho, enquanto o homem trabalha com as coisas mais pesadas. O homem trabalha carregando peso, fazendo biscate, nós mulheres não temos a mesma força. Os dois devem trabalhar fora, mais pra mulher o trabalho é mais leve. Tipo vender roupas, trabalhar em lanchonete, em casa de família e para o homem é mais pesado de mais responsabilidade.

2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Bem, eu sou a única filha do casal, minha mãe saiu da casa da minha avó onde morava com meu pai, eu tinha oito meses e o motivo foi mulher. Meu pai vivia na casa de uma mulher lá perto, aí minha mãe pegou e foi embora morar com minha tia, depois ele chegou a conviver com essa mulher e teve dois filhos com ela. Fiquei na casa da minha avó até os doze anos, morava com meu pai e os dois filhos da outra mulher, quando minha avó morreu eu fui morar com minha tia, lá fiquei até meus 15 anos, morava eu, minha tia, o marido dela e minha prima. Depois dos 15 anos eu fui morar com minha mãe. Meu pai se casou novamente teve

mais uma filha e aí se separou, teve dois filhos por fora e hoje ele tá sem ninguém, só faz namorar ele tem 43 anos. Eu e meu pai vivemos distantes, quando ele soube que eu estava grávida foi um baque, ele não gostou da idéia. Desde antes do dia dos pais que eu tento dá o presente dele, mais é difícil, ele não liga, não aparece. Meu marido não vê o pai há 17 anos quando ele foi pro Rio de Janeiro trabalhar, não tem endereço, nem telefone. Eu penso de que adianta ter o pai tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Meu pai liga sempre pra minha irmã mais pra mim só se eu insistir muito e dizer que é urgente. Eu queria que meu pai tivesse o comportamento do meu padrinho que sempre procura por mim, se preocupa. Ele tem muito ciúme do meu padrinho, sempre teve, meu padrinho gosta e se preocupa comigo ele não. (pausa... choro). Eu queria que meu pai fosse meu amigo. Minha mãe quando saiu da casa de minha avó, quando se separou de meu pai, foi morar com uma tia, ela teve outro homem com quem ficou três anos depois não deu certo ela voltou pra casa da tia de novo. Depois ela se juntou com meu padrasto e teve mais quatro filhos, esse meu padrasto era muito violento, batia em minha mãe, pirraçava e ela nunca pensou em largar dele. Eu tinha muito medo dele, ele era traficante e queria que eu vendesse os bagulhos lá na casa de minha mãe, vivia metido com gente da pesada, tinha arma e tudo. Ele tentou me estuprar eu contei pra minha mãe mais ela não quis saber, disse que eu estava mentindo. Eu não conseguia dormir com medo dele fazer alguma coisa contra mim, teve um dia que eu tava dormindo de madrugada e ele passou a mão na minha bunda, depois ele tentou pular em cima de mim, aí eu decidi sair de casa, fugir mesmo. Fui trabalhar em casa de família e aí dormia no trabalho. Minha mãe deixou de falar comigo ela não sabe que eu estou grávida. Eu fico muito preocupada com minhas irmãs lá com aquele monstro, eu antes até que ia visitar minha mãe e minhas irmãs mais quando eu chegava lá e pedia pra chamar ela, ela não vinha, dizia que tava ocupada, eu sabia que era mentira que com certeza ele não deixou ela vir me vê. Não vejo minha mãe há um ano e não vou vê tão cedo, por que quando eu penso em ir lá eu tenho pesadelo de meu padrasto me

matando. Meu pai e minha tia dizem que não vão contar para minha mãe que eu estou grávida vão esperar eu contar. Eu não sei qual será sua reação. O relacionamento com minhas irmãs é normal a gente não briga e se entende bem.

3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

É necessário para haver uma boa relação, paz, harmonia, companheirismo e amor. Está muita falta de paz, muita falta de companheirismo, de amor e de conversa também. Não deve ver só o lado de ser marido e mulher, ver como um amigo, tem que conversa. É quando um não entende o lado do outro, não conversa, é quando um fica agredindo o outro com palavras e violência mesmo. Na maioria dos casos os homens são mais violentos, porém tem muita mulher que é agressiva e violenta.

4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

Bem, eu tô com ele há um ano e dois meses, depois de dois meses de namoro passamos a morar junto, engravidei logo. Vivemos numa casa muito pequena, só tem um quarto, uma cozinha bem pequena e a sala. Lá mora eu, meu marido, a irmã dele e o marido e três filhas que eu tomo conta, ela me paga R\$ 30,00 quando pode. Convivemos bem, muito bem, só que meu cunhado inferniza minha vida. Antes ele até me tratava bem, mandava as meninas guardar as coisas pra mim, brincava comigo era legal até, algumas pessoas desconfiavam que ele gostava de mim e meu marido tinha ciúmes dele. Depois a gente brigou e hoje eu não falo mais com ele, meu marido até que gostou dessa briga por que ele tinha muito ciúme mesmo. Meu cunhado agora, me pirraça, come toda a comida que eu faço, suja a casa só pra me dá trabalho, desliga ou muda de canal a televisão quando eu estou assistindo, quando não fica na frente, ele trabalha de noite, fica o dia todo em casa me perturbando, quando eu preciso sair e falo pra ele tomar conta das meninas ele se manda e me deixa a vê navios. Teve um dia que eu peguei ele me olhando trocar de roupa, aí eu fiz um escândalo. Quando eu falo pro meu marido, ele às vezes nem liga, aí eu fico mais irritada, ele diz que não quer ofender a irmã. Se

eu digo a ela o que ele faz ela nem acredita, diz que é invenção minha, que o marido é um homem muito bom. Ele tem até filho fora, com outra mulher e a irmã do meu marido acha que ele é um santo.

5. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez?

Logo no começo mudou nossa relação, por que ele não queria filho, dizia que não tinha condição, que não tinha onde dormir, tava desempregado e não tinha como criar um filho. Ele ficou muito chateado no início, mais depois foi se acostumando com a idéia. Eu não queria tirar, por que essa já é minha segunda gravidez, a primeira foi de outro namorado e ele nem a família aceitou eu tive que tirar, eu chorei muito, muito e meu companheiro atual não suporta ele, por que ele me fez sofrer demais. Eu fico muito zangada com meu marido por que ele é muito devagar, não toma uma atitude com meu cunhado, meu filho vai nascer e nem tem onde dormir, isso me preocupa muito. Quando a gente chegar da maternidade onde nós vamos dormir? Não vejo a hora de meu filho nascer e ficar nascer e ficar um pouquinho maior pra eu poder trabalhar.

8.Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Eu fico tonta, tremendo, com muita dor de cabeça, sem paciência, a barriga fico logo dura.

#### ENTREVISTA 10 – Rosa

1.Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Ser mulher é que a gente tem muita responsabilidade dentro de casa, responsabilidade de assumir uma casa, tomar conta dos filhos que a gente tem, você tem que

se preocupar com o que falta dentro de casa. Já o homem não tem preocupação com as coisas de casa, ser dona de casa. Tem homem que se preocupa com tudo dentro de casa, com a mulher, os filhos, já outros só quer curtir, não quer nada não. O homem tá mais fora de casa, tá trabalhando fora pra sustentar a família que ele tem. O homem só chega em casa de noite e a mulher tá o dia todo em casa. Quando a mulher trabalha fora, ela tá imitando o homem, ela é dona de casa e ao mesmo tempo o homem de dentro de casa. Ela é a cumieira da casa, eu sou lá na minha casa, sou a mulher e o homem, a cumieira se preocupa com tudo.

2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Minha mãe morreu tem quatro anos, meu pai eu nunca conheci. Morava eu, minha mãe e meus sete irmãos, eu sou a mais velha das mulheres e tem o mais velho dos homens. Minha mãe arranjou outro homem e teve mais um filho. Na época que meu padrasto morava com minha mãe era muita violência, por que ele batia em minha mãe, espancava muito mesmo, eu era mais velha e defendia muito ela. (pausa, muito choro...). É difícil não é, lembrar disso. Ele era violento com ela e com a gente também, meu padrasto era muito bruto, eu vivia trabalhando fora de casa, dormia na casa de parente, por que ele gostava muito de maltratar e eu era nova, né ? Nessa época eu tinha uns 12 anos e era a mais velha, os outros eram tudo pequeno e tinha também meu irmão mais velho que também não vivia dentro de casa por causa dele. Ele gostava de bater, maltratar a gente, ele nunca deu nada a gente e agora queria bater ? Eu não aceitei isso não, eu sempre fui ousada desde pequena, dava testa a ele, ele não era meu pai pra ficar me batendo ? Aí fui crescendo com isso, trabalhando em casa de família, tive que trabalhar muito cedo, por isso não estudei direito. Mais eu nunca culpei minha mãe, achei que ela tava errada, por que ela queria ficar com ele. Fazer o quê ? Ela ficou com ele até o filho mais velho ficar com 15 anos, ela sofreu muito, o povo dizia: D. Maria larga esse homem ? Eu ajudei muito ela quando eu arranjei marido. Aí meu marido me botou dentro de uma casa, eu tive meus filhos e pude ajudar a ela, ajudei a criar os filhos dela. Eu criei uma

irmã mais nova e tinha outra também que eu ajudava, por que minha mãe era fraca também, não tinha o que comer dentro de casa, meu marido tinha condições um pouquinho, aí eu ajudava ela. Minha mãe trabalhava em casa de família e tinha muito filho pequeno e além disso ele não ajudava. Teve uma vez que ela teve que se mudar, fugir dele, ela arranhou uma casa em Simões Filho, tadinha, por que ele ameaçava matar ela, ficava atrás dela, ele chegou a botar fogo na casa uma vez (pausa...choro). No dia que ele botou fogo na casa ele quebrou o braço dela, a clavícula, ela sofreu muito, nunca deu uma queixa na delegacia, ela deixou a casa e fugiu para Simões Filho, só quem ficou fui eu e meu irmão mais velho. Foi Deus que ajudou e eu arranhei esse companheiro que me botou numa casa e aí eu pude ajudar ela também. Era uma pessoa assim que eu nem gostava muito dele né mais por causa da precisão, aí eu convivi com ele. Não vou dizer que ele deixou alguma coisa pra mim, mais sempre deu de tudo aos filhos. No começo era bom, tinha uma discussão aqui, outra ali mais não chegava a violência, o problema era que ele era ciumento. Aí depois de cinco anos convivendo com ele, ele arranhou outra mulher e aí começou a constituir família. Eu dizia que não ia dar certo ou eu ou a outra ? Ele dizia que não podia se separar por que eu era a primeira, a mãe dos filhos dele. Ele ficava mais tempo lá do que em casa, por que essa mulher morava pro lado do trabalho dele em Lauro de Freitas, ele só vinha no sábado trazer a despesa e voltava na segunda. Quando chegava dizia: você tá na rua, tá atrás de homem ? Começava a me xingar, a dizer que eu tinha outro homem, que eu era descarada, me xingava, começava a brigar comigo, por que eu sempre dei testa a ele. Aí quando eu tive um outro rapaz, me separei dele mesmo. Eu me sentia muito sozinha, tinha que tomar uma decisão na minha vida, por que ele nunca tomava. Eu abandonei a casa, levei tudo, fui morar com minha irmã, tava com quatro meses de barriga. Eu levei o menino de dez e a menina, as outras duas ele levou pra Camaçari, aí morou um ano com a tia. Aí minhas filhas tiveram que se separar de mim, foi ruim né, não vou dizer que foi bom, foi muito triste, eu sofri muito. Aí passado o tempo, eu tive o menino e

tentei voltar pra minha casa, fui no juiz e tudo. Afinal quem saiu de dentro de casa primeiro foi ele, ele teve outra mulher, quatro filhos e aí fiquei em minha casa e tô até hoje.

Convivi com outro rapaz, ele era mais novo do que eu, 23 e eu tava com 34, tive um menino que está com 3 anos. Não deu certo por que ele só queria viver na rua, não gostava de trabalhar, não queria ajudar. Aí eu tinha uma vida muito ruim, tinha que trabalhar pra dá comida ao menino, sustentar o menino, tudo dentro de casa era eu, por que se dependesse dele a gente morria de fome. A avó dele às vezes ajudava, mandava um pacote de leite, uma cremogema. Ele queria que eu trabalhasse e pegasse meu dinheiro e desse a ele, eu dizia que não aí começava as brigas. Depois de quatro anos a gente se separou. Depois disso eu cheguei a morar com outro rapaz um ano mais não tive filho. Quando eu arranjei esse rapaz, meu segundo marido teve muita raiva, ele não queria aceitar eu largar dele de vez. Aí teve uma briga, ele chegou em minha casa tarde da noite, quando ele me viu com esse rapaz lá, achou ruim e botou o homem pra correr com uma faca, nesse dia ele me furou né ? Eu tenho até a marca aqui nas costas, veja aqui ? Ele me furou pelas costas, eu ainda tive a consciência e não furei ele. De manhã ele me levou pro hospital, aí depois eu fui dá queixa na Delegacia das Mulheres, só que eu esqueci o endereço dele quando perguntaram, aí ficou de eu voltar depois com o endereço. Ao pessoal me deu conselho, disse que ele ia ficar preso, que ia ser pior, dizia: ele ficou com raiva de você, por que você tava com outro homem ? Aí eu não voltei mais nem pra Delegacia, nem quis mais ele, afinal ele derramou meu sangue. Como eu vou voltar prum homem desse ? Eu dei queixa dele de outras partes, pra ele dá a pensão do filho, era pra ele dá 25 por mês, passou o primeiro mês ele deu em pedaço 5, 10, depois não deu mais, começou a dar cesta, agora tem quase sete ou nove meses que ele não dá nada é tudo nas minhas costas. O registro do menino rasgou, foi uma luta pra tirar outro, agora ele levou o registro do menino e rasgou de novo brigando com a mulher, por que ele é assim, gosta de bater em mulher, já tem uns cinco meses eu querendo botar o menino na creche e nada do

registro, eu também de barriga, não to trabalhando, não tenho dinheiro, o tio às vezes ajuda o menino, dá uma roupa, eu vou chamar o tio pra conversar, dá as costas pro menino. Depois disso, eu não quis mais homem nenhum na minha casa, pra mandar, botar banca na minha casa, aí eu só quis namorar. Hoje em minha casa vive eu, meus três filhos (7,10 e 3 anos), minha filha tem 16 anos e mora pro lado de Portão com o marido, engravidou um dia desse mais perdeu com quatro meses, a de 14 anos ta com o pai e a madrasta, mais ta tendo problemas com eles por eles tão se separando e aí complica tudo. To grávida agora de um rapaz bem novo, só namorei com ele um mês, fiquei com medo de dizer a ele que tava de barriga, achava que ele ia pensar que era de outro, mais eu tenho certeza que é dele, contei pra ele tem poucos dias, ele disse que ia registrar e ia me ajudar a comprar as coisas, mais até agora ele não apareceu. Queria muito que ele ficasse com o meu filho, por que ele diz que vai ajudar agora e depois ? Ele devia dá pra mãe e o pai criar.

3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

Depende da relação que os dois tiveram durante o namoro e o casamento até quando vai durar. Hoje em dia a relação do homem com a mulher não ta tão bem não, nem todos os homens tratam a mulher bem e nem namorado também, muitos mentem, sei lá, é muitas coisas. Por que a mulher é o ponto mais fraco que tem, o homem é mais forte, quando conversa a primeira vez com a mulher, ela fica logo iludida, pensa uma coisa dele e quando vai ver não é nada daquilo. Por que convívio é assim, só passa a conhecer o outro quando mora junto, cada dia vai conhecendo ele mais um pouquinho. A natureza, o jeitinho dele, tem homem que é santinho, mais depois começa a ser violento. Eu mesmo já passei muito por isso no segundo casamento, eu sofri muito com esse homem, pela violência, ele brigava muito comigo, me batia e não gostava de trabalhar. Por isso que não deu muito certo.

4. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

Resposta acima.

5. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Há eu sinto muitas dores no pé da barriga, ela fica toda dura, dá aquela contração bem fraca.

7. Como você grávida se sente logo após uma situação de violência ?

Resposta acima.

#### ENTREVISTA 11 – Lucas

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Eu não vejo diferença entre o homem e a mulher, o que um pode fazer o outro também pode. No caso sustentar um filho, os dois pode fazer pra mim não há diferença. A mulher ta mais dentro de casa não sai pra trabalhar, nem todos os homens são responsáveis, têm homem que faz filho e não assume, a mãe dela mesmo tava dizendo que eu não era homem pra ela, que se um dia eu fizesse filho que eu não ia assumir que eu ia largar ela aí, aí eu disse a ela que um dia a mãe dela ia pagar a língua e eu assumir, a única coisa que eu não conseguir foi botar ela dentro de uma casa mas ela mora lá na casa dos meus pais. A mulher ta mais dentro de casa, cuidando do filho, fazendo as coisas dentro de casa, cuidando do marido quando chega do trabalho cansado, fazendo a comida pra ele, lavando, passando e o homem ta batalhando fora pra conseguir o sustento da família, trabalhando de carteira assinada, fazendo bico, o que for pra sustentar a mulher e os filhos.

2. Fale-me sobre sua relação familiar?

Bem, meus pais vivem juntos e têm quatro filhos comigo( 2 casais), meus pais vivem bem, minha relação com eles é ótima e com meus irmãos também é bastante tranqüila, briguinhas bobas como todo irmão. Não houve problema quando Jaqueline engravidou, minha

mãe já tinha convidado ela pra morar lá em casa por que a mãe dela maltratava ela demais, mesmo ela grávida, acordava ela de madrugada pra lavar roupa, fazer alguma coisa que ela não tinha feito durante o dia, aí eu comentava com minha mãe e ela chamou Jaqueline pra ficar com a gente. A mãe dela não aceitou a gravidez e botou ela pra fora de casa, mas antes da gravidez já era assim, a mãe sempre maltratou ela demais, só gostava do filho caçula, e eu disse a ela que um dia tudo isso ia acabar, até que aconteceu dela ficar grávida. Aí minha mãe chamou ela, meu pai tava viajando, quando ele chegou eu conversei com ele e ele disse que não tinha nada não, que podia, que ele até ajudava a gente, em alguma coisa que a gente precisasse. Em casa só mora minha mãe, meu irmão pequeno, meu pai só vive viajando e os meus outros irmãos não moram em casa pois são casados. Eu frequento a casa dos meus irmãos casados, sempre vou lá. Não houve nenhum problema em Jaqueline morar lá em casa.

### 3. Fale-me sobre sua relação com seu companheiro ?

A mulher têm que cuidar bem do homem, não ser ignorante, fazer tudo que ele quer, não teimar, quando ele falar que é aquilo é aquilo mesmo, pra uma relação dá certo têm que ser desse jeito, têm que ter carinho. O homem também têm que dá carinho, têm que ser carinhoso também, não é por que a mulher depende dele que ele têm que pisar em cima dela. O casal pra viver bem têm que tratar um ao outro com carinho, têm que haver harmonia, união, um respeitar o outro. Hoje em dia eu acho que poucos casais se dão bem, vivem bem, na maioria os homens já querem logo é bater, tudo é bater. Os homens são mais violentos que as mulheres, embora tenha agora muita mulher valentona, ignorante. Violência é o homem bater em mulher, maltratar, fazer da mulher o que quer. Sai pra trabalhar, chega a hora que quer, não diz a mulher onde tava, não dá satisfação a mulher. Além de bater, espancar, o homem pode dizer coisas a mulher que podem machucar muito mais, xingar, não falar, ficar humilhando.

### 3. Fale-me sobre sua relação com sua companheira ?

A relação sempre foi boa, a gente conversa muito. Se acontece alguma coisa, um chega pro outro e fala, não têm besteira.

4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época de namoro ?

Resposta acima.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Continua a mesma coisa, nada mudou.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

A criança pode nascer com problema, defeituosa, doente. É ruim tanto pra gestante quanto pra criança . Quando a gestante sente raiva, fica triste, tudo isso a criança também sente e prejudica a saúde da mãe e do filho.

#### ENTREVISTA 12 – José

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Olhe, eu penso assim né , talvez seja uma forma antiga de se pensar. Eu apesar das dificuldades que a gente passa, a minha parte como homem é trazer o que precisa pra dentro de casa, trazer o sustento, o remédio, roupa, um conforto maior pra ela e para as crianças. A parte dela eu acredito que seja cuidar mais das crianças, médico essas coisas assim esse tipo. A mulher ta mais pra cuidar da casa, da alimentação, do marido e dos filhos, lavar roupa essas coisas assim. Ela também ta pra resolver as coisas de água, luz quando o homem não está, compras, entendeu? O homem ta na rua batalhando, sempre procurando trazer pra casa o

sustento da família, com emprego fixo ou fazendo bico, o que for. Eu acho bom também a mulher que não fica só em casa, cuidando do lar, acho ótimo quando ela além de deixar a casa em ordem também ajuda nas despesas. No meu caso aqui eu to achando bom ela ta em casa mais vai ser melhor ainda se ela conseguir um emprego. Eu torço pra que ela consiga um trabalho, por que já ajuda na educação dos meninos. Hoje em dia as coisas estão um pouco diferentes, eu conheço vários casais em que os dois estão trabalhando na rua, o que antigamente era bem menor, a mulher na maioria das vezes ficava só dentro de casa e os homens na rua trabalhando, para trazer o pão de cada dia.

## 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Meus pais são separados, do casal são 7 filhos, meu pai teve mais 4 por fora, todos com mulheres diferentes. Ele teve os outros filhos ainda com minha mãe, ele era casado com minha mãe. Meu pai e minha mãe se separou agora, não tem 4 anos que eles se separaram. Havia muitas divergências no relacionamento de meus pais, principalmente por causa das várias mulheres que ele tinha, eles brigavam muito. Minha mãe não aceitava os casos de meu pai, principalmente por que vinha mulheres chamar meu pai aqui na porta e ao longo da convivência foram várias brigas por isso, ele agredia minha mãe fisicamente, a gente tinha que se meter, sempre a gente ficava do lado de minha mãe, então era muito triste ter que presenciar aquilo tudo, nunca houve denúncia, minha mãe nunca prestou queixa contra meu pai. Mesmo com essas divergências meu relacionamento com meus pais era um relacionamento bom. Ele hoje em dia não mora com outra pessoa é solteiro, só mora eu e ele aqui dentro, agora é , por que desde que L. teve C. ela foi pra casa da Mãe no Lobato , aí ela ta lá até a gente terminar a nossa casa lá em cima, só falta ligar a luz e por outra janela que é pra ela vim pra cá, aí voltando ao assunto meu pai ta solteiro e ela também. Minha mãe tem 54 anos e não quer mais ninguém, meu pai fez 60 anos. O relacionamento com meus irmãos é bom, todos eles são casados e nos damos bem.

### 3.Fale-me sobre sua relação com seu companheiro na época de namoro ?

Para manter o casal unido é preciso muita renúncia, eu acho que depende mais assim do companherismo, às vezes a gente briga aqui, eu e L. , por que, têm vezes que eu deixo ela aqui e vou pra rua, é no caso, então há brigas, a única distorção da gente é essa, por que ela exige muito a minha presença aqui ao lado dela e nem sempre eu posso ficar constantemente aqui com ela, pra que um relacionamento dê certo tem que haver a submissão de ambos. A quantidade de casais que eu conheço, amigos, minha família, a de L., eu acredito que esses casais deram certo e comigo e L. não está sendo diferente, eu gosto muito dela, ela é uma pessoa boa, o convívio com ela ta sendo o ideal, não foi como o meu 1º casamento, L. é muito submissa, ela me respeita muito e eu também a ela e há mais o respeito dela pra mim entendeu? e tudo isso faz que a gente vá levando a vida assim. O meu primeiro relacionamento durou 4 anos e não deu certo por causa da parte familiar dela, desde do início não houve um acordo entre a minha pessoa e os pais dela, eles não queriam o nosso relacionamento, então o que foi que houve? Não houve um acordo, porque ela fugiu pra cá, não teve uma negociação, ela veio pra cá, fugiu, nós ficamos aqui 4 anos, ela engravidou, depois eu fui morar em Natal no Rio Grande do Norte, ela foi, depois eu sai do emprego lá, voltei, fiquei no Sertão, próximo a Juazeiro, que eu trabalhei na mineração, aí quando eu fiquei desempregado coincidiu com o término do nosso relacionamento, eu não tinha ainda uma casa pra morar, por que quando eu trabalhava na Caraíba Metais, tem o núcleo residencial, todo mundo que trabalha tem direito a uma casa, então enquanto eu tava lá a gente tava bem, depois ela foi pra casa dos pais eu vim pra qui, e aí foi afastando. Olhe, D. Sandra no meu primeiro relacionamento por ser uma pessoa muito inexperiente também, eu agredi a minha esposa, aquela outra, mais eu te garanto do fundo do meu coração, que até hoje eu nunca levantei a voz pra L. , há discussões que eu considero normais, mais no meu 1º casamento eu agredi a minha mulher, uma única agressão também, uma única vez e até hoje

eu me arrependo, ela também me agrediu, mais eu partir 1º , eu fui o culpado de tudo e eu acho isso uma pena viu? É algo muito triste assim, quando parte pra esse lado, eu acredito que com violência um casal não vá muito longe não? Ela, minha 1ª esposa não deu queixa na Delegacia não. Pra mim existe outras formas de violência, eu acho que eu chegando aqui em casa de madrugada, sua esposa ta em casa, você tem um horário de chegar, isso também é uma violência, a falta de respeito, xingamento,. E tem também as mulheres quando o marido ta desempregado, que ficam humilhando, dizendo que ele não quer nada, humilhando, denegrindo, isso também é violência por parte da mulher, por que o homem fica muito mal, com a auto-estima lá em baixo. É um fator muito importante nesse caso por que mesmo você desempregado, você tem que ter um apoio, se você não tem o apoio dela fica mais difícil. Olhe só o que aconteceu comigo no meu 1º relacionamento. Normalmente os homens são mais violentos do que as mulheres, já é algo que vem de muito longe, da família, da sociedade em geral.

4.Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época do namoro?

Eu praticamente tenho 10 anos na frente de L. , eu trabalhei 10 anos do lado da casa de Luzi, ela era amiga da minha ex-mulher, então quando houve o rompimento ela foi pra lá eu vim pra cá, então eu sempre tava próximo a casa de L. aí uma vez a mãe dela me falou, que era melhor eu me afastar um pouco de lá, por que L. quando ouvia minha voz derrubava tudo, quebrava tudo, aí eu vim notar né? Aí eu comecei a olhar ela melhor, na verdade partiu da mãe dela, ela fez com que eu me tocasse, e assim a gente ta junto até hoje. Nós namoramos 3 anos escondido, por que L. tinha medo da mãe não aceitar por que eu já tinha tido um relacionamento antes, a mãe dessa mulher que eu tive nunca aprovou o meu relacionamento e ela era muito amiga da mãe de L., aí minha ex-sogra tentou por diversas vezes queimar meu filme com a mãe de L.. Aí quando eu fui pedir pra namorar L. aí ela disse que não ia se meter na vida dela que ela fizesse o que achasse melhor, ela não me disse um sim na verdade, mais

eu queria mesmo ficar com L., tava gostando dela e não liguei muito. Ela ficou grávida do nosso 1º filho em junho, em agosto nós participamos a mãe dela, a mãe dela era Testemunha de Jeová, então Testemunha de Jeová não aceita fornicção, uma relação sexual antes do casamento, a mãe dela só me pressionou pra que eu casasse.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Eu acho que mudou, pra mim ta melhor a gente tem mais liberdade.

6.Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

A gravidez foi difícil no inicio, por que ela enjoava muito, se sentia mal, chorava por tudo, era um horror, ficava tensa, nervosa. A 1ª gravidez não foi planejada, mais a 2ª foi muito pior por que eu não queria de jeito nenhum, eu não estava de acordo não, por que a vida da gente já é bem difícil e com mais uma criança fica bem pior, eu queria ter outro filho mais bem mais tarde, quem sabe? Se realmente as coisas melhorassem. Quando ela me disse que estava grávida eu realmente não gostei, houve umas divergências por causa da gravidez, ela teve uma educação bem rígida, então nem pensar em aborto, mais eu cheguei a pensar várias vezes porém não externei esse pensamento, pensei nisso devido a nossa situação, não querendo prejudicar ela. Aí o tempo foi passando e eu tive que ir digerindo aos poucos essa nova gravidez. Por que poderíamos até ter outro filho mais não agora, quem sabe depois de 10 anos a gente não podia ter outro, mais ela tava doida pra ter uma menina, então agora ela ta radiante, além do nosso, eu tenho ainda a menina de 11 anos eu não dou um grão de farinha a Amanda que é minha filha por que a mãe dela trabalhava também e ela mora com a mãe mais todo investimento sou eu, entendeu D. Sandra , então um sapato, uma calcinha, tudo quem arca sou eu, um remédio, eu ajudo desta parte.

7.Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Eu não tenho nenhuma dúvida de que prejudica tanto a mãe quanto a criança. Dizem que quando a gestante passa muito raiva na gravidez a criança nasce verde, pode acontecer algo ao feto, ela pode parir antes do tempo devido as agressões, pode trazer muitas conseqüências tanto pra mãe quanto pro feto.

#### ENTREVISTA 13 – Renato

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Ser homem, eu acho que é você ter responsabilidade, o homem tem que ter acima tudo caráter, tem que ter uma convicção, tem que ter uma direção, um rumo, o homem pra mim tem que ter tudo isso, não basta ser homem por ser homem, tem que ser acima disso. O homem tem que ter muita responsabilidade, muita responsabilidade mesmo. Aqui na minha casa eu sou a pessoa que carrega o piano, quer dizer eu faço o trabalho pesado, ou seja, eu corro atrás e ela fica mais dentro de casa. O homem tá batalhando, buscando o pão de cada dia, eu mesmo to sempre me virando de uma forma ou de outra. Eu trabalho de garçom mais às vezes pinta outra coisa pra mim fazer, eu vou e faço, to sempre me virando. Ser mulher é ser companheira, é se dedicar a casa, a família, como minha companheira faz, isso pra mim é ser mulher. A mulher tem o trabalho voltado para dentro de casa, mais a minha mulher está sempre visando algo mais, ela sonha ter o próprio negócio dela, ela trabalha com artesanato, ela tá sempre buscando aprender mais e ela sempre sonha que nem eu, mais acima disso eu acho que ela é uma excelente mulher.

2. Fale-me sobre sua relação familiar?

Meus pais são vivos, eu tenho 2 irmãos ( um homem e uma mulher), eu sou o do meio, a mulher é a caçula . Meus pais tinham as divergências de um casal comum, como outro qualquer entendeu? Eu acho que o que eu aprendi com meu pai e minha mãe é o que eu procuro aplicar na minha casa, o que eu aprendi com minha família, com meu pai e minha

mãe, eu sou uma pessoa de origem pobre, do interior, sou da Chapada Diamantina, eu procuro aplicar ao máximo o que eu aprendi com minha família. Eu nunca vi meu pai bater em minha mãe, nunca vi meu pai ser agressivo com minha mãe, já vi ele agredir verbalmente, falar coisas que não deveria falar, talvez ele não pensasse pra falar, minha mãe ficava muito magoada, ficava triste, chorava, mais graças a Deus eu nunca presenciei meu pai batendo em minha mãe, fisicamente, mais agora agredir com palavras eu já presenciei muito. Eu aprendi com ele que a gente tem que pensar muito antes de falar às vezes eu não faço isso, eu aprendi isso mais eu ajo por instinto, aí as vezes eu quero dizer uma coisa a ela eu não vou mentir pra senhora . Meu relacionamento com meu irmão é assim ele tem um temperamento eu tenho outro, eu nunca fui amigo do meu irmão, ele nunca deixou, ele tem o mundo dele e eu tenho meu mundo, já com minha irmã , eu posso dizer que a gente tem uma parceria, minha irmã é muito minha amiga, a gente saia junto pra festas, já com meu irmão eu nunca tive esse entrosamento, com meu irmão eu nunca tive isso de dizer: vamos pra uma festa juntos, prum baba, um bar, já com G. que é minha irmã a gente sempre tava junto, só não ia pro bar por que senão era problema com meu pai. Ela ia pro futebol, ia pra festa, às vezes minha mãe dizia tome conta dela. Minha irmã hoje em dia é casada, só que ela é casada mesmo e meu irmão ta dentro de casa por que é o solteiro. Hoje em dia o relacionamento com minha irmã continua o mesmo, já com meu irmão estreitou bastante a relação, a gente mal se fala.

### 3. Fale-me sobre sua relação com sua companheira ?

Uma relação homem-mulher é uma parceria, pra dá certo uma relação homem-mulher tem que ser parceiro um com o outro, tem que ter uma relação estável , ser parceiro, tem que entender um ao outro e isso pra funcionar tem que .... às vezes ela me entende mais eu não entendo ela , ela me entende mais do que eu a ela. Eu sou uma pessoa que às vezes tenho um pavio muito curto, eu sou muito estourado, mais eu chego ali na escadaria e aí já volto, entendeu? Tem que ter cumplicidade, por que se não tiver a parceria não dá certo o

relacionamento. A maioria dos relacionamentos não estão dando certo, por que falta essa parceria, esse entrosamento. A maioria soa meus colegas me chamam de louco, você é louco, por que eu tenho mulher e agora filho e não tenho um emprego estável, eu não tive um grau de instrução maior ainda do que eu deveria ter, aí as pessoas dizem : você é louco, por que eu me casei tive 3 filhos , por que essa já é a 3ª , teve os gêmeos que nós perdemos, e eu digo que eu não sei se é loucura ou não, eu sei que eu fugir até de sua pergunta mais eu não sei.....

A violência já parte pra bebida, o homem fica violento quando ele bebe, ele está desempregado, se apurrinha com tudo, qualquer coisa ele fica logo estressado, principalmente influi bastante o desemprego. Violência pra mim é o homem chegar em casa e querer ser o ditador, às vezes varia, ontem mesmo a gente presenciou um fato aqui que foi diferente a mulher que foi violenta e o parceiro dela que foi tranqüilo, e ele pedindo calma e ela que estava agressiva e tem casos que exatamente ao contrário, o homem já chega em casa perturbando. Nós seres humanos agredimos ao outro com palavras não só com pancadas, não é só agressão física, agride também verbalmente, com gestos. Aqui em casa se for botar na balança eu sou mais agressivo, aí do lado tem um vizinho que quem é mais agressiva é a mulher. Aqui em casa o pavio curto sou eu ela é mais tranqüila, eu sou mais estourado.

4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época de namoro ?

Na época a gente namorava era uma relação boa, mais aí vai desgastando, aí tem as divergências, a gente brigava por besteira, muitas vezes eu nem queria brigar com ela, as pessoas que estavam a nossa volta mesmo, uma falava uma coisa, outra falava outra, diziam uma coisa a ela, diziam outra pra mim, as pessoas davam muito pitaco na relação.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

A gente resolveu morar juntos por que ela engravidou, , a 1ª gravidez não foi planejada, no primeiro instante que ela chegou com o exame, o teste me mostrando eu fiquei meio

perplexo, fiquei parado um tempo assim, a gente tinha terminado e aí eu tive que pensar 2 vezes, era a 1ª vez que eu ia ser pai e daí eu terminei o outro relacionamento pra ficar com ela, aí ela veio morar aqui em casa. O relacionamento mudou da época de namoro pra agora, ficou rotineiro, caiu na rotina, caiu na rotina. Quando a gente namorava, eu me arrumava pra ir a casa dela, agora não to nem aí, eu fiquei relaxado ( risos, muitos risos). Ela se arruma até sempre que eu posso ela faz o cabelo, ela é até muito vaidosa eu é que sou relaxado.

#### 6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez?

Com a gravidez quem mudou mais foi eu, por que eu era muito irresponsável , não tava nem aí, morava sozinho, não tinha muita coisa comigo não mais quando ela veio morar aqui e eu sabia que ia chegar os bebês, aí eu tive que ser mais responsável, pensar pra agir, pensar pra falar, a mudança foi minha nela não por que ela mesmo sabia que eu não tava nem aí pra muita coisa. Eu tenho uma teoria comigo, meus colegas de infância, assim na época que eu morei lá no interior, todos eles tem 2, 3 ou mais filhos, um com uma mulher o outro com outra, e aí eu dizia por cara se um dia eu tiver um filho é pra ficar comigo, ter um filho ali, outro aqui e assim vai não tá comigo não, por que você botar um filho no mundo é muita responsabilidade, por que pra você fazer um filho com ela aqui, outro ali na ponta não tá pra mim, no fundo, no fundo o prejudicado amanhã serei eu.. Eu tenho essa teoria comigo, é só isso. Quando E. perdeu os gêmeos eu estava do lado dela, mais eu não fui o companheiro que ela precisava naquele momento, eu não dei apoio eu só estava do lado, eu fiquei muito abalado, a mãe dela, G. que é a melhor amiga dela deram mais força do que eu, eu fiquei muito revoltado, pra mim as coisas naquele momento estavam perdidas, todo dia 15 a gente ia vê eles lá no médico, daí eu via, ficava vendo o Dr. dizendo tá ótimo, tá tudo bom e aquilo, aí eu tava trabalhando na praia do Flamengo e aí a vizinha disse, olhe ela já foi ,mais eu nem me preocupei por que ela tinha feito um pré-natal tão tranquilo, que eu fiquei tranquilo em casa, aí eu liguei pra casa da mãe dela e disseram que ela estava em tal hospital e eu fiquei tranquilo

nem me abalei, pensei que se fosse naquele momento não ia adiantar nada, no dia seguinte eu fui no meu emprego falei com meu chefe e aí fui para o hospital, quando eu cheguei lá a Assistente social me deu aquela notícia horrorosa que ninguém espera receber, dizendo que um estava vivo, mais que eu deveria ir ao necrotério vê o outro. Vê um que ta morto aí você toma logo um choque , pai a 1ª vez você toma logo um choque, vê aquela criança naquele estado, aí vem em sua cabeça se o cara disse que tava tudo ótimo, por aconteceu isso, aí você volta de novo vai a UTI e aí lá a criança cheia de aparelhos, as pessoas te enganando, por mais leigo que eu fosse eu via que tavam me enganando, ficavam me tapeando, não pai isso é tal coisa, isso é pra isso, aí eu vi o menino agonizando lá , aí eu fiquei muito revoltado , me deram remédio e eu apaguei lá no hospital, por que eu tava muito nervoso, desse dia então eu não pude ser mais companheiro dela por que eu tava muito revoltado. Aqui dentro dessa casa qualquer assunto que a gente ia falar, caía sempre na história dos bebês, eu queria esquecer mais não podia, tinha umas ciosas que a gente tinha comprado, eu entrava no quarto e tava tudo lá e aí eu acho que eu não fui um bom companheiro por causa da questão psicológica, eu fiquei muito abalado, eu não tenho nem pai, nem mãe aqui moram no interior e pra mim foi muito difícil, eu fiquei sem chão sem nada, eu ia pro trabalho ia por ir, meu patrão dizia assim oh! Sente lá, fique lá , eu não conseguia me desenvolver, aí depois nós resolvemos ter essa aí . Mais voltando a sua questão de origem eu não fui um bom companheiro pra ela nessa fase. A nova gravidez pra mim foi bom, foi ótimo, pra mim foi uma gravidez bastante tensa por que quando eu tive os 1º filhos e morreram, aí na gravidez dela acontecia coisas que aconteceram na gravidez anterior , a barriga ficava dura, aí eu ficava meio assim já na paranóia, eu pensava será meu Deus que vai acontecer a mesma coisa que aconteceu com os gêmeos, eu fiquei numa expectativa muito grande eu só respirei sossegado quando eu fui vê, nem acreditei quando a mãe dela disse que tava tudo bem. Só fiquei sossegado quando na maternidade eu segurei ela no colo, aí foi tudo beleza. Graças a Deus eu não tive o desprazer de conhecer o

médico, na época eu ficava caçando ele, me diziam ele ta ali , ta ali e eu nunca achava, e eu não conseguir mais não vai ser bom se ele cruzar o meu caminho não

8.Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez?

A violência prejudica tanto a mãe quanto o bebê, por que eu li numa revista que quando a mãe sente raiva, esse sentimento afeta o bebê, então eu procurei sempre deixar ela a vontade, não bater de frente, apesar que na gravidez era ela que me perturbava, eu não sei por que motivo mais era sempre ela que saia um pouco da linha, e eu procurava ficar na minha, numa boa.

ENTREVISTA 14 –João

1.Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

O homem dentro de uma casa tem a responsabilidade de ser o cabeça da casa, ele tem que ser sempre o mais responsável, pra dá providência nas coisas, ele é o chefe da casa então o compromisso dele é bem maior, ele tem que está constantemente se preocupando com tudo, enquanto ele faz essa função a mulher cuida de outras coisas, ela faz as coisas que eu não tenho tempo de fazer, além de cuidar da minha filha, da casa, cuidar da minha roupa , de mim. O homem a cada dia que passa procura ta buscando o sustento pra sua família, cada vez mais proporcionar conforto para eles. Eu não sou contra a mulher ta trabalhando fora, muito pelo contrário, eu acho que é até um crescimento para a família, enquanto um ta num emprego e o outro ta no outro, ajuda melhor por que as coisas tão muito difíceis hoje em dia e se a mulher trabalha também fora já ajuda no orçamento da casa, já melhora pros filhos.

2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Eu tenho pai e mãe vivos e ao todo são 6 filhos. Meus pais estão juntos até hoje, apesar se que teve algumas desavenças, mais não chegaram a se separar não. O problema lá em casa era que meu pai bebia muito, e quando ele bebia, ele se transformava, antigamente né , agora tá chegando a idade e a gente ta sempre de olho, eles tem quase

50anos de casado, agora sossegou mais, mais mesmo assim ele ainda apronta.O problema com eu já disse foi por causa da bebida, ele aprontava quando bebia, perturbava minha mãe, mais nunca foi de ter mulheres, apesar de tudo isso meu relacionamento com eles era ótimo. Com meus irmãos meu relacionamento era excelente, eu sou o único homem, o outro faleceu ainda pequeno, aí só tem eu no meio de tantas mulheres. .Casados ao todo, tem 4, eu e mais minhas 3 irmãs, ainda tem 1 solteira. Meus pais e minhas irmãs não seguem minha religião, eles ainda não foram tocados., teve uma que tomou a decisão, mais voltou atrás. Eu acho que quando uma pessoa entra pra religião tem que se converter e esquecer as coisas do mundo, deixar pra trás não pode ficar voltando, ou segue ou não.

### 3. Fale-me sobre sua relação com sua companheira ?

A primeira coisa que eu penso que para existir uma relação é preciso ter amor. Se um não amar o outro não tem como uma relação dá certo, senão a relação fica vazia. Pra mim o amor é a base da relação. Pelo que eu tenho oportunidade de ver, aqui onde eu moro, não há necessariamente um gostar do outro, só se dá bem, não há companheirismo, não há o amor, é muita desunião, muita briga, eu tiro pelo meu relacionamento, por que o amor sempre foi a base para o meu relacionamento com Rose. Eu acho que antes de uma pessoa se relacionar com a outra, vamos pensar, vamos sentar, vamos conversar, estudar, vamos planejar. Hoje em dia não, já quer morar, com dias já ta se separando, não pensa, não tem um projeto. Eu e Rose passamos um bom tempo namorando, se conhecendo, depois noivamos, tudo em seu tempo, nós casamos a nossa filha tinha 2 anos, depois de conhecer bem Veja bem, como eu sou cristão, a Bíblia diz que o marido tem que amar sua esposa, e a esposa amar seu marido, fora disso não está no padrão de Deus. Quando uma pessoa, passa a agredir a outra, namorado, marido, eu acho que essa pessoa precisa de um acompanhamento psiquiátrico, por que isso não é normal, eu acho até que é coisa do inimigo. A violência não é só a agressão física tem outras formas de ser violento, verbalmente, nos gestos, tudo isso. Eu acho que os

homens são mais agressivos do que as mulheres, as mulheres são mais carinhosas, embora tenha outras que são agressivas também, no geral os homens são mais violentos até pelo fato deles acharem que são superiores as mulheres, eu acho isso besteira. Isso nunca aconteceu comigo, não em outras oportunidades nem vai acontecer mais por que eu já conheço a palavra. A gente conheceu a palavra já tem 6 anos, todos nós freqüentamos a igreja e tudo, agora eu me converti tem 2 anos, nosso grupo é dia de sábado e domingo a reunião é na praia do Flamengo.

4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época de namoro ?

Meu relacionamento com R. na época de namoro foi muito tranqüilo como é ainda hoje, eu não acho que o nosso relacionamento tenha mudado com o casamento e sim consolidado, por que eu realmente tava com o propósito de formar uma família, tudo na sua hora, na época, eu morava com minha vó, e eu dizia a ela e ela me dizia: Deus vai lhe ajudar meu filho?, eu era muito sossegado, não namorava , até o dia que Deus botou ela na minha vida até hoje. Teve alguns eventos assim mais nada de tão grave assim, minha avó mesmo que não gostava dela, eu acho que por ciúme.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos ( se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Veio no momento certo, foi algo planejado, nós nos casamos e depois de alguns anos veio a criança, por que antes a gente tava construindo, ajeitando as coisas, pra depois ter a criança, quando ela nasceu tava tudo arrumadinho. Foi por que eu queria um filho homem, não foi feito de qualquer jeito, foi no tempo certo, a menina já tinha 10 anos. Com a gravidez não acho que houve nenhuma mudança, essa gravidez eu pude acompanhar melhor por que a outra eu saia de manhã cedo e só chegava a noite. Tive a oportunidade de poder ir pra palestra

no posto, leva-la ao médico, acompanhar de fato, e essa gravidez assim como a outra foi muito tranqüila.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Eu já li em revista, vi nos jornais que é prejudicial pra mãe e para a criança. A mulher pode ter vários problemas, até mesmo perder a criança e se a criança vier a nascer, pode vir ao mundo doente, com problema e outras coisas a mais. A mulher quando sofre violência, ela pode passar toda a raiva, a tristeza, o medo pra criança e isso é ruim para o desenvolvimento da criança.

ENTREVISTA 15 – Augusto

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

A mulher pra mim é responsável em ser uma boa dona de casa, o homem em outra coisa em ser o homem da casa correr atrás pra botar o alimento dentro de casa, correr atrás das coisas pro menino e a mulher ali dentro de casa ajudando o homem a cuidar da criança. O homem é o chefe da casa, a mulher ta em casa tomando conta da criança, fazendo a comida, lavando a roupa, bem a mulher dentro de uma casa não serve só pra ta fazendo a comida, lavando a roupa não, mais pra ser companheira, uma pessoa em quem a gente pode confiar, pode contar, entendeu? eu não acho que a mulher seja objeto não, que ela só se sirva pra cuidar de criança, fazer comida e essas coisas assim não. Ela tem que ser companheira, uma pessoa que goste da gente, uma pessoa que a gente se sinta bem, que a gente chegue e ela pergunte como foi seu dia, o que foi o que deixou de ser , lhe faz um carinho e tudo isso.

2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Minha mãe é falecida, meu pai é como se não existisse, por que ele não liga pra mim. Meu pai mora aqui em Castelo Branco, ele mora aqui mais é mesmo que não existisse, desde pequeno quem me criou foi minha vó, eu tenho uma vida muito difícil, entendeu? não tenho

emprego, corro muito atrás de emprego, entendeu?eu penso em ter uma vida digna, correr atrás de emprego, tirando documento, entende?, tento correr atrás pra manter o sustento de minha família, manter o meu alimento, do meu filho agora, eu tento mais não consigo, entendeu?eu queria uma coisa agora que eu saísse de manhã e só chegasse de noite, entende?, trabalhando, uma coisa fixa, por que bico, eu sempre faço. Eu sei que ta difícil, eu mesmo vendo na praia com minha avó, vendendo acarajé tem dias que dá já outros não dá nada e assim vai levando. Quando minha mãe faleceu eu tinha 1 ano e 6 meses, aí minha vó cuidou de mim, minha vó é mãe de meu pai, entendeu? então ela é minha mãe, foi a única que eu conheci, a outra só por foto. Meu pai tem outra família, mais não se casou não convive, ele tem outro filho mais que não é dele, ele registrou e tudo. Eu tenho uma irmã que é casada, ela foi criada por minha vó , mãe de minha mãe, quero dizer mãe de criação, madrasta. A mãe dela mesmo tinha falecido, a minha avó. Minha relação com minha irmã não é muito boa não, um tem um pensamento e o outro tem outro pensamento, a gente não se dá muito bem não. Meu pai não me ajuda não, não me dá nada, nunca me deu nada, é muito difícil minha vida e agora é pior ainda.

### 3. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época de namoro ?

Eu acho que o que é necessário para uma relação homem e mulher é que tenha confiança, pra mim é isso aí, um confiar no outro, um querer ajudar ao outro, entendeu? pra viver bem, pra mim se dedicar, o carinho, tudo isso aí. Por minha experiência e pelos fatos da vida, eu acho que os casais de hoje dão menos certo, estão se separando mais. Você veja meu caso com I. , faz 1 mês que nós estamos separados. A violência numa relação é o discutir, um querer desfazer do outro, um querer ser mais do que o outro, acho que tudo isso aí é uma coisa que não deveria existir no casal, entendeu? Mais ou menos isso aí, que chegou a ser o motivo de eu ter terminado com ela. Por que eu confiava nela e ela não confiava em mim, aí eu dei tanta confiança e ela, é como se ela tivesse me traído, ela mentiu pra mim, entendeu? eu

perguntei uma coisa a ela e ela me respondeu outra, aí outra pessoa me falou a verdade, aí me disse: M. , foi passado isso e isso, aí eu perguntei a ela de novo, ela mentiu de novo, esse foi o motivo de eu brigar com ela, aí a gente se separou, ela foi embora, levou o meu filho, aí toda semana eu pego o meu filho, dou a despesa dele e pronto. Ela ta morando com uma tia na calçada, agora era o momento que eu queria ela mais do meu lado pra criar nosso filho. Eu acho que um dos fatos que mais acontecem pra ter violência entre o casal é a traição. Eu acho que a violência sempre acontece na relação do casal, quando começa a brigar, daqui a pouco já acontece a pancadaria, chega ao ponto da pessoa perder o controle assim e acabar batendo na outra. O homem é mais violento, a mulher hoje em dia não ta pronta pra ta apanhando do homem. Eu acho errado o homem que bate na mulher, mais é por que o homem tem a temperatura mais quente, o homem é do momento, eu mesmo sou assim., eu sou uma cara muito frio, muito na minha, mais tem hora que a gente não consegue se segurar e perde o controle e acaba fazendo coisas que não quer fazer, quando passa ele já fez,aí vem o arrependimento e aí já foi feito, é.

4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época de namoro ?

Rapaz, ótimo, quando a gente se conheceu e tal eu achava que eu seria o homem mais feliz do mundo eu não tenho o que dizer dela não , ela é uma boa pessoa, eu não tenho o que dizer dela mesmo. A gente se conheceu e com um mês foi morar junto, meu pai me botou pra fora a mãe dela botou ela e aí a gente foi morar junto.O relacionamento com meu pai sempre foi muito difícil e está sendo até hoje, meu pai é assim comigo, assim como é com todos.Se ele é assim com a mãe dele que é a minha vó, você imagine., dizendo isso, eu to lhe dizendo tudo. É a natureza dele mesmo que é assim , ele ta com essa mulher agora já tem uns 18 anos, eu não sei muito bem da relação deles dois não, prefiro não comentar.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Eu acho que muda o relacionamento, depois que a gente junta as panelas, tudo muda. A gente tem ela como um caso mais sério e perde um pouco do encanto, mais eu acredito que o relacionamento muda pra melhor, por que o relacionamento fica mais sério, mais seguro, mais firme.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Não, a gravidez não foi planejada, não foi no momento que a gente queria. Foi num momento muito difícil, mas como eu sou guerreiro e ela também é, a gente correu atrás e tá aí graças a Deus. Eu peço muito a Deus que dê vida e saúde pra ele, pra mim, pra mãe dele pra que a gente possa criar ele. Por que a única coisa que eu queria mesmo agora, era o que eu disse a você, era um emprego, de qualquer coisa, pra que eu pudesse ganhar o meu dinheiro honestamente, pra comprar o leite de meu filho. Mudou um pouco assim a maneira de agir, tinha atitudes assim, que eu não gostava, como eu disse a você, ela deu pra mim esconder as coisas, a mentir, assim fazer o quê né? Nem tudo é como a gente quer, eu gosto muito dela, eu acho ela legal, uma pessoa muito boa. Eu acho que a gente poderia voltar, mais tem uma pessoa atrapalhando essa volta, dá muita opinião, não gosta de mim, essa pessoa é a tia dela, quero dizer tia de consideração, ela é amiga da mãe dela, ela faz a cabeça dela contra mim, entendeu? Aí ela foi pra lá e essa tia fica botando pilha pra ela me largar de vez. Aí a tia fica dizendo: - Há, se você quebrar a cabeça não me procure mais, até dela vim aqui, ela proibiu. Até uma queixa de mim na polícia, ela foi dá, a queixa foi por causa da briga, nós discutimos, eu bati nela e ela foi embora pra casa dessa tia. Depois eu fui lá e nós voltamos a brigar eu ameacei ela, ela também me ameaçou e pronto. Ela ficou com medo de que eu fizesse algo contra ela e contra a tia. Me proibiram de eu ver meu filho. Essa tia de consideração deve ter uns 37 anos e é divorciada, tem filhos e eu não sei muita coisa sobre ela não. Ela diz que a gente briga muito, e tudo que se passa I. conta a ela e ela não gosta de mim, ela acha que I. só vai ser feliz, longe de mim. Aí o que atrapalha ela voltar pra mim é essa tia dela.

## 7. Fale-me sobre violência contra a mulher no período da gravidez ?

Rapaz, eu acho que prejudica a mãe e o filho. Sei lá, ela pode ficar revoltada e prejudicar o menino, como fazer um aborto, o menino pode nascer logo também, nascer antes do tempo, tudo isso aí. Eu não gosto de falar disso aí.

### ENTREVISTA 16 – Gustavo

#### 1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Ele pra ser homem ter que assumir aquilo que ele faz, assumir o que ele faz desde quando ele é um homem de família, ser responsável, entendeu? ser responsável pelos atos dele. Os jovens de hoje nem sempre pensam isso mais assim, o meu relacionamento com Andréa foi um pouco assim, tumultuado, por que o pai dela não me aceitava. Hoje em dia ele leva assim mais na maré mansa mais ele não aceita nós dois juntos totalmente, desde quando eu comecei a namorar com ela, eu comuniquei aos pais dela sobre o nosso relacionamento. Isso me tornou mais assim....como eu tivesse que provar que eu tinha capacidade de assumir a filha dele, apesar de que eu não tenho um trabalho fixo, mais eu corro atrás pra dá a ela e ao meu filho. Homem que é homem assume sua mulher e seus filhos. Andrés enquanto mulher, ela cuida do nosso quarto, que a gente tem um quarto na casa da minha mãe, dorme eu ela e meu irmão, ela cuida do quarto, deixa tudo limpo, arrumado, lava prato, entendeu? Ela já trabalhou uma vez em casa de família, mais não deu certo, o pessoal gostou muito dela e tudo. O homem ta mais fora de casa buscando o alimento, Andréa no caso, além de cuidar da casa e agora do filho, ela não fica parada vende Natura, esses produtos assim.

#### 2. Fale-me sobre sua relação familiar ?

Eu tenho mãe, meu pai é falecido tem 4 anos. Nós somos em 12 filhos e meu pai teve mais 1 por fora, aí são 13. Graças a Deus eu com meus pais me relacionei muito bem, eu concluir o meu ensino médio por causa dele por que ele me dava muita força e minha mãe

também. Se ele estivesse vivo ele me agradeceria muito por isso, ele apostava tudo em mim eu espero que continuem apostando lá em cima. Eu nunca tive brigas com meus irmãos, apenas discussões, coisas normais entre irmãos . Depois que meu pai morreu minha mãe não quis mais ninguém, minha mãe conviveu com meu pai 30 anos, o único homem da vida dela foi ele mesmo. Dos filhos só tem uma casada e eu que pretendo me casar também, o resto tem mulher, filhos mais não são casados no papel. Todos tem sua vida, alguns tem até sua casa mais tudo é lá na casa da minha mãe. O ponto de referência é a casa da minha mãe. Na casa de minha mãe mora ao todo 10 pessoas, por que tem neto dela, entendeu? esses netos que moram lá foram de outros relacionamentos de meus irmãos que a mãe abandonou e moram lá, entendeu?os outros moram próximo mais sempre tão lá.

3. Fale-me sobre sua relação com sua companheira ?

Eu acho que numa relação, ela tem que me entender e eu entender ela, fazer as necessidades dela para ela fazer também as minhas. Tem que ter esse jogo, entendeu? um ajudando o outro. Entre eu e ela ta tendo muito entendimento e compreensão, não é 100% mais ta tendo sim, ninguém se envolve assim, na nossa relação, os problemas que acontece ela conta pra mãe dela, agora eu não sou de levar problema pra minha mãe. A mãe dela dá conselho a ela, e ela ouve tudo que a mãe dela diz..Mas a maioria dos casais não há esse entendimento, essa compreensão. A violência dentro de casa começa assim por um motivo besta,o marido faz ignorância com a esposa e ela também faz com ele, começa a partir desse momento e aí vai piorando né.Aí chega ao momento de meter a mão, partir pra violência mais agressiva. A violência não é só meter a mão, tem a violência verbal também, com palavras, nomes. Um tapa num instante passa, mais a palavra assim, um mal diálogo assim, pode prejudicar a mulher, ela perder o gosto por ele, e ele perder o gosto por ela e acabar se separando. O homem pra mim é mais agressivo, é mais possessivo, ele quer mostrar aos

amigos que é ele que manda dentro de casa, mais comigo não tem isso não. No mundo de hoje, o jovem não pensa assim não, quer logo partir pra ignorância

4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época do namoro?

Eu acho que o pai de A. não gosta de mim, por que na época de eu menino ainda, criança, o modo dele educar os filhos dele era diferente de meus pais. Ele acostumado a criar os filhos de um jeito, e eu sempre na rua, abusando, que eu não era flor que se cheire, ele achava que eu ia crescer daquele jeito e quando ele ficou sabendo que eu estava namorando com Andréa, ele não aceitou de jeito nenhum, hoje releva assim, mais eu percebo que ele não aceita ainda e também por que eu sou negro, ele é racista, ela não gosta que eu fale disso não. Mais ele é racista. Quando eu comecei a namorar com ela, ele mandou ela pegar um branco, ele dizia: -Pegue um branco, namore com um branco, e ele não é tão claro assim, ele é moreno da cor da senhora assim, e A. é moreninha não sei qual foi o caso. Já a mãe dela gosta muito de mi e aprova o nosso relacionamento, se ela fosse seguir a opinião do marido dela hoje em dia eu e A. não estaríamos juntos. Minha mãe adora A. tanto é que a gente mora lá. Na época de namoro a gente namorava bem, era bom o namoro, o pai dela não querer que a gente ficasse junto, atrapalhou muito, muito mesmo, a gente chegava a pensar em terminar, eu e ela mais nunca terminou não. O pai chegou a bater nela umas três vezes, mais a gente nunca se separou não, foi levando, levando. Eu fui o primeiro homem dela e ela queria ser a minha primeira também, quando ela soube ficou com raiva, com ciúme também. Também chegou ao ponto na relação de eu ser mais ciumento do que ela. Eu sempre fui apaixonado por ela mais não tinha ciúme mais agora eu tenho ciúmes sim, não sei qual foi o motivo.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Mudou sim , eu acho que a gente se aproximou mais , ta mais juntos, mudou pra melhor sim. O pai dela não fala mais nada, ta tudo bem graças a Deus só falta uma casa.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Quando a gente passou a ter relações, ela falou com a mãe dela que passou pra vó, que disse que não era pra ela evitar, por que ela poderia ter problemas depois e disse que se ela chegasse a engravidar não poderia voltar a trás e querer tirar. Avó conversou com ela que se realmente ela ficasse grávida não era pra tomar remédio pra perder nem nada que era pra usar camisinha. Aí ela ficou com a brincadeira dela dizendo que queria ter filho, eu dizia deixe de brincadeira Andréa, deixe de brincadeira, aí terminou acontecendo. No 1º mês ela ficou assim meio abatida, preocupada em dá o que falar aos outros. Depois continuou, ela gostou, a gravidez foi tranqüila sem problema.

7. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Ela, a mulher pode prejudicar o bebê e prejudicar ela também, é na hora que ela toma um tapa cai de mal jeito, cai por cima da barriga ou até mesmo se tomar uma queda de um lugar mais alto, corre risco ela e o bebê. Se continuar a gravidez tendo problemas pode acontecer da criança nascer com problema. E pode acontecer o pior, dela e o bebê morrer.

#### ENTREVISTA 17 – Pedro

1. Para você o que é ser mulher e o que é ser homem ?

Ser homem seria ter responsabilidade, ter um bom relacionamento com a esposa, com a família, ver a necessidade da casa e tal, tomar a frente de qualquer problema. Ser homem é ter responsabilidade mesmo, por que quando é jovem sai, vai a festa, é prostituto, pega um bocado de mulher, só para zoar, mas quando vira homem tem que ter responsabilidade com a casa, com a família que irá constituir e tudo, é diferente.

Ser mulher é quase a mesma coisa que o homem. Tem que ser pelo homem, qualquer decisão que ele tomar ela tem que ser por ele. Agora, nunca contradizer o homem, ela pode dá até a opinião mais a última palavra é do homem. Se a mulher for mãe também, tem que

ser uma boa mãe, tomar conta dos filhos e tal, aquele negócio. A mulher tem que ser responsável, tem que ter um bom caráter. Tem também, aquele tipo de mulher que quer ficar na agonia, na janela, em pagode, fofocando na porta dos outros, esse tipo de mulher, de pessoa pra mim é desorientada na vida. Ser mulher também é ter responsabilidade quase igual ao homem, se trabalhar também é quase a mesma coisa. A mulher tem que ser responsável por tudo, cuidar do marido, ser pelo marido, por exemplo: ela não pode ficar contra o marido em nada, quando estiverem sozinhos ela pode dá a opinião e coisa e tal, na frente das pessoas, nunca contradizer o marido.

## 2. Fale-me sobre sua relação familiar?

Minha relação familiar é boa. Meu pai tem uma cara que eu não vejo, ele abandonou minha mãe quando eu tinha 7 anos e aí eu tive um padrasto que batia na gente como se a gente fosse animal. Meu pai e minha mãe tiveram quatro filhos e com meu padrasto ela tem mais um. Eu não lembro da relação com o meu pai não, ele mora em São Paulo. A minha relação com meu padrasto no começo foi boa, depois ele bebia demais e fazia besteira, ele batia em minha mãe, batia em meus irmãos, batia em mim, aí eu fiquei revoltado, pensei em fazer uma besteira com ele, mais aí Deus levou. O fato dele bater na gente menos mal, mais bater em minha mãe foi demais, todo mundo lá, vizinhos, colegas me davam uma idéia, faziam propostas pra eu acabar com ele, matar mesmo. Só foi dada queixa dele na Delegacia uma vez, pois minha mãe ficou com medo, por que ele dizia que ia matar todo mundo, aí a gente ficava calado, não podia fazer nada. Aí até que teve um caso que ele abusou da menina de lá da rua, não sei direito a história por que eu não estava na hora, o que eu sei de concreto é que ele tentou abusar da filha de um rapaz de lá, aí o rapaz disse que ia matar ele, aí minha mãe acrescentou mais um motivo pra ele se mandar mesmo de lá. Minha mãe já estava separada dele há muito tempo, ela dizia que dormia na mesma cama mais não tinha nada com ele mais. A menina que ele tentou abusar tinha uns nove pra dez anos, não foi

parar na Delegacia não por que o pessoal lá faz justiça com as próprias mãos. Ele tentou voltar mais minha mãe dizia que o pessoal da menina estava procurando por ele, hoje em dia ele tem outra família lá no Rio de Janeiro. Quando eu lembro do que aconteceu eu fico com raiva dele mais aí eu me lembro do que ele fez de bom no começo. No começo ele foi muito amigo, na maioria das vezes foi um pai pra mim, tinha o lado bom que ele dava as coisas, ele era caldeireiro, dava presentes, teve uma vez que ele me deu uma bicicleta, mesmo que depois ele tomava pra vender, aí quando eu cresci a comunicação foi se tornando mais difícil. Sempre quando ele bebia, ele era bastante violento, a relação de violência pra mim foi essa. Minha relação com minha mãe é boa apesar da gente não tá mais morando juntos. Quando meu padrasto me batia muito eu ficava meio chateado com ela, mais com um minuto de conversa ela me ganhava e a relação com meus irmãos é boa. Moro hoje com L. , minha irmã, meu cunhado e as três filhas dele que L. toma conta.

### 3. Fale-me sobre sua relação com sua companheira ?

Tem que ser uma relação boa né? Não ficar discutindo direto, só briga boba que se resolve no mesmo dia, por que se é casal mesmo e fica brigando direto, fica três ou quatro dias sem se falar, pra mim isso não é casal, é um arranjo. O homem tem que ser mais amigo e a mulher também mais amiga do que qualquer outra coisa. Por exemplo: é como um colega/irmão que a gente gosta tanto e que nunca brigou. São homens e mulheres de cabeça fraca. Por que não é só o homem que é violento, tem muitas mulheres aí que briga com o homem, saí na mão e tudo, essas mulheres brabas aí. Mais o homem também quando chega a esse ponto ou não gosta da mulher ou por que bebe demais. Chega em casa embriagado aí comete a violência. A violência é por que a pessoa tem a cabeça fraca, a mente fraca, age por impulso.

### 4. Fale-me sobre sua relação com sua companheira na época de namoro ?

É boa também, a gente discute mais é um minuto pra gente se entender de novo. Nós somos mais amigos do que marido e mulher, a gente conversa muito, por exemplo: dia de sábado mesmo que eu to em casa, a gente conversa muito, a relação da gente tem muito riso, sempre a gente tá brincando, fazendo graça um pro outro. A gente não se conheceu no colégio foi na rua mesmo. Eu fui morar com L. , depois de um mês de namoro por que ela teve um problema muito sério, não tinha onde ficar, aí eu sou uma pessoa que me envolvo com os problemas dos outros, por solidariedade, sei lá. Não foi o momento que eu dissesse que agora eu quero casar, não sei pra ela? Foi algo muito rápido, ela ficou até meio sem jeito no início. Aí assim que eu conheci ela, mesmo tendo pouco tempo, não acreditei nas coisas que aquela mulher disse dela. Ela era ex-patroa dela, elas se davam muito bem, saíam juntas e tudo, até que ela falou que ela tinha abusado da menina pequena, até o marido da mulher não acreditou, até hoje eu também não acredito, ela não tinha provas nenhuma. L. me dizia que tinha uma menina lá que tinha inveja do trabalho dela, aí eu acho que quando uma pessoa não tem Deus no coração, pode fazer muito pra prejudicar outra pessoa, como fazer macumba, aí ela saiu do trabalho, a mulher ficou com raiva dela, aí uma vez ela ligou pra lá e quem atendeu foi a mesma menina que tinha inveja do trabalho dela., ela tava trabalhando lá. Ela morava na casa dessa patroa, a patroa saía e levava ela sempre junto, dava roupas pra ela e tudo. Aí quando ela saiu de lá foi pra casa de um irmão de consideração, ele era um colega que ela conheceu desde pequena, quando soube o que havia acontecido chamou L. pra morar na casa dele com a esposa, só que a ex-patroa conhecia a mãe dele e aí falou um bocado de coisas, aí ele ficou todo diferente com ela. Eu conheço a mãe dela há muito tempo, o padrasto dela é traficante e ela tem muito medo dele, ela me disse que ele tentou abusar dela, aí ela foi morar com o padrinho, com a tia.

5. Fale-me sobre sua relação com sua companheira depois que passaram a morar juntos (se for o caso) ?

Resposta acima.

6. Fale-me sobre sua relação familiar/conjugal depois da gravidez ?

Eu fiquei um tempo diferente com ela, por causa da situação financeira da gente, por que também eu to numa oficina que ta começando também, não to num nível bom assim, ta cedo ainda, isso tava me perturbando mais já melhorou. Eu moro com minha irmã e meu cunhado e as três filhas deles, aí eles ficam me chamando de besta, por eu ser novo podia ta curtindo a vida e tal. Curtir a vida é ser prostituto, ficar pegando uma e outra, pra lá e pra cá, por que por exemplo um homem solteiro que pega uma pega outra, tudo bem, mais quando é casado é errado, a bíblia diz que é pecado. Eu frequento a igreja mais não sou fixo não. Esses homens que pegam uma aqui outra ali não ganham nada não é só curtir. É tem constrangimento sim morar em uma casa tão pequena com tanta gente, e o marido de minha irmã também é meio grosso também, os dois não se falam não, quer dizer só o básico. No início eles se estranharam, ele chegou a xingar e dizer que ia bater nela mais não aconteceu nada não, ele tava errado mesmo, mais foi só uma vez.

6. Fale-me sobre a violência contra a mulher no período da gravidez ?

Se ela receber um golpe na barriga pode perder o filho alguma coisa assim, se tiver numa relação de conflito ela pode ficar nervosa e ter problema. L. mesmo eu sempre digo que ela se estressa muito com as meninas, peço pra ela ficar na dela dormir um pouco, ler que ela gosta de ler, escrever, deixar um pouco pra lá, já disse pra ela não se estressar muito não, mais acredito que isso não venha prejudicar tanto a ela ou a criança. Não sei de fato como essa casa tão pequena vai comportar mais uma criança, mais aí eu penso que minha irmã tem três filhas e já morou em um vão menor do que essa sala aqui. Atrapalha um pouco, às vezes o nosso relacionamento, as vezes a gente quer fazer um carinho, mais sempre surge as oportunidades, quando minha irmã mesmo vai pra igreja com as meninas, meu cunhado sai, e aí dá pra rolar alguma coisa.

ANEXOS